



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

ÁREA DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA
MATEMÁTICA E SEUS FUNDAMENTOS FILOSÓFICO-CIENTÍFICOS

**ESCRITAS EM DIVÃ: ENCONTROS ÉTICO-ESTÉTICO-POLÍTICO
EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

JOÃO ROBERTO BÊTA CASAL

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS

RIO CLARO - SP

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS
CÂMPUS DE RIO CLARO

JOÃO ROBERTO BÊTA CASAL

**ESCRITAS EM DIVÃ: ENCONTROS ÉTICO-ESTÉTICO-POLÍTICO EM EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Roger Miarka

Rio Claro – SP
2023

C334e Casal, João Roberto Bêta
Escritas em divã : encontros ético-estético-político em educação
matemática / João Roberto Bêta Casal. -- Rio Claro, 2023
139 p. : il., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro
Orientador: Roger Miarka

1. Políticas de Escrita. 2. Experimentação. 3. Filosofia da
Diferença. 4. Escrita Acadêmica. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS
CÂMPUS DE RIO CLARO

JOÃO ROBERTO BÊTA CASAL

**ESCRITAS EM DIVÃ: ENCONTROS ÉTICO-ESTÉTICO-POLÍTICO EM EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas do
Câmpus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Mestre em Educação Matemática.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. ROGER MIARKA

IGCE / UNESP/Rio Claro (SP)- Orientador

Prof. Dr. CÉSAR DONIZETTI PEREIRA LEITE

IGCE / UNESP/Rio Claro (SP)

Prof. Dr. FILIPE SANTOS FERNANDES (UFMG)

FaE / UFMG/Belo Horizonte (MG)

Conceito: Aprovado

Rio Claro/SP, 29 de setembro de 2023.

Aos meus pais, José e Maria, pelos
ensinamentos de vida e pelos cuidados com
Aos que se colocam a produzir e
habitar a academia de outras formas,
com coragem e perseverança.

AGRADECIMENTOS

Em um trabalho que compõe junto a encontros, que versa sobre escrita, os agradecimentos se tornam parte substancial. Um agradecimento aos encontros que tive em minha caminhada, que me propiciaram estar aqui junto a esse texto.

Especificamente, gostaria de agradecer, primeiramente, aos meus familiares, José, Maria e Pedro. Agradeço a todo cuidado e a todos os momentos que estiveram comigo.

Esse trabalho não seria possível sem o apoio, a confiança depositada e a parceria do meu orientador Roger Miarka. Pelo apoio e confiança no processo de pesquisa e escrita. Por todo aprendizado e por ter contribuído nesse meu processo de formação. Por todo sorriso, incentivo e compreensão nos diferentes momentos da vida. Agradeço pela orientação na formação acadêmica e humana.

Agradeço ao meu grupo de pesquisa *Coletivo Cronopies+!* Por todas as discussões, apoio e compartilhamentos de leitura. Vocês são parte desse texto, uma escrita de múltiplas mãos, de múltiplas leituras e discussões. Uma família que se coloca a pensar com a Educação Matemática. Um agradecimento especial aos integrantes Ronilce Lopes, Heinrich Santos, Jorge Orjuela, Camila Hardt e Lucas Cruz, pelo auxílio, em momentos distintos e de diferentes modos, na composição desse trabalho.

Agradeço ao cortiço e seus habitantes/integrantes, pelos momentos que compartilhamos juntos. Adrielen, Maieli, Wanderson, Jorge, Jokasta, Jamaal, Heinrich, Ronilce, Guilherme e Iria, agradeço por todos os momentos de alegria e às risadas que compartilhamos juntos. Em particular à minha irmã de vida e companheira de moradia, Ana Carolina Rangel, pela parceria e apoio em todas as fases da execução desse trabalho, desde o período em que pisamos em Rio Claro, até a nossa despedida do cortiço.

Um agradecimento especial à Sônia Clareto, Samuel Bello, Cesar Leite e Filipe Fernandes. Aos dois primeiros, por aceitarem participar das entrevistas e pelas conversas e indicações que foram de grande aprendizado. Ao Cesar e Filipe por aceitarem fazer parte da banca. Além do cuidado, indicações e palavras que fizeram parte da qualificação e defesa, que foram de extrema importância para o texto que aqui se encontra.

Junto a Sônia e ao Cesar, agradeço aos grupos travessia e Imago, respectivamente, por me acolherem tanto no grupo quanto nas disciplinas. Afetos que encontram lugar nesse trabalho.

Ao PPGEM - Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP- Rio Claro. Aos docentes, funcionários e discentes, que auxiliam na formação de cada um que por ali passa. Um obrigado especial à Inajara e Heloisa da Silva.

Por fim, gostaria de lembrar daqueles que propiciaram o apoio financeiro a essa pesquisa. Agradeço a concessão da bolsa de pesquisa para que esse trabalho pudesse ser realizado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, principal agência financiadora desse trabalho.

Agradeço também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq –, por financiar parte do trabalho.

Escrever é procurar entender,
é procurar reproduzir o irreproduzível,
é sentir até o último fim o sentimento
que permaneceria apenas vago e sufocador.
Escrever é também abençoar uma vida
que não foi abençoada.

Clarice Lispector, A descoberta do mundo.

RESUMO

A presente pesquisa se ocupa em problematizar a escrita acadêmica em Educação Matemática. Para tal, se permite movimentar por encontros com teses e dissertações e entrevista e... a fim de experienciar junto aos modos diversos de escritura. Em uma pesquisa em devir nômade, opera metodologicamente no campo da experimentação, por meio de um movimento de exploração de modos diferentes de estar e produzir no mundo. Para isso, se vale de entrevistas com os líderes de três grupos de pesquisas que assumem uma preocupação estética na escrita de suas pesquisas, a dizer: o Grupo Travessia, da Universidade Federal de Juiz de Fora, o Grupo Escrelaturas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e o Coletivo Cronopies+, da Universidade Estadual Paulista. Opera com seções em formas de sessões de análise, escapes nomeados de devaneios e experimentações com a escrita em uma pesquisa que versa sobre a própria escrita disparadas pela entrevista com cada grupo. Assume a análise da própria pesquisa e escrita enquanto produção de singularidades, sem a tentativa de produção de uma verdade sobre o tema da pesquisa. Assim, o trabalho se encontra junto a grupos de pesquisa que se ocupam em pensar a escrita acadêmica de uma outra maneira, não emitindo juízo de valores, mas operando junto à diferença. Com isso, espera explorar potências em habitar a academia de uma outra maneira materializadas pela escrita, assim como vislumbrar potencialidades de produção de outras academias e de outras vidas.

Palavras-chave: Políticas de Escrita. Experimentação. Filosofia da Diferença. Escrita Acadêmica.

ABSTRACT

This research deals with problematizing academic writing in Mathematics Education. To this end, it allows moving through encounters with theses and dissertations and interviews and ... in order to experience together the different modes of writing. In a research on a nomadic becoming, it operates methodologically in the field of experimentation, through a movement of exploration of different ways of being and producing in the world. For this, it uses interviews with the leaders of three research groups that assume an aesthetic concern in the writing of their research, namely, the Travessia Group, from the Federal University of Juiz de Fora, the Escrileituras Group, from the Federal University of Rio Grande do Sul, and Coletivo Cronopias+, from the State University of São Paulo. It operates with sections in the form of analysis sessions, named escapes from daydreams and experimentation with writing in a research that deals with writing itself triggered by the interview with each group. It assumes the analysis of research and writing itself as the production of singularities, without the attempt to produce a truth about the research theme. Thus, the work is together with research groups that are concerned with thinking about academic writing in a different way, not issuing value judgments, but operating along the difference. With this, it expects to explore potentialities in inhabiting the academy in another way materialized by writings, as well as envisioning the production potential of other academies and other lives.

Keywords: Politics of Writing. Experimentation. Philosophy of Difference. Academic Writing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A Persistência da Memória. Salvador Dali (1931).....	98
Figura 2 – The monster inside me. Brandon Stewart.....	100
Figura 3 – Obra de Alexandre Rola, Encontro (2017).....	105
Figura 4 – Banksy, Soldier throwing flowers.....	107
Figura 5 – Capa da Revista de Antropofagia. 1928-1929.....	109
Figura 6 – Côncavo e Convexo. M. S. Escher. Litografia (1955).....	120
Figura 7 – Engenharia acrobática. Rob Gonsalves (2008).....	121
Figura 8 – Boy with Machine, Richard Lindner (1954).....	131

Sumário

Primeira Sessão:

Escrevivendo

p.13

Segunda Sessão:

Travessando

p. 34

Terceira Sessão:

Escreleiturando

p. 58

Quarta Sessão:

Cronopiando

p. 74

.....Devaneios..... p. 96

...Operantes Bibliográficos..... p. 135

Primeira sessão: Escrevivendo

— Olá, Boa tarde.

— Boa tarde.

— Qual é o seu nome? Poderia falar um pouco sobre você? Pode ficar à vontade para me contar o que quiser.

— Claro! Meu nome é João. Mas essa segunda pergunta não é nada fácil de ser respondida. Dizer algo sobre mim sempre me pareceu complicado, pois nem eu mesmo sei quem sou. Me definir por gostos, também, pois penso que fazem parte de mim e de quem sou, mas não definem esse meu caminhar vagabundo. Em constante movimento, vagueio pelas ruas, afirmando sua potência junto aos encontros e desencontros que ela proporciona. Da Literatura ao cinema, do restaurante ao botequim, da universidade à rua, encontrando abrigo nos espaços em que me permito pousar. Nascido no Rio de Janeiro, chamado por carioca. Sem lugar fixo, desloco minha oca por onde a vida me levar. Do Rio a São Paulo, de São Paulo a Pernambuco, de Pernambuco ao Rio, do Rio a Alemanha, da Alemanha ao Rio, do Rio a São Paulo... Constituído dos movimentos que a vida me proporciona. Licenciado em Matemática pela Universidade Federal Fluminense, em uma constante de idas e vindas entre duas cidades, Rio de Janeiro e Niterói. Um corpo produzido junto às viagens. Amante das miudezas, da potência do menor, das pequenas coisas, dos pequenos atos, daquilo que não é visto na superfície. Agora estou eu aqui, um corpo pesquisador pousando em Rio Claro. Na verdade, esse é um possível João, um estranho no ninho.

— Olá, João! Seja bem-vindo! Poderia falar um pouco do que te trouxe até aqui?

— Não sei por onde começar. Bem..., poderia falar do meu passado ou de algumas questões que me fizeram chegar até aqui, mas no momento não é isso que vem dominando meus pensamentos. Gostaria de falar especificamente de um ponto, da escrita de minha dissertação. Penso que talvez seja isso que tenha me trazido até aqui, mas não somente isso, como uma bexiga que vai sendo soprada até um ponto que estoure. O último sopro é o que fica na memória. Talvez, se não tivesse soprado mais uma vez, a bexiga continuasse cheia, mas em algum momento seria estourada. Algo faria com que essa bexiga fosse estourada: um sopro, o tempo, causas que não

são determinadas a priori e sim após o acontecimento. Sinto por vezes uma angústia frente a minha escrita, frente à escrita na academia. Muitas vezes me vem um vazio nesse processo, tanto na estruturação do texto quanto na própria produção da escrita. As palavras somem, as ideias se dissipam, a ansiedade ataca. Como em uma mistura de diversas sensações que me aprisionam em um local. Me sinto preso em uma estrutura que me aflige, que parece sempre dominar as tentativas de fuga daquele espaço, como em um território, onde seus limites cercam e delimitam o que estão ali dentro. A escrita tem me consumido e tem tirado meu sono. Me coloco a escrever e o que faço não parece se adequar à estrutura de um texto acadêmico, principalmente de uma dissertação. Mas o que seria uma dissertação ou uma tese? Um texto contendo introdução, desenvolvimento e conclusão? Um texto claro e objetivo, sem ambiguidades? A exposição de uma pesquisa? Um texto produzido em um espaço em que se faz necessário para a obtenção de um título? São perguntas que me sufocam, que arrastam milhares de sensações. Já me questionei se pertenço a esse espaço, já achei que ali não fosse meu lugar. E esse não me encaixar a uma norma traz um sentimento de ser um vagabundo.

— E qual seria o problema de ser um vagabundo?

— Logo me recorre ao sentido de um ser marginalizado, aquele que não possui um caminho definido, um errante.

— E o que você sente ao ser um vagabundo?

— O vagabundo desperta uma pluralidade de sentimentos, entre eles o desconforto, incômodo que se estabelece na relação com o externo, o fora, um outro que não é admitido pelo estado. Por vezes não parecem ser compreendidos.

— Então, o que poderia o vagabundo?

— Um vagabundo vive se contrapondo a um projeto de domesticação do tempo e dos corpos. Um vagabundo não se sujeita às leis da cidade. Sua vida se dá no movimento errante, nos escapes, na subversão de um modelo de vida que busca uma universalização dos corpos. Tá aí... talvez um vagabundo não se caracterize pelo que é, mas por seus atos de resistência. Lembrei agora de Manoel de Barros, que dizia ter comprado seu ócio para ser um vagabundo profissional. Manoel de Barros, um vagabundo que torceu as estruturas da língua, da academia.

Talvez as coisas me incomodem, não por uma impossibilidade de se enquadrar a um certo modelo, mas por pensar que o que tenho a relatar, que as afetações que se dão junto à pesquisa, não estão comportadas em um modelo universalista de

escrita, uma batalha entre o proibido e o permitido, em que alguns são destinados a viver à margem.

Mas que podem aqueles que escapam de um modelo hegemônico, para os que produzem em uma outra relação, para os vagabundos? Para os que assumem outras formas de estar no mundo? Escrita também é vida, não? Como também é mundo. Pensando aqui... Que pode escritas vagabundas? Escritas que assumem uma outra forma de estar junto à academia.

— Então agora você se enxerga como um vagabundo?

— Parece que sim. Aí, é muito difícil se classificar como algo. Mas talvez possa pensar nas possibilidades de uma escrita vagabunda, aquelas que se colocam a operar o espaço de outra maneira. O vagabundo, assim como o nômadeⁱ, são seres que estabelecem uma vida errante como política de sua própria existência. São criaturas que não obstante se relacionam de outra maneira perante o território. Tá aí, gostei! Vagabundo, escrita vagabunda. Uma escrita que se permite subverter, se deslocar de um modelo dominante de habitar um território. Uma escrita menorⁱⁱ. Gostei. Irei chamar essas escritas de escritas vagabundas. Escritas que tem uma relação por muitas vezes conturbada com os outros, mas que afirmam um outro modo de estar no território. Escritas que podem se tornar objetos de minha pesquisa, encontros que deslocam, que abrem caminhos para outras estéticas, para outras escritas vagabundas.

Táí... pesquisar sobre escritas que fogem a um modelo dominante de produzir na academia. Quero pesquisar sobre e com escritas vagabundas enquanto vagabundeio.

— Hum... Fale-me mais de como você vagabundearia com essas escritas.

— Olha... escritas vagabundas estão por toda parte. Acho que eu me ocuparia de escritas que resistem, subvertem e se deslocam de um modelo acadêmico de produção, tais como teses e dissertações.

— Teses e dissertações?

— Sim... Parece haver algo potente, mas contraditório, nessa combinação entre teses e dissertações e as escritas vagabundas. Talvez a potência esteja nessa contradição. Afinal, são textos acadêmicos por serem produzidos e legitimados na academia, avaliados e julgados por uma banca examinadora, mas que ao mesmo tempo operam com uma escrita que pode desafiar a academia.



Desculpa acabei me distraíndo. Isso é comum, acontece frequentemente. São devaneios que me deslocam de um certo fluxo linear de pensamento.

— Fale um pouco mais sobre isso.

— São viagens, fugas, espaço de criação, momentos em que pareço fugir da realidade, onde... pensamentos vêm e me fazem viajar. Pensamentos nômades, não há uma residência própria e eterna. Uma fuga da realidade. Pensamentos que parecem misturar o imaginário e o real. Eles aparecem de diversas maneiras, como imagem e ideia e lembranças e afetos... Não tenho o domínio do que irá aparecer, eles somente aparecem. Isso me causa problemas muitas vezes. Em um local como a universidade, onde a atenção é sempre requisitada, onde não resta tempo para sonhar, para criar em um outro território, outro mundo, desfocar é um problema.

Estou falando de devaneio, mas não sei se há um nome para isso.

— Esses devaneios são seus?

— A princípio sim.

— E para que nomear algo que é subjetivo?

— Hummm... Não sei! Parecem ser espaços de fuga, momentos meus de desterritorialização. Mas não sei se me pertencem. Podem me pertencer, mas não somente a mim. Parece uma contradição, mas... não se trata de uma oposição.

— Como assim?

— Humm... Por exemplo: isso também acontece com a escrita. Ela se estabelece na relação daquele que lê com o que está escrito e, aí, “Qualquer um pode, então, apoderar-se dela, dar a ela uma voz que não é mais ‘a dela’, construir com ela uma outra cena de fala, determinando uma outra divisão do sensível”ⁱⁱⁱ. Assim, a escrita destrói “todo fundamento legítimo da circulação da palavra e as posições dos corpos em um espaço comum^{iv}.” Ela já não tem dono.

— Então para quem você escreve?

— Escrevo para mim e para os outros, mesmo não sabendo quem serei eu, nem quem sejam os outros. Escrevo junto a encontros com desconhecidos que estão por vir. Não há um destino, assim como não sei a quem se destina.

— Mas há uma intenção?

— Ouvi dizer uma vez que a escrita é sempre inaugural e é isso que a torna perigosa e angustiante. Não há, a priori, um ponto de chegada. Não se sabe aonde

vai chegar. Ela se constitui no futuro e penso não haver sabedoria o suficiente que a proteja disso^v. Ela é um caso próprio de devir^{vi}, em que são produzidas novas alianças e conceituações durante o processo. Seu futuro é incerto, mesmo sendo ele o seu sentido constituinte. Julgo não haver um caminho que siga sem desvios, sem retornos, apagamentos. A escrita me parece realizar-se como ponto de realimentação e transformação do pensamento, o eterno retorno, diferença e criação. Penso na escrita como aquela que testa. O texto que testa. E não me parece haver uma forma certa ou segura de escrever um texto ou de uma experimentação que não seja dada no teste, na escrita e reescrita, experimentando, testando.

— E isso te aflige de alguma forma?

— Por vezes. Enquanto escrevo, já não sei onde estou, me sinto entre dois mundos: na borda entre a ficção e a realidade, desterritorializando e as transformando em um dual, um duplo que subverte as subjetivações dominantes. Escrevo sobre uma linha que mistura as experiências. Escrita e pesquisa e vida e... se configuram em uma santíssima trindade ou mesmo em uma n-dade, paradoxo que possibilita o uno e o múltiplo, mas diferente de qualquer aspecto religioso, um uno que não se diz totalizante, mas que explora as multiplicidades.



— A ficção e a realidade, essa dispersão. Você anda misturando um pouco as coisas.

— É..., por vezes parece que falo de mim. O pesquisador, a pesquisa e a escrita parecem se confundir nesse processo. Já não sei quem fala, a cada linha, pareço outro, tenho encontros com outros que possibilitam novos eus.

— Como assim, outro?

— A escrita me traz uma sensação de atualização de quem escreve, assim como é atualizada por ele, em uma relação mutualística.

— Você fala da academia como um espaço onde parece existir um poder totalizante da escrita, em que estruturas já estabelecidas fincam estacas que cercam um território. Essa sua relação com as formas de produção na academia parece te frustrar e você não sabe como lidar com isso. Gostaria de saber um pouco mais sobre isso: a academia restringe esses trabalhos, restringe outras formas de escrita?

— De certa forma, não, pois eles estão presentes nela. Mas há cochichos, vozes que ecoam pelos corredores, lutas internas nos departamentos. A vida pode se tornar difícil para quem o faça, para quem opte por se deslocar. Um deslocamento que não imprime uma negação da existência do território da escrita acadêmica, mas sua transformação, uma desterritorialização da estética. Isso não quer dizer que também não aconteça com quem produza segundo uma estrutura acadêmica para a produção de textos. São opções e escolhas que ao serem assumidas podem gerar consequências. São opções relacionadas a políticas de escrita.

— Como assim?

— Não sei como explicar, mas... Não se trata de escrever sobre política. A escrita é política, porque “é um conceito de um ato”^{vii}, “por pertencer à constituição estética de uma comunidade”^{viii}. Da mesma forma em que é estética, como “uma forma de visibilidade do que é próprio e do que é comum”^{ix}. Não sei se há como pensar em sua dimensão estética sem pensar em uma política. A política e a estética de uma escrita parecem assim estar relacionadas. Pelo menos para mim. Assim, a entendo como uma zona de experimentação, relacionando o termo política a um processo de subjetivação de uma certa forma de escrever. O plural abre caminho para outros princípios, outras formas de operar, um contraponto a uma política acadêmica que se apresenta como única possibilidade. Um rabisco que se move, uma escrita movimento, um movimento de escrita que também se faz político ao questionar, mesmo que indiretamente, as condutas culturalmente estabelecidas.

— Há trabalhos que se deslocam, como você diz, e eles assumem uma responsabilidade junto a essas escritas. Assumem uma política de escrita, seria isso?

— Sim. É para esses trabalhos que desejo olhar em minha pesquisa. Teses e dissertações que fogem de uma escrita acadêmica normatizada. Que desterritorializam uma estética para a escrita nesse espaço, tomando cuidado com os perigos de não tratá-las como uma contemplação, um novo modo totalizante a seguir^x. Mas, sim, afirmando outras formas de produzir na universidade.

— Novamente aparece as Teses e Dissertações. Você não estaria assumindo muita coisa nesse plural?

— Sim. Essa questão me deixa um pouco aflito. Como selecionar os textos. Como selecionar textos que trabalham com uma política de escrita, que exploram outras estéticas. Poderia procurar pela palavra-chave ou em banco de dados e assim selecionar os textos. Mas quantos trabalhos trabalham diretamente com essas

questões na área? E depois: como selecionaria, de acordo com meu gosto pessoal? Classificaria em quem foge mais ou menos? Não sei o que fazer. Já sei! Seriam muitos trabalhos para olhar e investigar se assumem ou não uma política de escrita. Por que não olhar para alguns grupos de pesquisa que assumem outras estéticas em suas pesquisas? Pensar em outras estéticas é também olhar para as múltiplas possibilidades de produção na academia. Assim, posso trabalhar junto a grupos de pesquisa que operam junto à educação matemática. E aí outra pergunta viria em seguida: quais grupos escolher? Arrastaria o mesmo problema do questionamento anterior. Caso optasse por escolher o grupo, não estaria eu idealizando a escrita? Não estaria emitindo um juízo de valores em relação a essas escritas? Não estaria eu, de certa forma, classificando previamente esses grupos como aqueles que fogem? Talvez a questão seja partir de um lugar, de um trabalho que movimente o espaço acadêmico e traga algumas reflexões sobre a própria escrita. E aí... essa poderia ser a entrada em um grupo de pesquisa. Não necessariamente o grupo irá trabalhar, ou pensará sobre questões que envolvam a escrita. Poderia investigar mais teses e dissertações dentro do grupo que assumam uma escrita diferenciada.

— Você está tentando reduzir a quantidade de textos a trabalhar, pois seriam muitos e também não quer selecionar essas escritas a partir de suas concepções, é isso?

— Sim.

— João, você percebe a todo momento essas duas questões estão em disputa?

— Como assim?

— Em um certo momento você tenta reduzir, limitar o número de trabalhos a serem investigados. Ao mesmo tempo em que não quer selecionar você mesmo esses trabalhos.

— É verdade... Estão em disputa... Pensando aqui, porque não pensar em entrevistar os líderes desses grupos. Pesquisadoras e pesquisadores que orientam alguns dos trabalhos produzidos dentro do grupo. Eles conhecem os trabalhos que desterritorializam uma academia junto a uma escrita. Então, eles poderiam até mesmo indicar quais desses trabalhos estão mais próximos ou dialogam com aquilo que pretendo pesquisar.

— Você trabalhará com os trabalhos e a entrevista em um certo grupo. Mas você só trabalharia com um grupo?

— Não, pretendo trabalhar com mais de um, para não ficar em uma questão de identidade de um grupo. Aí... pensei, aqui agora, que voltaria à mesma questão da disputa que havia relatado anteriormente após a primeira entrevista. Hummm... já que a entrevistada ou o entrevistado irá selecionar as teses e dissertações das quais foi orientadora ou orientador, por que não pedir para que ele indique outros possíveis entrevistados que trabalhem com a questão da escrita? Eles devem conhecer alguns nomes. Então, é isso. Eles indicarão o próximo nome e aí o mesmo processo que te falei volta a acontecer: como em um critério de rede, onde os próprios entrevistados indicam outros possíveis entrevistados. Isso ajudaria a limitar os textos para os quais eu quero olhar...

— Interessante isso que você coloca. Você deseja olhar para esses textos que você diz desterritorializar uma estética da escrita. O ato de olhar propõe um certo distanciamento daquilo que você pretende observar. Por que não assumir você mesmo essa escrita?

— Não sei... Acho que são as forças que me empurram de um lado a outro. Produzir uma escrita segundo uma certa forma privilegiada, uma dada estética, na academia também está relacionada a uma política. Mas talvez não me sinta à vontade para escrever dessa forma. Uma outra questão política relacionada à escrita. Assumo, assim, mesmo não sabendo até onde isso foge de uma escrita dada e penso que o principal nem seja tentar qualificar as fugas, emitir juízo de valores, procurar o que subverte mais ou subverte menos, o quanto essa dissertação escapa ou não. Mas assumir que essas escritas rompem com uma norma, com uma estruturação da escrita, produzindo singularidades que emergem e transformam e habitam e.... um pesquisar. As escolhas metodológicas e as questões de pesquisa e a área e o corpo pesquisador e... influenciam a escrita.

— Refaço a pergunta: por que não assumir?

— Assumo uma pesquisa e escrita vagabunda, uma escrita que se põe a vagar em movimentos de devaneios, viagens que permitem encontros outros, que se deslocam de um pensamento dominante junto à escrita, junto ao que pode uma escrita.

É invadida por um movimento errante. Um vagabundo que tem todas as ruas da cidade, que ao habitar um espaço o ressignifica, que se coloca a viajar, perambulando pelas ruas escuras, por muitas vezes viajando no mesmo lugar, em intensidade. Um plano de fundo que é atualizado pelos deslocamentos dispersivos e,

ao pousar, encontra outro lugar, que já é outro, mesmo dormindo no mesmo espaço. Por se fazer dos encontros, pela relação, todos são convidados a viajar pelos devaneios e a habitar o espaço do campo narrativo, a vagabundeá-los.

Assim, assumo uma política de escrita vinculada aos encontros, às afetações que são tomadas no curso do pesquisar, uma narrativa da própria experiência, uma pesquisa/escrita vagabunda.

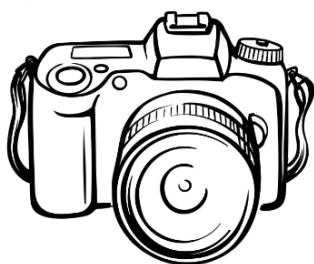
— Acho que você tem uma intenção de escrita, não?

— Acho que sim! Talvez tenha.

— Então qual seria o problema em escrever? Me conte um pouco mais sobre o que você escreve.

— Sim. Ainda não falei sobre o que pesquiso e isso também tem relação com a minha presença aqui.

— Minha pesquisa. desculpa! Na verdade, não considero minha, pois compreendo a pesquisa como um trabalho coletivo entre diversos agentes, entrevistados e autores das teses e dissertações e grupos de pesquisa e orientador e... Todos os encontros se colocam como uma possibilidade de pensar uma escrita e pesquisa nômade. Então, não sei por onde começo a falar sobre a nossa pesquisa. Gostei desse termo: nossa pesquisa. Mesmo não se conhecendo quem são as pessoas das quais o pronome se refere.



O caminhar vagabundo da pesquisa colocou-se a pensar junto a uma inquietação: que pode uma escrita acadêmica outra em Educação Matemática? Essa pergunta vem, a fim de problematizar e discutir as possibilidades e potências que os diferentes modos de escrita podem trazer. Já pensou no que pode essas escritas? Então é com isso que quero trabalhar. Um dos problemas quando trago a ideia de uma escrita outra na academia é a possível separação nós e eles, ou mesmo, nós contra eles.

— E como trabalhar com esse problema em sua pesquisa?

— A pesquisa não tem a intenção de julgar, emitir valores ou dicotomizar as pesquisas produzidas na área, atribuindo valores de superioridade a certas escolhas estéticas que subvertem a forma de produção e escrita culturalmente estabelecida na academia. A ideia é pensar sobre a diversidade e suas possibilidades e não sobre uma luta por apropriação de um modo de produção intelectual.

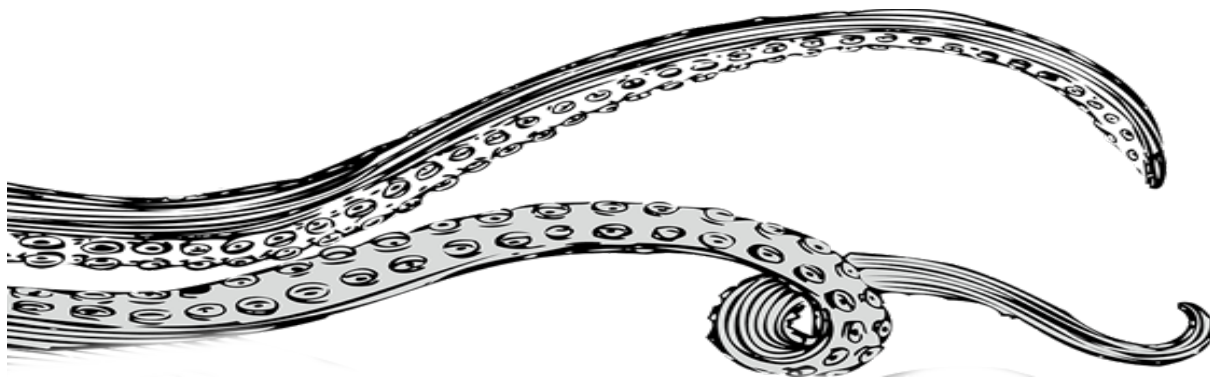
Lembrei de uma história. Acho que vai ajudar a explicar...

Um jovem nômade, ao se deparar com um relicário, ficou curioso e o abriu. Dentro havia uma frase. A cada pessoa que encontrava, apresentava o objeto, procurando seu dono. Nunca abria, somente apresentava o relicário. Alguns diziam possuir um objeto semelhante; outros diziam da beleza do objeto; há até quem dissesse que aquilo não era um relicário. Ele andava, andava e andava... muitos encontros se deram e o objeto ainda continuava com o nômade. Sentia seu corpo cada vez mais fraco, já desorientado, abriu mão do objeto, já nem sabia porque o tinha carregado.

O nômade ficou muito tempo procurando o dono do relicário, deixando de viver outras experiências junto a ele. O relicário em si já não fazia sentido. Mas sim o que estava dentro. O invisível, aquilo que não havia sido partilhado.



Mas, voltando: uma das etapas de uma pesquisa acadêmica é a escolha de uma metodologia. Um tormento para muitos. Decidir um procedimento técnico a ser utilizado para uma investigação. Isso também se deu em mim. Escolher uma abordagem metodológica da qual não poderia abrir mão. Faltava ar, a mão tremia.



— E porque não poderia?

— Não sei, talvez fossem forças reativas que me puxavam a todo momento, me prendiam em um pensar a partir um certo cógnito dominante.

Acho que esqueci de falar de marcas que possuo em meu corpo. Um corpo marcado por um curso de licenciatura em matemática, um corpo educador matemático que se põe a pensar em questões a respeito das políticas de escrita na educação matemática, das escritas outras que podem movimentar uma academia.

— Educação Matemática, é isso?

— Nem sei definir a Educação Matemática, alguns vão tratar como área, outros como movimento^{xi}. Uma conceituação que vive em disputa. Seja lá o que for, é o lugar onde habito, talvez seja um dos lugares, mas este é o que me põe a pensar ultimamente. E por que tomar uma decisão? Em um mundo onde a lógica binária se firma como a única possibilidade de explicação, o verdadeiro e o falso, 0 e 1, o dentro e o fora, fugir acaba nos levando a um caminho tortuoso. Mas não existem as margens, as bordas, os pontos de fronteira? Tomar uma decisão a respeito é escolher um lado na luta entre um espaço identitário que opera em uma relação de demarcação de suas terras. Que impõe normas para a “boa convivência” em sociedade. Que delimita suas ações. Ou se manter como movimento, sem linhas determinadas, sem uma possibilidade de uma afirmação de si. Sem recursos, é claro, isso também acaba importando no fim. Teria eu que escolher um lado para cair nessa corda bamba? Ter que optar pelo estado ou pelo nômade? Seria eu um déspota ou um monge?

Teria mais uma vez que tomar uma decisão: quem entraria na pesquisa, para que textos olhar? Esse negócio de ter que tomar uma decisão não é fácil. E ainda tem mais! Ainda que eu optasse pela área Educação Matemática, esbarraria em outro problema: o que define o pertencimento de um trabalho a esta área? Estar publicada em um programa de pós-graduação em ensino/educação matemática? Pensar sobre matemática? Ser orientado por alguém que defendeu sua pós-graduação na área?

São perguntas que causam um certo calafrio ao tentar respondê-las. De todo modo tenho que tomar uma decisão. Decidi. Eu vou pedir aos entrevistados indicações de teses e dissertações que assumissem uma política de escrita que me ajudariam tanto na entrevista, quanto serviriam de material para compor a escrita. Textos que não envolvessem a Matemática vão aparecendo, mas não poderiam esses textos potencializar discussões na área?

— Então irá pedir para que o entrevistado indique textos que trabalhem com aquilo que você pretende investigar. Esses textos também servirão como um material de análise...

— Isso e pensando aqui agora: por que não tomar esses textos como uma preparação de corpo para as entrevistas? Textos que me ajudarão a pensar a própria entrevista, a me preparar para tal, mesmo que sejam textos que não falem sobre Matemática ou Educação Matemática.

— Olha ela aparecendo novamente aí.

— Desculpa estar falando e tocando nas questões dessa tal Educação Matemática. Parece que não perco ela de vista. Deve ser uma questão de pertencimento... não sei.

— Pode falar, fique à vontade! Mas por que não perder de vista?

— Acho que por uma questão de familiaridade, ou é por esse pertencimento que me faz a todo momento lembrar dela. Vivencio suas questões todas as semanas, assim como algumas de suas discussões. A questão aqui talvez não seja se pode ou não perdê-la de vista, mas durante a própria vivência de um pós-graduando em um programa de pós graduação na área, suas questões são engendradas no corpo pesquisador. E, aí, já não importa se está dentro ou fora. Mesmo em uma área que carrega a Matemática em parte do seu nome, as discussões ali dentro não parecem pertencer a um conjunto fechado de ideias. Outras coisas aparecem. Por exemplo: cada área delimita os métodos possíveis para investigar um objeto específico. A Educação Matemática como área também possui as suas preferências metodológicas, a respeito a depender de cada linha de pesquisa. Mas isso não parece se fechar. Outras discussões a respeito das possibilidades metodológicas na Educação Matemática, também surgem^{xii}.

Primeiramente cogitei a Bricolagem, mas mesmo com suas aberturas que possibilitam explorar diferentes caminhos, algo faltava, parecia não dar conta. Me movi e tive um encontro com a Cartografia que me auxiliou a pensar a pesquisa.

Assim, procurei operar junto a uma pesquisa vagabunda, uma pesquisa que se dá nos encontros, nas afetações, que ao habitar um certo espaço, busca vagabundeá-lo. Uma pesquisa que não assume somente as paradas, os pousos, mas que também opera junto às experiências da caminhada.

— Você então assume uma metodologia. O que te incomoda nisso?

— É que muitas vezes as metodologias são identificadas na academia como sendo ligadas à capacidade da teoria ser replicada entre casos. Pesquisas em que a produção de ciência de excelência, seja lá o que isso queira dizer, está relacionada ao rigor e à relevância do texto acadêmico. Como se toda relevância pudesse ser estabelecida a priori.

— Você se sente incomodado com o rigor?

— Não é bem isso. Talvez opere de outra maneira, ainda com a existência de um rigor, mas não esse que se impõe na maior parte das vezes na academia. Em uma pesquisa e escrita e vida e... em que a preocupação junto à diferença se faz presente, outro rigor possível emerge. E acabam por se entrelaçarem nesse rigor que as compõem, um rigor estabelecido pela tríade dimensional ético-estético-político^{xiii}.

— E como funciona esse rigor?

— Não é um movimento totalizante, penso que cada pesquisa produzirá seus próprios rigores, junto às próprias marcas que se estabelecem no processo.

— E essas marcas te mobilizam a pensar em um possível rigor?

— O próprio ato da escrita me mobiliza a pensar em cada uma dessas dimensões: no Ético, como “o rigor com que escutamos as diferenças que se fazem em nós e afirmamos o devir a partir dessas diferenças”^{xiv}; o rigor que impulsiona a criação de novos sujeitos, que emerge como um ato de responsabilidade junto à transformação dos seres; o rigor que se preocupa com os sujeitos de quem se fala; ele é estético da maneira em que se propõe à “criação de um campo, criação que encarna as marcas no corpo do pensamento, como numa obra de arte”^{xv}; emerge junto a outras produções que deslocam o fazer acadêmico, produções que por vezes são descredibilizadas, subalternizadas; político, pois se configura “como uma luta contra as forças em nós que obstruem as nascentes do devir”^{xvi}, além de implicar em uma preservação da vida em sua diversidade. São dimensões que configuram tanto o eu como a responsabilidade junto a outros.

— Então parece que você tem algo aqui! Me conte mais da sua pesquisa!

— Não sei mais o que falar.

— Por que escrever de uma certa forma?

— Uma questão política, uma questão de afirmação de vida.

Em uma academia onde se escreve de costas para o mundo, em que textos são por muitas vezes produzidos a fim de engordar currículos, textos com citações vazias, teria lugar uma escrita outra? Em um espaço onde a escrita se torna produto de uma máquina capitalista, teria lugar uma escrita outra?

Em um sistema capitalista neoliberal, a criação de um sujeito que se comporte segundo suas regras é fundamental, sem isso o funcionamento desse espaço é sempre comprometido. A máquina estatal ganha novos significados; prezar pelo bom funcionamento desse sistema. As normas e os dispositivos de poder imprimem aos sujeitos sua nova função. Sujeitos condicionados a pensar segundo um modelo posto, um modelo que visa capturar as tentativas de fuga, transformando-as em produtos destinados a garantir a sua manutenção. As universidades não fogem desse processo. Promovem sua manutenção. O sujeito pesquisador não só responde aos prazos de uma agência de fomento ou de um programa de pós-graduação. Responde a si mesmo em uma autorregulação produtiva, escravos e senhores de si.

— E ao tentar fugir dessa lógica?

— Culpabilização, frustração. Tanto com a improdutividade quanto com os prazos. Já não é necessária a vigilância de um órgão que fiscalize o pesquisador. Sua luta é interna. Sua saúde comprometida. Já não há tempo suficiente. Já não resta tempo para pensar. O intervalo entre o fim de um texto e o início de seu sucessor é cada vez menor. O texto anterior já não importa, é apenas o produto de uma carteira de ativos. Já não se tem mais relação com ele, o que importa é o valor da conta. Já não se espera, cada segundo a menos é um dinheiro que se perde.

— E como é sua relação com esse tempo?

— Já não sei mais como lidar com os prazos. Me parece que a academia funciona em outro tempo, em um tempo próprio dela. Um tempo que dê fim a um pensamento, um tempo que dê conta de produzir regimes de verdade. Sei que a partir do momento em que se é parte de um programa de pós-graduação há uma necessidade de que os prazos sejam cumpridos, de que uma produção chamada de dissertação ou tese seja entregue, isso tudo dentro de um prazo estipulado pelas agências de fomento ou pelo próprio programa. Mas há outro prazo, que já comentei acima, que parece mais cruel: o da autorregulação do tempo de produzir. Um dia que não se produz é um texto a menos, uma página a menos de uma dissertação. Há o

tempo limite e o tempo limitado. O tempo limite é o tempo dos órgãos de fomento, dos programas de pós-graduação, o tempo do intervalo, onde tudo o que se pesquisa e escreve deve estar compreendido naquele espaço. Nada antes e nada depois. Sei que “há um empuxo temporal afoito e sôfrego a ritmar a execução dos trabalhos”^{xvii}, que “desde a matrícula nos programas de pós-graduação, aqueles que desenvolvem dissertações de mestrado e teses de doutorado se veem adoçados pelos prazos”^{xviii}, esses mesmos que já são informados no início de cada jornada acadêmica. É um tempo posto e imposto. É papel do pesquisador se adaptar e fazer o melhor uso desse tempo. O tempo limitado não precisa de uma regulação externa, sua aliança é sempre com a escassez. Cada segundo a menos é um segundo que faltará futuramente. Uma dívida eterna com o próprio eu. O tempo produto, o tempo reativo. Ambos os tempos produzem sujeitos que operam pela pressa. A pressa de sempre produzir um artigo novo, a pressa de cumprir os prazos. Não escapando de seus domínios, o tempo também se torna um produto. Sujeitos que pensam o tempo de outra forma são logo colocados à margem, a menos que esse novo tempo se torne também um produto. O tempo acadêmico é o tempo da pressa. E isso me traz um incômodo. Como aliar as subjetividades temporais ao tempo acadêmico, que não pode se mover, ser adiado, empurrado para frente ou individualizar-se?



— Será que esse tempo que você chama de tempo acadêmico já não vem acompanhando sua trajetória de vida, é um tempo específico desse espaço?

— Humm... Não sei. Me parece que esse tempo acadêmico, atrelado às demandas sociais e governamentais de produtivismo, torna-se negativamente referencial e exemplar. Um tempo em que se deve respeitar os prazos e ao mesmo tempo produzir o maior número de textos possíveis. A importância do pesquisador é medida pelo currículo *lattes*, na qual sua unidade correspondente se dá em artigos/ano.

— E se adequar a esse sistema te incomoda?

— Por muitas vezes tento me afastar dessa lógica produtivista, ao mesmo tempo em que estou em uma universidade, em um programa de pós-graduação, que opera segundo esse sistema.

— Você está ancorado nesse espaço onde resolveu pousar, em que a relação com o tempo não é a mesma que a sua. Como fazer desse espaço algo menos doloroso?

— A questão para mim não é a dificuldade de se adequar a esse espaço, mas pensando aqui agora. A resistência se dá por uma posição política. Não de uma política antiacadêmica, pelo contrário. Uma política que possibilita outras academias. Uma política onde a pressa não se faz presente, na relação entre a pesquisa, a escrita e o tempo. Essa pressa que é própria do espaço acadêmico. Uma servidão infundável. Não se pode parar. É sempre necessário um artigo a mais. Vive-se em cima da linha do trem. Assim, a aliança dos tempos junto à escrita pode estar na urgência^{xix} e não na pressa. Sua distinção está no campo da ética. Na urgência de desnudar outros mundos. Na urgência de afirmar vidas em sua multiplicidade. Penso que é aí que a adequação pode se tornar possível. A resistência feita de dentro, a partir da urgência dos impuros.

Desculpa novamente. Por vezes acabo me empolgando com algumas questões.

— Sem problema.

— Então, onde estava? Ah... sim, falando da pesquisa. Pensar sobre um certo assunto, sobre uma questão, não é nada simples. Ainda mais sobre algo que de certa forma não atende a uma dada forma. Que pesquisas assumiriam uma política de escrita outra, diferenciada?

E aí de repente pensar junto a outras pessoas poderia ser um caminho para essa inquietação. Um pensar que engloba relações múltiplas entre pesquisador e escrita e dissertações e teses e entrevistas e... Me colocando a viajar por lugares desconhecidos, encontros que me deslocam, pensamentos outros que agenciam uma multiplicidade de vidas. Cada encontro um mirar para o possível, para as potências que inauguram na escrita o processo de criação de outros mundos.

— Você fala dos encontros, de pensar junto a outras pessoas...

— Isso!

— E a entrevista também proporciona um encontro segundo você...

— Isso!

— Você falou de algumas dificuldades que tem em relação a algumas questões, dentre elas a escrita, por não saber como fazer. Isso também acontece com a entrevista?

— Ah, sim! O processo até a realização da entrevista não é fácil, difícil segurar os nervos. Não sei em que mundo entrarei. E, aí, a questão seja de uma preparação para essa conversa.

— Se preparar para aquilo que virá.

— Isso. Penso em um pequeno roteiro para a conversa. Penso esse roteiro como uma preparação do corpo para o encontro com o que vai acontecer durante a conversa. Para isso, cada encontro necessita de uma nova preparação. Nesse caminho de preparação para as possibilidades de encontros, algumas questões se perdem, outras surgem e isso também se dá durante a conversa, afetações que invadem as entrevistas criando outros e modificando as estruturas rígidas de um roteiro/entrevista. Uma entrevista experimentação, experimentações em uma entrevista.

— E essa preparação se faz suficiente para você?

— Acho que sim. Não acho que há uma melhor preparação ou penso que nem seja essa a questão, não penso em uma qualificação da preparação. São escolhas! Escolhas que permitem uma maior afeição ao tema. Eu, por exemplo, me preparo junto a teses e dissertações orientadas pelo pesquisador entrevistado, que se propõe a pensar a política de escrita. E trabalhei junto a elas, pois me permitem olhar para outras possibilidades estéticas em relação a outros textos acadêmicos. Uma fuga de uma norma que delimita vidas, que cerca pensamentos, que institui verdades. Não que outros textos não operem por uma subversão, mas as teses/dissertações estão mais abertas a tal, estão mais propensas a afirmar existências múltiplas. Outros elementos também foram utilizados nessa preparação, como poemas, vídeos... um arsenal, onde elementos são armazenados e alguns até fabricados. Elementos esses que poderão ser utilizados na entrevista.

Mas como chegar nesses entrevistados? Como escolher um caminho a seguir? Como selecionar um texto, algo que trouxesse uma outra estética, mas sem cair em uma qualificação das estéticas? Por onde começar?

— Muitas perguntas. Não?

— Sim. E isso tudo sem perder de vista a educação [matemática].

Uma solução possível e que acabou sendo tomada foi entrar junto aos tremores, aqueles que estremecem uma academia, uma dissertação que desloca o pensar, que pode causar uma certa estranheza. Uma dissertação que causou barulho.

O desprestígio da academia brasileira

— Desculpa novamente.

— Você está inseguro com a escrita, mesmo já tendo as ideias e sobre o que escreverá. Talvez seja a hora de colocar isso em prática, no papel.

Muita coisa por hoje. Acho que podemos ficar por aqui.

ⁱ Deleuze trabalha com o conceito de nômade, no livro *Mil platôs: vol.5*, em “Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra”.

ⁱⁱ A partir do livro *Kafka: “Por uma literatura menor”*, Guatarri e Deleuze trazem o conceito de literatura menor, onde o significado da palavra menor é subvertido. Menor, aqui, não é uma forma de depreciação, mas uma forma de escrita que se contrapõe à literatura considerada Maior, que atinge um alto status literário. É a literatura da diferença, das possibilidades de subversão de/em algo Maior. É a voz dos que desejam, através da escrita, gritar e, a partir de uma necessidade de expressão, a partir das nuances linguísticas, ir de encontro ao que é considerado estruturalmente como alta literatura. “Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior. No entanto, a primeira característica é, de qualquer modo, que a língua aí é modificada por um forte coeficiente de desterritorialização. Kafka define, nesse sentido, o beco sem saída que barra aos judeus de Praga o acesso à escrita e que faz da literatura deles algo de impossível: impossibilidade de não escrever, impossibilidade de escrever em alemão, impossibilidade de escrever de outra maneira” (Deleuze; Guatarri, 1977, p.25). A literatura menor é o expressar-se da forma que se quer expressar. É a subversão de um fazer no interior de um maior. É produzir aquilo que quer produzir, aquilo que a maioria não comporta. Não por uma questão de subversão prezando a erudição estética, mas pela impossibilidade de se adequar totalmente. Há certas características que qualificam e mostram o caráter revolucionário desse tipo de texto. “As três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do indivíduo no imediato político, o agenciamento coletivo de enunciação. Vale dizer que “menor” não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que chamamos grande (ou estabelecida)” (Deleuze; Guatarri, 1977, p.28). Ao pensarmos na ligação do indivíduo no imediato político e no agenciamento coletivo de enunciação, podemos ver duas características que pressupõe o caráter de resistência, enfrentamento e do individual-coletivismo desse tipo de texto, onde ao mesmo tempo que traz uma escrita individual, promove a enunciação de várias vozes em consonância. Essa subversão por si só já constitui um ato político. Um ato que reconhece as amarras a ele impostas e busca ter sua voz ouvida. Ao operar com o conceito de desterritorialização da língua, podemos pensar a escrita acadêmica como um “território” no qual a opção por uma nova maneira de se pensar se faça por uma fuga de certas tradições e conceitos que nem sempre trazem à tona as peculiaridades do que se quer produzir. Segundo Gallo (2002), “Toda língua tem sua territorialidade, está em certo território físico, em certa tradição, em certa cultura. Toda língua é imanente a uma realidade. A literatura menor subverte essa realidade, desintegra esse real, nos arranca desse território, dessa tradição, dessa cultura. Uma literatura menor faz com que as raízes afluam e flutuem, escapando desta territorialidade forçada. Ela nos remete a buscas, a novos encontros e novas fugas. A literatura menor nos leva sempre a novos agenciamentos” (Gallo, 2002, p. 172).

ⁱⁱⁱ (Rancière, 2017, p.9).

^{iv} (Rancière, 2005, p.17).

^v “É por ser inaugural, no sentido jovem deste termo, que a escritura é perigosa e angustiante. Não sabe aonde vai, nenhuma sabedoria a protege dessa precipitação essencial para o sentido que ela constitui e que é em primeiro lugar o seu futuro” (Derrida, 1995, p.24-25).

^{vi} “Escrever é um caso de devir” (Deleuze, 2011, p. 11).

^{vii} (Rancière, 2017, p. 7).

^{viii} (Rancière, 2017, p. 7).

^{ix} (Rancière, 2017, p. 8).

^x Um dos perigos de uma contemplação de uma outra forma de escrita/produção é o que Jorge Larrosa salienta no texto “O ensaio e a escrita acadêmica”, onde reflete e problematiza a exclusão do ensaio como uma possibilidade acadêmica, apontando as relações de poder que as fazem proibida. Após a defesa do ensaio como possibilidade de escrita, Larrosa (2016) apresenta dois perigos desse estilo. O primeiro é a submissão à opinião, “O ensaio, diz Adorno, é sempre tentado a se submeter aos ditames da moda e do mercado, a esse outro tipo de ortodoxia que não é a ortodoxia acadêmica, mas é a doxa do senso comum” (Larrosa, 2016, p. 9). O segundo seria a implementação de uma nova aristocracia intelectual, os subversivos, transgressores que não se deixam afetar pela normatização, aqueles que fazem diferente. “Isso constitui um novo tipo de filisteísmo igualmente repugnante, uma nova configuração da atitude que consiste em elevar-se diminuindo o outro” (Larrosa, 2016, p.9-10). Esse segundo perigo não se restringe somente ao ensaio, mas às outras formas de produção, ou melhor, a como as pessoas lidam com aquilo que foge. Esse trecho de Larrosa pode nos trazer uma reflexão

sobre as ações e os comportamentos que podem vir a surgir perante a fuga quando não a tratamos como possibilidade, mas sim como o modo certo de produzir. A elevação do inventivo a um status que não permita qualquer forma de adequação, mesmo quando se mostra justificada, transformando a escrita como se dá culturalmente na academia em um outro que não é visto como possibilidade.

^{xi} Miarka e Silva (2017) discutem a relação entre campo e área.

^{xii} Fernandes e Garnica (2021) trazem discussões a respeito de pensarmos outras possibilidades metodológicas na Educação Matemática.

^{xiii} (Rolnik, 1993).

^{xiv} Ético, porque não se trata do rigor de um conjunto de regras tomadas como valor em si (um método) nem de um sistema de verdades tomadas como valor em si (um campo de saber): ambos são de ordem moral. O que estou definindo como ético é o rigor com que escutamos as diferenças que se fazem em nós e afirmamos o devir a partir dessas diferenças. As verdades que se criam com esse tipo de rigor, assim como as regras que se adotou para criá-las, só têm valor enquanto conduzidas e exigidas pelas marcas (Rolnik, 1993, p. 245).

^{xv} “Estético, porque este não é o rigor do domínio de um campo já dado (campo do saber), mas sim o da criação de um campo, criação que encarna as marcas no corpo do pensamento, como numa obra de arte” (Rolnik, 1993, p. 245).

^{xvi} (Rolnik, 1993, p. 245).

^{xvii} (Mizoguchi, 2021, p.10).

^{xviii} (Mizoguchi, 2021, p.10).

^{xix} “É aquela que talvez seja a tarefa cotidiana de quem sabe que a cada instante já se encontra entre o tarde e o tarde demais: a tarefa daquele que enuncia quando não pode mais esperar – e não porque o capital, com seu culto sem expiação, lhe cobra pressa, mas porque se vê diante da urgência da destruição e da criação de mundos que não podem mais continuar como estão” (Mizoguchi, 2021, p.19).

Segunda Sessão: Travessando

— Olá, como foi sua semana?

— Caminhando. Muita coisa para pensar. A pesquisa, a escrita, a vida. Entrelaçamentos que impulsionam um caminhar, às vezes esgarçando-o. Por muitas vezes vem a dificuldade de escrever, de colocar em uma folha aquilo que os encontros proporcionam.

— Mas por que essa dificuldade?

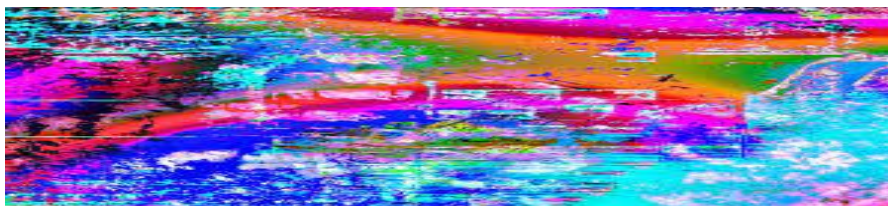
— Não sei. Talvez não tenha uma cara, não se feche em um ponto que a limite. Pode ser uma infinidade de razões que fazem com que a escrita não saia.

— Ok! Então, me diga um pouco mais sobre sua pesquisa.

— Após já ter traçado alguns pontos de minha pesquisa, já ter decidido meu problema de pesquisa, ter optado por trabalhar com grupos de pesquisa, entrevistando seu coordenador e que me prepararia para as entrevistas, devorando as teses e dissertações de seus grupos. Algo me veio à mente. Como prosseguir? Após algumas reflexões, pensei: por onde começar?

São muitas as possibilidades de entrada em uma pesquisa. Por exemplo: é possível buscar uma origem, o primeiro. Poderia olhar para um texto que mais se distancia de uma escrita acadêmica, juízo moral. Ao escolher uma delas poderia estar qualificando a fuga. E aí, como escolher? Talvez a questão não seja entrar pelo meio, optando por uma dissertação que causou barulho, estremeceu as estruturas, propiciou o debate. Não sei se já ouviu sobre ela, mas falo da dissertação de Tarcísio Moreira Mendes, intitulada “uma educação esquizita. Uma formação bricoleur”, que fez tremer as estruturas, dentro e fora da academia. Nossa!... esse texto rodou o Brasil. A discussão de sua dissertação e da performance realizada em sua qualificação atravessou uma fronteira além da academia, embarcou nas redes sociais, com postagens sobre a dissertação e até um artigo foi escrito para um site^{xx}. Uma matéria com uns 42 comentários, um pouco menos que o triplo do segundo artigo mais comentado e sete vezes o do terceiro. Você precisa ver o que falavam dele e dela por lá! Dá até um certo medo de produzir algo que questiona a moral acadêmica. Seu

abstract, por exemplo, foi um dos pontos de crítica. Ali ele repetia a frase “you have to learn portuguese”.



Talvez ele não soubesse bem inglês, mas acho que foi muito mais que isso. Talvez ele quisesse criticar o imperialismo da língua inglesa. Talvez quisesse problematizar os constituintes de um trabalho acadêmico, suas formas. Quem leria um trabalho em outra língua ou aprenderia português a partir do interesse em um *abstract*? Poderia acontecer ou não, aí, não sei. Mas a potência da discussão me parece estar na apresentação de uma nova questão e não em uma afirmação do que acontece ou não, a tentativa de alcançar uma resposta. Uma problematização dos próprios cânones pré-textuais. O seu resumo também indica isso, ao escrevê-lo de forma poética. Que pode um resumo poético de uma pesquisa?

Tarcísio, um artista e professor e..., propõe em sua tese olhar para a relação entre educação e arte, que uma pode produzir junto à outra? Investe em um escape das formas pré-estabelecidas, criando outros institucionais e não institucionais, dentro e fora da academia, produzindo um outro em relação com ela, a possibilidade de outros modos de vida na academia. Aposta junto ao rigor ético/estético/político com uma desdobra econômica em criar uma “produção investida no desejo de produzir, que se esquia da anti-produção academicista e despótica do qualis A, sempre forma que produz outras formas.”^{xxi} Assumindo uma composição junto à filosofia da diferença, com pensamentos que o atravessam, de pensadores como Gilles Deleuze e Félix Guattari e Michel Foucault e Sueli Rolnik. Aposta nas possíveis relações entre arte e educação e filosofia e clínica. Investe na prática como teoria e na teoria como desdobramento da prática, buscando desfazer a dicotomia entre teoria e prática. Tem, entre os primeiros processos de acompanhamento da pesquisa, o exercício da cartografia, onde cartografa algumas experiências relacionadas à formação. Uma pesquisa experiência em Educação.

Que pode uma dissertação que problematiza a produção acadêmica? Que pode uma dissertação que não tem numeração em suas páginas? Para que precisamos numerar as páginas? Um pré-texto como o índice pode se encontrar no fim e não no início? E, nesse caso, o que aconteceria com a numeração, que poderia

já não se fazer necessária? Textos soltos. Poderia eu entrar por qualquer lugar? O pessoal da ciência da informação não vai gostar muito disso. Falando em ciência, o texto “Não somos científicos. Fazemos vidas. Que fazemos, então?”, de sua dissertação, problematiza a própria ciência e os métodos científicos. Ao ler, me fez pensar no Racismo científico do século XVIII, além do Darwinismo Social do século XIV. Há pesquisador neutro? Há ciência neutra? Em um modelo neoliberal de educação em que empresas financiam pesquisas que visem a seus próprios interesses, seriam essas pesquisas neutras?

A cada linha, algo me vem à mente: seria eu um louco? Ao mesmo tempo em que invoca um poder criador. Criação, loucura, aaaaa, muita coisa para pensar.

Ao trabalhar junto à filosofia da diferença uma crítica a outras filosofias, o autor também produz isso na sua própria escrita, ao problematizar os cânones de uma escrita acadêmica, tanto os pré-textuais, textuais e pós-textuais. Isso tudo aliado à uma ética, uma política e uma economia de sua escrita. Cada decisão relacionada à estética está também relacionada a sua pesquisa, emerge dela. Uma abertura para outros possíveis, tanto como forma, quanto como vida.

Ao se estender sobre a questão do teatro e da performance junto à educação, lança um questionamento a respeito das possibilidades de uma performance em uma qualificação de mestrado em Educação. Em sua qualificação de mestrado, Tarcísio realiza uma performance compondo papéis e seu corpo, uma escrita corpo? Um corpo escrita? Um corpo que escreve? Imagens de sua performance são encontradas ao decorrer do texto, uma escrita que compõe junto à performance, uma performance que compõe junto à escrita. A própria qualificação se torna um tema da escrita e pesquisa. Performance que se faz justificada pela própria natureza do autor, um performer e um artista e um educador e...

Uma pesquisa e escrita que subverte o modo de fazer na academia. Talvez isso não fosse aceito em Harvard, ou seria? Mas só porque foi aceito em Harvard também deveria ser aceito aqui? Não poderíamos produzir algo que não fosse antes criado nos States? Uma lógica que se encontra em uma ruptura, que por muitas vezes mantém uma certa hierarquia de dominância. Porque se lá faz, aqui também podemos fazer. Uma lógica em defesa de um imperialismo que não cessa de ditar as regras. “Mas lá também fazem. Aí sim podemos.” Não é porque Obasi Shawn produz 10 faixas de um disco de *rap* contando como é ser negro nos EUA e entrega-o como TCC que devemos também. Não precisa pedir permissão. Obasi e Tarcísio produzem outra

forma de se estar na academia, produzem vida, uma vida outra, mas que também são vidas.

Em uma conversa com Sônia Clareto, não sei se cheguei a falar dela com você.

— Não, mas você pode me falar agora se desejar.

— Então, ela falou um pouco sobre a dissertação de Tarcísio, de que a dissertação/tese constitui uma vida e a intenção dela é essa, não é a intenção, a tensão dela é essa. A vida Tarcísio naquele momento se constituía assim, e é com isso que ele compõe. Na dissertação, na apresentação da dissertação e o caminho todo. Um performer implicando uma vida, e constitui uma vida, é disso que trata.^{xxii}

Alguns poderiam dizer que é um ato de rebeldia, um combate a uma certa escrita acadêmica, mas o que acontece nesse jogo de forças? Note que não há um descompromisso, não se trata de uma rebeldia que vise a uma destruição. É simplesmente a expressão de uma vida, a manifestação de uma vida se dando.

— Nesse caso, você está falando do Tarcísio, mas qual é sua relação com isso, os problemas de Tarcísio também seriam seus?

— Esse caso é um exemplo do assombro que nos acomete quando olhamos para outras vidas, outras possibilidades de habitar a academia. Um assombro com a vida, com a vida Tarcísio que vai se colocando nesse espaço, pedindo passagem, lutando por um espaço que também diz ser seu. Assombro com o corpo que balança e se estremece a cada novo toque de um papel no chão. Fugindo de uma tentativa de desestabilização, procura-se, afirma uma vida. Procura-se produzir uma academia na academia assim como a vida na vida. Se me perguntassem sobre qual seria a política de escrita de Tarcísio, sobre qual seria a política de uma escrita tão dessemelhante, talvez fosse uma política de vida, de afirmação de uma vida que se coloca ali presente. A política nesse caso não se trata de uma discussão partidária, não se trata de um levantamento de uma certa bandeira. Não uma bandeira com uma certa intenção ou uma intencionalidade. “Não se quer inferir da polissemia da escrita e da dispersão do político que a conjunção das duas seja indeterminada”^{xxiii}. Não é uma bandeira política, é a própria política se constituindo na vida. Não é uma questão de verdade, do bem e do mal, “isso aqui é verdadeiro ou não é”, “o que é melhor ou o que é pior”, mas que estilo de vida. Lembro da Soninha falando sobre a questão ética para Nietzsche, perguntar que estilo de vida essa vida está afirmando, e aquela outra está afirmando, e aquela outra está afirmando. São vidas querendo se afirmar, assim como outras academias, outras escritas. Vidas que

se afirmam. Escritas que afirmam um pesquisar, que afirmam uma vida. Linhas vagabundas tecidas junto à pesquisa e vida e escrita e...

— Você citou o nome de Sônia Clareto algumas vezes, mas quem seria ela?

— Ah sim, Sônia Clareto é a orientadora de Tarcísio.

— Mas o que teria de Matemática aí, sua pesquisa é na Educação Matemática, não?

— Não sei se já falei sobre Sônia, para alguns Soninha. Sônia Maria Clareto é professora titular da faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora e Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFJF. Tem interesse em educação, e em educação matemática, com foco na pesquisa na sala de aula, em especial na sala de aula de matemática. Tem seu mestrado e doutorado em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, além de um pós-doc junto à mesma instituição. Líder do Travessia Grupo de Pesquisa, cadastrado e certificado pelo CNPq, abrigado no Núcleo de Educação em Ciência, Matemática e Tecnologia NEC/FACED/UFJF^{xxiv}.

— Então essa seria Sônia, um currículo, Sônia Maria Clareto Lattes?

— É verdade, não quero falar de Sônia dessa forma, talvez essa seja apenas uma Sônia e também pouco diga sobre ela. Prefiro pensar na Sônia Clareto de outra maneira, como Soninha.

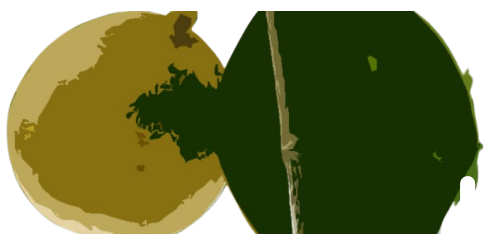
— E haveria outra maneira de pensar em alguém?

— Sabe-se muito sobre uma Sônia. Mas o que não se sabe é que esta mulher em noites sem lua, tem vento e às vezes sem poesia, se alimenta de vermes, larvas minhocas, vagalumes, besouros, moscas e pererecas. Faz seu banquete em desterritórios, nas travessias do impossível a inventar-se. De Espinosa e Nietzsche e Deleuze e Guatarri e tocando em Foucault e ziguezagueando invade Waldorf e PPGE e Matemática e Educação e e e... Não há território impune, nem tão pouco sujeito constituído. Sem fincar morada, nua, num abrigo travessia em movimento. Às vezes para, ou parece que para, lembrando que movimento é desdobra repouso ou que expandir é desdobra contração. Não contrários.^{xxv}

Não é só no trabalho de seu orientando que uma escrita outra se faz presente. Em sua Tese, intitulada Terceiras Margens – um estudo etnomatemático em Laranjal do Jari, Sônia investe em uma fuga estética, utilizando alguns elementos que subvertem certos modos de pensar a escrita, como: uso de metáfora, estrutura de *hyperlinks* e a utilização de duas mídias: uma em papel e em *compact disk*.^{xxvi}

— Você falou em uma conversa que teve com Sônia Clareto. Como isso se deu?

— Em um primeiro momento conversando com Roger, meu orientador, não sei se já comentei sobre ele, mas enfim, pensamos em uma conversa com Sônia Clareto, orientadora de Tarcísio, mestre e doutora em Educação Matemática, interessada em pesquisas em educação matemática com foco na sala de aula, uma das líderes do Travessia. Mas já comentei sobre isso. Entre movimentos de orientação, uma questão: que pode um convite em uma pesquisa que se coloca a discutir políticas de escrita? Uma questão, uma escolha, um convite. Entre rabiscos e criações e outros rabiscos e apagamentos, surge algo: um convite? Talvez. Acho que podemos chamar assim. Primeiramente, um convite para a entrevista, respondido com a indicação de teses e dissertações que assumem uma política de escrita. Em um primeiro momento a opção por educação matemática, em um segundo, que a indicação fosse livre. Pedi quatro teses ou dissertações, recebi sete^{xxvii}. Acontece assim mesmo. Poderia escolher quais estariam mais próximas da educação matemática e assim recairia no mesmo problema que tive para escolher por onde entrar. E, aí... abracei todas as novas possibilidades dessa interação.

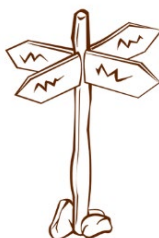


— Uhm, interessante! Você fez um convite diferenciado para Sônia, líder do Travessia, sim? Mas o que seria esse Travessia?

— Acho que qualquer definição falaria de algo que ele não é. Mas tentarei falar um pouco do Travessia. “O Travessia Grupo de Pesquisa encontra abrigo no Núcleo de Educação em Ciência, Matemática e Tecnologia (NEC) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Ao longo de [...] caminhadas, tantos e tantas em travessia, trazem ocupações com a educação e seus muitos fios. Experimentações com arte, matemática, produção de conhecimento, escrita, filosofia, esquizoanálise, escola, formação docente, questões de gênero e de sexualidade, questões de raça... maquinando estudos de processos de dessubjetivação”.^{xxviii}

— Esse é o Travessia?

— Um possível travessia. Há outros travessias que escapam do que te expliquei sobre o grupo. Um grupo que tem como líderes Sônia Clareto e Margareth Rotondo, com participação de seus orientandos e orientandas, mestrandos, mestrandas, doutorando, doutoranda, além de graduandas e graduandos, que trabalham com iniciação científica. Mas não só isso, o grupo se abre para quem quiser estar com o grupo, com quem queira compor com o grupo. Assim, ex-orientandos também retornam ou mesmo pessoas que queiram conhecer o grupo se aproximam. Esse foi o meu caso. Mineiro, como Guimarães Rosa que diz “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. Com múltiplos interesses e o Travessia diz dessa travessia, então ele é este meio mesmo, quando se compõe com quem está ali se produzindo. E por lá já passaram muitos, nesses mais de 10 anos de constituição do grupo. Um grupo criado por duas doutoras em Educação Matemática que encontram abrigo em um departamento de Educação. Que pode um grupo que permite outros encontros que não somente com a Educação Matemática? Que pode uma educação matemática, um educador matemático, que permite experienciar múltiplos encontros? E aí começam as proximidades: pessoal da arte encontrou abrigo, e aí vai ficando, e aí conta para o outro, aí chega mais um, chega mais um e assim vai se dando essa travessia com um grupo que vai se fortalecendo em torno daquilo que vai e vem acontecendo.



— E qual a sua relação com esse grupo: eles trabalham com o que você pesquisa?

— Sim, uma pegada do grupo é a escrita acadêmica. Um tema que ocupa espaço nas teses e dissertações, nas discussões do grupo, uma seara que eles compõem com muita implicação. Não como problema de suas pesquisas, mas a relação do grupo com a escrita vai se dando pelo encontro. O modo de estar com a escrita, recolocando a escrita em experimentação, é importante para a constituição da travessia, mesmo entendendo que forma e conteúdo não se separam. Pensar a estética

não é pensar em uma forma sem um conteúdo, pois a forma já está embebida pelo conteúdo quando a escrita é colocada em experimentação.

Às vezes me parece que a forma e o conteúdo são uma única coisa, indissociáveis. Que a estética, a forma, emerge daquele conteúdo, assim como o conteúdo é atualizado pela forma. É igual falar de teoria e prática. Acho um pouco essa relação. A gente fala da teoria como se não fosse uma prática. É ali que realmente se encontra o problema: a dicotomia.

Não sei se percebeu, mas as falas de Sônia estão entremeadas em minha fala. Acho que a entrevista ainda está pulsando em mim. Às vezes os pensamentos vão se misturando e já não sei se quem fala é ela ou eu. Uma metamorfose em um pensar vagabundo. Já não sei quem fala. A quem importa quem fala, a autoria? Por vezes tudo parece se misturar: teses, dissertações, entrevista, curso de extensão. Nem sei se sou eu quem falo. As escritas são consumidas em um ato antropofágico, um canibalismo que consome as escritas e as vomita como uma outra escrita. Já não se sabe mais quem é quem ou que parte é de quem. Um movimento vagante, vagabundo, que vaga pelos corpos consumidos, os transformando.



Mas, voltando. Onde estava mesmo?

— Falando sobre a forma e o conteúdo.

— Ah, sim! Então, Sônia fala que é a matéria que emite o signo, como Deleuze vai falar. Se pensarmos nesse sentido, a matéria emite o signo. Essas coisas não têm como se desconectar. São uma coisa só, não são duas coisas. Não é o conteúdo e a forma que são sempre juntos, é mais do que isso: eles são a mesma coisa, assim como toda teoria já é uma prática. É um pouco isso que talvez seja o tal engendrar: pensar no pensamento. Estar com essa luta, desse engendramento de forma e conteúdo. Toda teoria já é uma prática, assim como toda forma já é um conteúdo. Na escrita isso é uma coisa assombrosa. Quando na academia, em alguma

academia, a gente define a forma para um conteúdo que ainda não existe. Te dão primeiro a forma, quer dizer, nasceu morto. Claro que isso não vai vingar, isso não pode prestar, não vai prestar nunca. Não faz sentido, isso não consegue produzir sentido. Colocar-se a pensar nesse movimento é pensar para além do bem e do mal, para além da forma e do conteúdo. Insistir na separação é tomar a identidade como definidora da moral em detrimento da diferença. O eu e o outro que não é eu. Pensar a forma e o conteúdo como uma unidade indissociável é pensar sua própria implicação no meio artístico.

Na arte, quando é escolhido uma forma para apresentar um conteúdo, ela já é parte do conteúdo. É na experiência diante de uma obra artística em que a dualidade forma e conteúdo, ou melhor, a unidade forma-conteúdo, se torna latente. A experiência ao assistir um filme é diferente de quando lemos um livro, por mais que o roteiro do filme tenha sido baseado no livro. É uma outra coisa, um outro conteúdo associado à outra forma. Por mais semelhantes que possam parecer, a linguagem é outra. O conteúdo muda quando se muda a forma, não há como separá-los. Assim, não se nasce morta a unidade forma-conteúdo quando pensada primeiramente na estética. A estética como relacionada a uma forma de expressão do ser, uma afirmação da vida, uma política de escrita que afirma uma forma de vida. A forma se faz morta quando se é dada, normatizada, a única possível, em um movimento totalizante que ignora a individualidade do sujeito e sua maneira de se expressar pela escrita. Ignora outros aspectos da própria pesquisa que podem ser negligenciados na escrita. Por exemplo: em uma escrita em Travessia, tem a experiência da pesquisa, tem a escrita da experiência da pesquisa e tem a experiência da escrita. A escrita da experiência e a experiência da escrita. Tem também aquilo que se inscreve enquanto escrevemos, mas “o que se inscreve enquanto escreve? O que se torna enquanto escreve? O teor da escrita, a forma, o formato e o conteúdo compõem com a inscrição no escritor. Ainda assim, ela não é decisiva e nem tem força para modelar as linhas que estão se inscrevendo no corpo do escriba. Enquanto se escreve, o que se inscreve sempre escapa da forma e do conteúdo que foi escrito.”^{xxix}

Lembro de Soninha falando que a escrita da experiência e a experiência da escrita haviam sido um problema em um certo momento no grupo. Desse problema nascem teses e dissertações, assim como artigos, que compõem com a escrita acadêmica. A questão para o grupo não é compreender a escrita, “o que é escrita?”, ou pensar na possibilidade de escrever de uma outra forma na academia, “posso escrever assim?”. Escrever de uma certa maneira já parece estar afirmado no próprio

processo de afirmação da vida. A questão é outra: “o que pode uma academia que escreve assim?”. Isso não quer dizer que exista um estilo próprio do grupo. Cada trabalho, cada vida produz de uma certa maneira. Mesmo se tentasse encontrar uma singularidade nas escritas, talvez a resposta seria os encontros que cada um se coloca a experimentar dentro de um grupo, os afetos que o contato com um outro permite experienciar. Em pouco tempo não serás mais o que és. Assim, não tem absolutamente como entender o padrão. Se for para ver uma característica em comum, talvez seja “cada macaco no seu galho”, em que cada um faz o que faz mesmo. Quando não dá para juntar, não junta, quando não dá para separar, não separa. Uma escrita que respeita e promove a singularidade.

— Essas lembranças que você tem da Soninha faz parte da conversa/entrevista que você teve com ela?

— Sim, registros dessa entrevista.

— E como se deu essa entrevista?

— A entrevista se inicia em um primeiro contato, um convite, retornado com a indicação de teses e dissertações que assumem uma política de escrita. Em um primeiro momento, a opção por educação matemática; em um segundo, que a indicação fosse livre. Assim como já havia falado anteriormente, as teses e dissertações, além de comporem e afetarem a minha escrita, também se tornaram uma preparação de corpo para a entrevista.



— Você falou de algumas questões que tinha com a escrita. Isso também se deu com a entrevista?

— O corpo treme, o ar parecia estar se esgotando, mas isso somente antes da entrevista. A preparação se torna um ambiente de expectativas e possibilidades, que são – e ao mesmo tempo não são – correspondidas em uma conversa, um entrevistar vagabundo. Sem rumo, sem fim. Aonde chegar, chegou. No ato, um acontecimento, a conversa flui. Nem tudo que foi pensado se dá na entrevista. Suas linhas de possibilidades são tecidas a todo momento. Cada palavra dispara uma outra, que dispara novos caminhos a serem seguidos. Não se sabe o que virá. Essa me parece

uma das diferenças entre a entrevista em relação a teses e artigos. Teses e artigos são textos que supõem um acabamento. Os textos são consentidos pelo autor antes de sua publicação. Por outro lado, a entrevista, mesmo que gravada, transcrita e aprovada pelo entrevistado, expõe uma construção do pensamento alinhada àquilo que acontece no momento. Que pode uma entrevista? Risos, reflexões. A criação de uma ideia sendo reformulada, pensada, questionada. Um pensamento não fechado, que se movimenta e move o entrevistador e entrevistado no momento da entrevista. A palavra já não tem domínio, o pensamento já não tem domínio. As coisas somente acontecem. Há algo similar entre a conversa/entrevista e o próprio ato de escrever. A construção da ideia vai se dando naquele momento, cada apontamento que é posteriormente pensado, refletido, reformulado, também se dá na escrita enquanto suas linhas são traçadas.

— Você falou anteriormente de uma dificuldade de escrever e algo parecido se deu antes da entrevista. Como podemos pensar uma escrita que não seja um problema?

— Não sei. Pergunta difícil. Que faz com que a escrita se constitua como um problema? Penso não ser algo espontâneo. Há um processo que vai se dando junto às vivências de um pesquisador. Talvez, pensando aqui agora, a questão possa ser: que faz com que um pesquisador se ocupe de pensar sobre a escrita? Encontros? Desejos? Há algo que rompe, que desloca o ser, que violenta o pensamento formulando problemas. E esses problemas? Como nos ocupamos deles? Com uma pesquisa sobre escrita na academia? Como pesquisar sobre escrita na academia? Que seja no encontro onde essa relação se estabeleça. Ou mesmo em um trabalho de orientação, em uma disciplina, em um evento, em um programa de pós-graduação, ou até mesmo na própria prática da escrita de uma tese ou dissertação. Seja onde for, algo acontece que faz com que a escrita vire um problema na academia. Que sejam relatos de tristeza e sofrimento com a escrita no final da tese e dissertação. Relatos que por muitas vezes são esquecidos quando o texto é entregue. Mas e quem ouve esses relatos, que faz com eles? Uma jovem professora que acabara de entrar em um programa de pós-graduação em contato com alguns questionamentos, entre eles “o programa de pós-graduação já existe há um tempo e até hoje nada mudou na educação do município”. Que ela faz com isso? Passa a pensar em como se constitui o educador, a educadora para estar em sala de aula? Uma doutoranda com dificuldade de separar os textos em capítulos, de juntar páginas para produzir uma escrita que se quer uma

escrita acadêmica. Que ela faz com isso? Uma doutora em educação matemática que pousa em um programa de Educação. Que ela faz com isso? Duas doutoras em Educação Matemática que orientam em um programa de Educação. Orientadoras que se permitem afetar pelos encontros entre Educação e Educação Matemática e arte... que fazem com isso? Uma pesquisadora que se encontra em um artista plástico em um processo de orientação. Que faz com isso? Sugere que escreva uma tese como ele produz uma obra de arte? Muitas questões que tocam o corpo de uma professora e Doutora e pesquisador e orientadora... Questionamentos que possibilitam pensar a escrita de uma forma singular, como sendo alinhada à vida, colada na vida, uma escrita que seja a própria vida.

— E como está sua escrita? A entrevista com Soninha te ajudou em algo?

— Talvez um pouco. Mas cada experiência é uma experiência. A forma como pensar uma política de escrita afeta cada um de uma maneira diferente. O que me parece comum, mesmo com suas particularidades, é como esse problema da escrita vai batendo em nossos corpos na academia. Como cada linha traçada pode se tornar mais potente quando me coloco a escrever? Como é que uma escrita acadêmica se torna veste? E é com essa roupa que eu vou para o samba que você me convidou, para ir ao samba que a gente já começou. “Eu hoje estou pulando como sapo. Para ver se escapo desta praga de urubu. Já estou coberto de farrapo, eu vou acabar ficando nu. Meu terno já virou estopa. E eu nem sei mais com que roupa.”^{xxx} Alertas que vão sendo alimentados junto ao contato com outras pessoas, junto aos encontros, encontros como o que tive com a Sônia. Não me parece haver uma origem comum, que se dê antes dos encontros. Cada experiência é uma experiência. A própria experiência do fora que rasga, nos violenta, enquanto nos move do campo do reconhecimento, nos lançando para um contato com o desconhecido, fissurando nossas certezas e verdades.

— Houve outros encontros?

— Além do encontro com Sônia, houve encontros com as teses e dissertações. Cada uma com uma política de escrita diferente. Encontros que deslocam um pensar. Um encontro com o fora? Uma potência dos encontros em relação à pesquisa e escrita pode ser encontrada no processo de orientação de teses e dissertações, com suas conversas e disputas. Embates que potencializam o encontro, que potencializam uma escrita que se propõe a ser colada na vida.

Um exemplo é o caso do Fabrício, ex-orientando de doutorado de Sônia. Um artista plástico, premiado, já constituído como artista, um professor universitário, que

se propõe a fazer um doutorado em Educação orientado por Sônia. Entre diálogos, algumas disputas, uma delas um desafio, que fizesse uma tese com a mesma “metodologia”, com os mesmos instrumentos, com a mesma arma, com o mesmo corpo e, por fim, que também escrevesse assim como faz uma obra de arte. Ela não sabia o que ele fazia como arte, não era uma artista, mas ele sabia. Ela não sabia fazer arte com madeira, mas ele sabia. Ela não sabia juntar coisas na rua e fazer disso uma arte. Mas talvez soubesse orientar, ou melhor desorientar. E o Fabrício faz uma tese em que ele escreve por apagamento.

Em sua tese, os “elementos, formas e temas derivam de apropriações de textos, propondo intervenção em sua estrutura, provocando deslocamentos alterando sintaxes e produzindo outros sentidos”^{xxxi}. Cada risco, cada supressão de certos elementos do texto o transformam em algo novo. Uma tese que se propõe a experimentar, uma escrita em experimentação. Um outro sentido nasce com aquilo que resta, com aquilo que sobra de um apagamento.

Assim também aconteceu com outros trabalhos do Travessia. Por exemplo, o de Marcos Vinícius Leite. Marcos, Marquinhos para alguns, era um filósofo, fez filosofia na graduação e fez mestrado em filosofia. Estudioso de Nietzsche. Que encontros vão se formando entre um filósofo e um programa de Educação? Entre um doutorando em Educação que vem de uma formação filosófica, de um corpo filósofo, e uma professora com formação na Educação Matemática, que embarca em um programa de educação e coloca-se a orientar? Sônia diz que o primeiro texto que ele enviou a ela, continha 23 vezes o verbo “é”. Um texto, um desafio. Como desgarrar do bigode de Nietzsche? Mais diálogos, novas disputas. Talvez isso nunca dê certo. Ela não sabia como largar o bigode de Nietzsche, mas ele sim. Ela não tinha ideia de como produzir o que propunha a ele, mas ele sim. Um corpo marcado pela filosofia em encontro com um programa de pós-graduação em Educação, com um corpo que também havia traços de educadora matemática. Algo nasce disso, dessa relação. Sua tese intitulada “Como corpo lançado em sala de aula tornou-se patas ao chão, língua ao vento; Cartas, passeios e peles em aulas de filosofia” é uma das flores que brotam dessa relação. Que podem esses encontros? Uma escrita que emerge de suas leituras. Uma escrita que saboreia Zarathustra e caminha junto aos restos. Uma carta para o desconhecido e distante pensamento? Se olhar para uma estética, podemos encontrar Nietzsche. Mas se desprendermos um maior tempo a olhar esse texto, vemos Marquinhos. Uma escrita que seja vida, diria Sônia. Um desafio lançado produz uma tese. Cada caso,

um caso. As relações não se dão da mesma forma, assim como as escritas não o fazem.

Um outro caso é o de Nina, Ana Lygia Vieira Schil da Veiga, artista que produz trabalhos manuais ligados ao bordado. Que pode uma artista bordar junto a um programa de pós-graduação em Educação? Que encontros se dão entre um bordar aqui, um costurar ali e um doutoramento em Educação? Que encontros se dão em um processo de orientação? Nem todos são iguais. Uma tese produzida em meio a um entrelaçar de fios. Borda, fia, costura as linhas de sua tese. Uma escritora que produz sua vida junto a pesquisa e escrita. Sônia comentou que não era ela que propunha os desafios a Nina, mas ao contrário: Nina em suas escritas que lançava os desafios. Uma artífice que produz uma tese junto a sua arte. Um caderno de artífice. Uma tese feita a mão, “pintada, fiada, bordada, tecida e costurada, folha por folha, num total de 740 páginas”. Compondo a sua arte às escritas, Nina faz experimentações em sua tese. Em um primeiro bloco produz “o Codicilo”, um documento escrito que estabelece vontades da pessoa que sejam realizados após seu falecimento, Cartas e o livro “Uma escrita e a restante vida”. “Textos que trazem o exercício da escrita através de personagens conceituais e que foram redigidos após os exercícios dos blocos de sensação.” Mais adiante, os blocos de sensação: Fiação, Tintura, Bordado, Tecelagem e Costura. Blocos que trazem experimentações e treinos de corpo para a escrita acadêmica. Uma escrita que busca experimentar junto aos afetos de uma artista, escritora, pesquisadora em seu próprio ato de pesquisar. Afetos que disparam potências no escrevinhar. Os desafios são outros, cada um com suas singularidades. Já não importa quem os faz, pois de todo modo é no entrelaçar da vida com a pesquisa que cada pesquisador produz sua tese. Não há um padrão nas escritas e pesquisas que não seja o de um cada um fazer o que faz, um dançarino dançar, um performer performar, um professor professorar, nem sei se essa palavra existe mesmo. Talvez essa seja a política do Travessia. Uma política do fazer aquilo que se faz. Uma vida, uma pesquisa, que compõem uma escrita em travessia.

— Essa seria a política de escrita da qual você já havia comentado?

— Sim, e junto a ela vai se constituindo uma estética e uma ética para e da escrita. Que ética? Uma ética de afirmação da vida? Há uma frase muito utilizada por Sônia: “vale tudo, mas não vale qualquer coisa”. Então, o que vale? O que não vale? O que é qualquer coisa? Não sei. Por vezes parece que o que faço é qualquer coisa. Mas isso vale? O que proponho como escrita, vale? Vale escrever por apagamento?

Vale escrever por afetações? Vale escrever por cartas? Vale escrever por colagens? O Que vale? Talvez, pensando aqui agora, esses questionamentos venham acompanhados de outros. O que se produz com a escrita por apagamento? Quando eu pego um livro e apago e isso é escrita. Isso coloca em xeque a própria noção de escrita. Que se produz com uma performance em uma qualificação? Que se produz ao escrever por cartas?

Uma ética acompanhada de uma estética, de um movimento estético. Uma ética, estética e política de constituição de uma vida. Enquanto você escreve como você vive, com o que você está compondo com a vida, é a vida e, portanto, é uma ética, uma estética, uma política. Uma política de afirmação desse estilo de vida que é singular e não uma submissão a um padrão prévio, acadêmico. De um padrão acadêmico do qual não é fácil escapar. A questão do julgamento. O que pode e o que não pode? Não sei, parece haver alguma força que por mais distante que vá, tenta me puxar de volta a todo momento. Escrever como vivo? Parece que não consigo enxergar direito como fazer isso.

— E se você passasse a olhar para um mundo com outra lente que não aquela que usa hoje? E você falou que há embates também dentro dos corredores. O que te incomoda nesses embates?

— O julgamento dos outros. Pensar sobre o que vão achar, se é ou não acadêmico. Esse medo de pensar no que pode e o que não pode. De enxergar algo de uma outra maneira que não aquela na qual estamos acostumados a enxergar. É uma luta diária de enfrentamento de uma dada moral. Faço e não sei por que. Uma disputa de forças que me leva de um lado a outro. Mas essa escrita é acadêmica? Como abandonar esse hábito que me impede de habitar de outra forma. Como abandonar algo que me prende a olhar de uma mesma maneira desde quando foi concebida? Talvez seja um exercício. Se pensar na escrita, talvez seja um exercício que se dá no próprio processo. Uma escrita que te atualiza e é atualizada. Pensando aqui, essas escritas são acadêmicas, pois foram concebidas dentro de um programa de pós-graduação, dentro de uma academia. Lutas que acompanham o escrever. Lutas internas e externas. Escritas em contato com outros corpos. O que isso pode gerar? Problemas, perseguições tanto dentro quanto fora da academia? Para cada escrita um risco é assumido. Me recordo de um momento em um curso de extensão ministrado pelo Travessia em que discutíamos o risco que se assume quando se coloca a produzir uma produção textual na academia. Assumimos um risco quando produzimos uma tese ou dissertação, em qualquer forma, em qualquer formato. O

risco acompanha as escritas. São escolhas. Uma tese que escreve junto a uma escrita padrão, normatizada, na academia também assume riscos.



— E existe uma forma normatizada para a escrita na academia, da qual se busca escapar?

— Acho que sim. Por vezes parece que sim. Não tem forma definida, não se sabe exatamente o que é, mas está aí. Como um fantasma, pois não há um lugar em que se situe para todos lançarem mão. É imaterial, mas ainda assim apresenta pistas, fragmentos de materialidade, uma espécie de ectoplasma que assombra. Há uma forma, há algo que se espera de um trabalho acadêmico mesmo que essa forma não esteja totalmente clara e instituída. É a própria mula sem cabeça, ninguém sabe o que é, nunca ninguém encontrou, mas que existe, existe. E onde estaria a cabeça da mula sem cabeça? Deve ter uma cabeça em algum lugar. Alguém já deve ter visto, ou não. Mas se ninguém a viu, então poderia ser uma lenda. Aliás, uma lenda possui moral? Que moral pretende instituir uma escrita na academia? Algo sobrevive no seio popular, uma consciência coletiva. As possíveis origens são diversas e múltiplas, mas há algo que as carrega para a mesma moral: a da manutenção de valores. Por exemplo: toda vez que alguém olha para um trabalho como o do Tarcísio, ou como o do Fabrício e fala que aquilo não é acadêmico. Olha para o Fabrício e diz: “É uma obra de arte, mas não é acadêmico”. Então, quando você faz isso, essa forma está previamente dada. Há algo que circula nos corredores, vozes ressoando junto ao vento que as carrega. “Isso não é acadêmico”, “Isso ninguém vai publicar”, “Isso não vai dar certo”, “O que você quer com isso?”. Vozes que inibem o que poderia estar por vir. Forças que mantêm o ser no mesmo estado. E talvez isso gere um ressentimento quando a relação se estabelece dessa forma. Talvez um modo de não ressentir seja jogar o jogo. Ocupar os espaços de uma academia, para que possam surgir outras academias. Sônia dizia que o Travessia comemora muito quando “emplaca” um A1: “emplaqueei um artigo qualificado, mesmo tendo isso que não é considerado essa forma acadêmica”. A ocupação de um espaço sem abdicar de uma ética. Não é fazer qualquer coisa.



Falei sobre isso há um tempo. “Vale tudo, mas não vale qualquer coisa”. No vale tudo, há uma ética que o define, uma ética Nietzscheana de afirmação da vida, que é muito diferente da moral. Por isso não vale qualquer coisa, não vale aquilo que não afirma. Mas o que afirma? Que estilo de vida aquela escrita está afirmando? Em um exame de qualificação após uma performance, um membro da banca poderia questionar: “Então, se eu me deitar aqui no chão e ficar parado 15 minutos e disser que meu parecer sobre seu trabalho vale, vale?”. Vale tudo? Valeria se deitar somente para mostrar que não vale? Talvez seja essa a questão ética que acompanha o “vale tudo, mas não vale qualquer coisa”. E se por outro lado o sentido que a ação produzisse, transbordasse e compusesse com a performance, então valeria? Talvez esse “vale tudo, mas não vale qualquer coisa” se estabeleça na relação, permeada por essa questão ética, “que estilo de vida isso está ajudando a constituir?”.

Essa é uma das questões de pensar junto à diferença, pensar em uma academia produzida junto à diferença. Escritas que potencializam uma vida. Escritas que arrastam vidas. Escritas que afirmam vidas.

Isso me fez pensar em uma questão além da norma. Algo que também me assombra. No encontro, no contato com diferentes escritas, uma pesquisa que se coloca a vagar por diferentes linhas, por diferentes produções. Algo me diz que tenho que produzir de outra forma, mas que forma? Quando olho para os textos do Travessia, quando me coloco junto a um grupo de pesquisa que tem a escrita como uma de suas searas. Como produzir dessa forma? Como produzir algo que relacione vida, pesquisa e escrita? Como experienciar uma escrita? Como eles fizeram isso? Por vezes, me sinto pressionado a produzir algo que olhe para outra direção, que não a de um texto acadêmico. A cada linha lida, mais o corpo treme.

— Quem te pressiona?

Por vezes é uma pressão interna e por vezes parece-me ter uma pressão externa. Porque as pessoas esperam de fora e porque as pessoas esperam ali.

— E o que podemos fazer para lidar com essa pressão?

— Não sei como fazer. Ao me encontrar com os trabalhos do Travessia, logo me questiono: como essas pessoas produzem dessa forma? O que fazem?



Talvez isso tenha deixado de virar uma questão no momento que conversei com Sônia. Mas seria possível que Sônia Clareto, uma das líderes do Travessia junto à Margareth Rotondo, pudesse sentir uma pressão ao escrever? Encontros com o trabalho do Tarcísio, que correu o Brasil, por um motivo ou por outro. Encontros com o trabalho da Nina, que tem um peso artístico e bem acadêmico. Encontros que trazem um peso do “ter que fazer diferente”, do ter que produzir outra coisa, pois habita um grupo que produz dessa forma. Uma preocupação nova, um novo problema nasce ali, o ter que fazer diferente. Por exemplo: Sônia conta que surgiu um pouco disso junto a um orientando, Marcos Vinícius, professor de dança, bailarino, que trabalha com balé clássico, dança contemporânea. Mas como Marcos Vinícius produziria sua tese? Como Marcos Vinícius se constitui no assombro de Tarcísio, Marquinhos e Nina? Há pressão em produzir algo assim como outros membros do grupo já produziram?

No caso de Sônia e do Travessia, essa pressão foi se dissipando a partir do momento em que entenderam que não haveria como fazer igual, pois tudo o que se fizer será diferente. Especialmente porque você vai fazer essa marca, a marca do seu próprio movimento de vida ali. Não há como fazer igual quando pensamos em uma política de escrita que afirma vidas. Uma política que se assume junto à diferença, às potências de outras vidas se afirmando. A pressão pode aparecer em um primeiro momento, mas é no processo de orientação, no movimento do grupo que a singularidade se coloca. E aí surge “Superfície-tátil: corpo, gesto e formação”. Tese escrita “cara a cara, folha a folha”, em que Vinícius produz lâmina a lâmina, somente aquilo que cabe em uma folha. Cada texto começa e termina na mesma página. Com uma sequência para a leitura da tese apresentada, mas que poderia ser subvertida, de forma que o leitor criasse outra sequência de forma aleatória para a leitura, como indicado nos procedimentos de entrada. Uma experimentação da escrita, uma tese em experimentação. Um corpo experimentando enquanto produz uma tese. Então, acho

que tem uma corporeidade, um gesto que até está como título do trabalho. É esse gesto. A gestualidade é singular, porque é sempre esse corpo que respira. A escrita, quando corpórea, é sempre singular.

A pressão de escrever em um grupo que assume outras políticas de escrita, uma pressão do próprio sujeito, uma pressão interna. Senti isso algumas vezes. Uma pressão que busca antecipar o que virá. Que age sobre o acabado, que finda no materializado. Olhando assim, parece que nada veio antes. Ignora-se o processo. E se o assumirmos? Se afirmamos essa potência do processo, ao invés de uma idealidade? Talvez a questão seja confiar no processo, pois só ele dará conta daquilo que ele der conta. As coisas vão se dando no próprio ato de pesquisar e se colocar junto à pesquisa. Por exemplo, deve ter sido *punk* orientar o trabalho *punk* de Wescley, intitulado “Pesquisar em Educação: um passeio estéticoanarcoesquizonoisepunk”. Por momentos Sônia poderia não saber onde aquilo daria, mas ela confiou no processo.

Talvez seja por aí: só se é, sendo. Em um momento, a escrita surge. Não tem como prever o que será e nem fazer como alguém o faz. A singularidade que permite produzir o que der conta de produzir. As experimentações que vão se dando no próprio ato de escrever. Talvez seja isso: a pressão de se descobrir como é que se escreve já não se torna mais um problema, pois é na experimentação que a escrita vai tomando forma. O escritor é efeito da escrita e não aquele que escreve. Eu não sou escritor fora da escrita porque não existe isso. O escritor é efeito da escrita. É pensar o sujeito como efeito da experimentação e não aquele que produz a experimentação, a escrita, a dissertação, a tese ou qualquer coisa que seja. Existe o estilo travessia? Não existe, porque ele existe enquanto ele é efeito daquilo que está se dando, mas fora daquele efeito, não existe.

— Um bom caminho a se pensar. Mas você falou em algum momento que as pessoas esperam de fora e esperam ali. O que elas esperam de fora?

— Não sei. Uma escrita outra? Uma performance? Talvez a questão não seja bem “o que esperam?”, mas “por que esperam?”. Me parece que após o surgimento de uma escrita nômade, uma escrita vagabunda, uma escrita que foge das leis soberanas da academia, que rompe com os domínios normativos, vem logo a captura do estado, a captura da academia. Já não é uma questão discutir se ela é acadêmica ou não, pois já foi capturada pela academia. Mas também ela não captura essa academia? Mesmo em um sistema neoliberal, em uma academia sujeita a esse sistema econômico, não haveria uma dupla captura? Uma inversão de forças? Mesmo

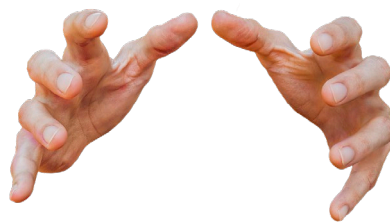
o estado-despótico-neoliberal sobrecodificando esses grupos e escritas, não estaria também a escrita desterritorializando um espaço acadêmico? Neste conflito entre nômade e estado, vagabundo e estado, a captura vem. E parece operar de diversas formas naquele espaço. Não quero ser capturado ou quero? Onde estou nesse jogo? O que faço quando entro?



Mas também me parece haver outras instâncias nesta captura. “Você conhece o Travessia, aqueles diferentes”. Um olhar para um grupo que se coloca a produzir outras academias. Um grupo que subverte uma ideia única do fazer acadêmico. Não somente através das escritas, mas as estéticas tornam-se uma das formas de desterritorializar uma academia. Logo em seguida a captura pode vir, a reterritorialização. Algo é produzido e sobrecodificado pela academia.

Um grupo que “faz diferente”, um grupo “diferentão”. As capturas podem vir, ninguém garante que não venham. Mesmo eu não querendo ser capturado, ou querendo. Mas e o que fazemos com isso? Ressentiria a captura? Se incomodaria com ela? Se conformaria? O Punk objeto de análise de Wescley em sua tese, por exemplo, é capturado em um certo momento pela indústria fonográfica. Alguns sobrevivem a essa captura e permanecem *punks*. Outros se tornam outro Punk. Algo parecido também acontece com Banksy. Um artista que se expressa através do *grafitti*. Um ativista político que expressa em suas obras uma crítica ao estado, que classifica sua arte como vandalismo. Um artista nômade. Suas obras não têm local fixo, podem aparecer em qualquer muro da cidade. Algo muda com o tempo, a fama chega e o próprio Estado passa a tratar suas obras de modo diferente. É como se agora ele tivesse permissão para expor sua arte em qualquer lugar, um livre acesso. Na verdade, felizado é aquele que tem uma arte de Banksy exposta em seus muros. Mal aparece e já é vendido. De marginalizado a um artista renomado. A captura

aparece em algum momento e aí precisamos lidar com ela de alguma forma. Cada tentativa de uma desterritorialização, uma nova reterritorialização.



Mas como sobreviver às capturas? Sônia conta que Martinha, professora de matemática e evangélica, ao entrar para o doutorado exprime em suas palavras um pouco desse “local” de captura do Travessia. “Oh! Eu não sei costurar, eu não sou artista e eu não vou tirar a roupa, mas ainda assim eu vou fazer o doutorado no Travessia”. Uma expressão da captura, mas ao mesmo tempo a afirmação de uma vida, a política do Travessia. Ela não faz o que outros membros do Travessia faziam, pois ela não sabe fazer, pois ela não faz aquilo. Ela faz, assim como cada membro, a sua tese. Ela se faz na sua tese. “Aprender enquanto Travessia: entre banalidades e formações e Matemáticas e Línguas e Peles Escritas... Uma vida” é a própria Marta Elaine de Oliveira se constituindo vida. Um texto em que Martinha produz “textos que estão no entre de dois movimentos de escrita: Diários de Banalidades e Aprender enquanto travessia”^{xxxii}. Se aprende sobre o próprio Travessia enquanto se escreve sobre o Travessia? Se aprende sobre o Travessia enquanto se lê sobre o Travessia? Uma professora de matemática que encontra um grupo diverso em relação aos ofícios de seus participantes. Encontros e mais encontros.

— Essa questão dos encontros parece ser bem forte para você, não?

— Sim. Talvez seja por esses encontros que a potência da escrita vai se dando. Encontros na pesquisa, encontros na escrita, encontros na orientação, encontros em um grupo de pesquisa. Encontros que se diferenciam de acordo com o próprio programa de pós-graduação. Uma educadora matemática orientando uma professora de matemática em um grupo com múltiplas facetas gera algo. Poderia ser diferente, caso os encontros fossem outros. Encontros que se abrem possíveis. Que podem abrir outros possíveis para a própria educação matemática. Eu entendo que isso potencializa a vida. Dá uma força vital para a educação matemática, pelo menos para minha educação matemática. Eu sei que quando eu estou com a educação matemática, tudo isso constitui uma força poderosa de estar com isso, que a gente chama de educação matemática.

É nos encontros que a escrita se dá. O pensamento nômade, vagabundo está diretamente relacionada ao encontro, encontro com o fora. O vagabundo se estabelece pela relação. Só se caracteriza a partir da negação de uma certa forma de vida. Se estabelece como uma negação a um certo modelo de vida, de produção de sujeitos. Mas o que é vida? Linhas vagabundas são tecidas a partir do contato com um outro, que desestrutura, rompe uma linha de pensamento, carrega para um outro espaço. Outra linha é traçada, outro movimento nasce. A própria escrita se dá no encontro do escritor com seu texto. Um modifica o outro, gerando novos encontros. Já não se sabe mais para onde isso irá. Talvez o encontro seja um elemento subversivo que dispara novos pensamentos, novas escritas. Um elemento que potencializa uma outra forma de viver.

— Podemos ficar com isso por hoje.

^{xx} Artigo escrito por Alysson Augusto para o site universo racionalista, intitulado “O desprestígio da academia brasileira”, em que tece críticas à dissertação e performance na qualificação de Tarcísio. Disponível em: <https://universoracionalista.org/o-desprestigio-da-academia-brasileira/>. Acesso em: 31 ago. 2022.

^{xxi} (Mendes, 2015, p. 63).

^{xxii} Utilizo outra fonte, no caso, Times New Roman, tamanho 12, para grafar o que corresponde à fala de Sônia Clareto na entrevista.

^{xxiii} (Rancière, 2017, p. 7).

^{xxiv} Informação retirada do Lattes de Sônia Clareto.

^{xxv} Trecho da entrevista com Sônia Clareto, também encontrado em (Mendes, 2015, p.95).

^{xxvi} A tese de Sônia Clareto é comentada em sua dimensão estética por Miarka e Fernandes no texto “Tecendo uma tese para a estética na/da pesquisa em Educação Matemática: a escritura em questão”.

^{xxvii} Sônia indicou 2 dissertações e 5 teses. Dissertações: “Que diz o muro da escola?: aprendizagens e deslizamentos e matemática”, de Lucas Steves Dore (2018); “Aprendizagens em uma sala de aula de Matemática”, de Aline Aparecida da Silva (2016). Doutorado: “Fiar a escrita: Políticas de narratividade – exercícios e experimentações entre arte-manual e escrita acadêmica. Um modo de existir em educações inspirado em uma antroposofia da imanência”, de Ana Lygia Vieira Schil da Veiga (2015); ‘Aprender enquanto travessia: entre banalidades e formações e matemáticas e línguas e peles e escritas... uma vida’, de Marta Elaine de Oliveira (2018); “Superfície-tátil: Corpo, gesto e formação”, de Marcos Vinícius Amaral Ribeiro (2018); “Educaçãoarteprofessorartista”, de Fabrício da Silva Teixeira de Carvalho (2015); “Pesquisar em educação: um passeio estéticoanarcoesquizonoisepunk”, de Wescley Dinali (2020).

^{xxviii} Trecho retirado do site do Travessia. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/travessia/>. Acesso em: 31 ago. 2022

^{xxix} (Oliveira, 2018, p. 137).

^{xxx} Trecho da música “Com que roupa”, de Noel Rosa.

^{xxxi} Trecho retirado do resumo da Tese de Fabrício.

^{xxxii} (Oliveira, 2018, p. 15).

[The page contains a large, faint, and mostly illegible watermark or bleed-through from the reverse side. The text is mirrored and difficult to decipher, but appears to be a formal document or letter.]

Terceira Sessão: Escreleiturando

— Olá, boa noite! Como vai a sua semana?

— Vamos indo. Por vezes tenho algumas angústias. Acho que as pessoas não compreendem o que quero dizer, talvez eu tenha uma dificuldade em me expressar. Sinto que muitas vezes parecem me olhar e estranhar, como se falassem com alguém enigmático. O desvio no olhar parece fugir de encarar e escancarar um hermetismo de minha fala, que por muitas vezes viaja em ideias e conceitos que necessitam de uma prévia apresentação, deixando, assim, minhas palavras impenetráveis.

— Essa dificuldade em te compreender acontece com todas as pessoas?

— Não sei te responder quantitativamente. Mas acontece. Também não são todas as pessoas que se permitem ter um encontro comigo. Sinto que quem me conhece consegue decifrar meus sinais, muitos até falam como eu. Mas o que quero dizer é que me incomoda ficar restrito a falar somente a um certo grupo. Mas como pensar em um modo de falar se eu não conheço quem me ouve? Da mesma forma me pergunto. Para quem eu falo quando escrevo? O que o leitor compreende daquilo que lê em um trabalho? O escritor não sabe quem terá acesso àquilo que ele produz, não sabe que significados serão produzidos e possivelmente propagados. Por vezes, aquilo que está escrito pode atender a apenas um certo grupo, através de uma linguagem própria, de conceitos, utilizados por alguns autores. Pergunto-me muitas vezes a quem essa linguagem pretende alcançar? Se pensarmos em um contexto acadêmico, talvez aos grupos que façam parte desse nicho metodológico, ou mesmo de grupos que convirjam para um mesmo referencial teórico. Mas a escrita, o trabalho após finalizado, já não possui dono, a sua relação se dá com o leitor e não há como presumi-lo. Porém, penso na Educação Matemática e na Educação, como áreas. Que possíveis leitores poderiam ter acesso a textos em uma área que se permite articular com o Educar? São questões que me colocam a pensar.

— Te incomoda pensar que outras pessoas podem não te entender, mas ao que isso te remete, por que seria um problema?

— Talvez seja um problema se pensar em apenas um possível para mim; alguém que só consegue se comunicar em um único espaço, que não consegue se deslocar para outros territórios, que se comunica somente com os habitantes do mesmo território, produzindo um falar e uma escrita que apenas se torna acessível

dentro. Em campos como a Educação Matemática e a Educação em que há por muitas vezes a necessidade de penetrar no terreno pedagógico, que os trabalhos acessem as pessoas na ponta. Aqui se estabelece uma dimensão ética da escrita. Há quem escreve, mesmo não sabendo quem serão realmente os leitores? Quem escreve é um? São muitos? A escrita parece se dar em projeção, em que há públicos no qual se pensa atingir no próprio processo de escritura. Há um caso bem interessante do grupo Escrileituras. Sandra Corazza, líder do grupo, começou a se dar conta que a linha de pesquisa em filosofia da diferença precisava estabelecer alguns trabalhos que chegassem aos professores, isso após começar a trabalhar com diferentes formas de escrita e de produção de sentidos com professores de escolas. Isso me faz pensar em quantos trabalhos são alcançados pelos próprios participantes dessas pesquisas. A dimensão ética da escrita também se dá na própria compreensão do “com quem se fala”. Uma aposta, mas que abre caminhos para outros possíveis.

— Então esse grupo serve de inspiração para você? Fale um pouco mais sobre isso.

Não sei se seria uma inspiração no sentido de ter algo a seguir. Parece operar mais como um aliado, um grupo que compartilha de alguns muitos, mesmo que possa haver diferenças, pensamentos em comum. Um grupo político, não no sentido partidário, mas no sentido de um posicionamento de luta e de enfrentamento. Uma rede de pesquisa que compartilha a filosofia da diferença como ponto de encontro. A rede^{xxxiii} de pesquisa escrileituras da diferença em filosofia-educação advém dos Grupos de Pesquisa DIF gerado em 2002 e Escrileituras da Diferença em Filosofia-Educação gerado em 2015. Rede criada pela professora doutora Sandra Corazza, que possui como um de seus membros o professor doutor Samuel Bello, entre tantos Samueis possíveis, também um educador matemático. Já te falei que tive um encontro com ele?

— Não, mas você pode me contar agora sobre esse encontro, se desejar.

— Um encontro entre um peruano e um brasileiro. Sim, o Samuel Bello é peruano, mas já vive no Brasil há mais tempo do que viveu no seu país de origem. Um Peruano-brasileiro. Um Brasileiro-peruano. Um encontro entre duas nações latino-americanas corporificado em Bello. Licenciado em Lima, escreveu seus primeiros textos acadêmicos em português através de seu mestrado na Unicamp. Da Etnomatemática, para outras discussões da cultura, aterrissando na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bello nesse voo, nesse percurso, nesse caminho,

aterriça na filosofia da diferença, no encontro com autores pós-estruturalistas, começando por Foucault e seguindo por Nietzsche e Deleuze e Derridá e... outros. Olha eu fazendo um relato do tipo *lattes* da vida dele, que certamente é muito mais que isso, mas é que sua história me parece interessante. Talvez o que tenha dito aqui seja um pequeno retrato de uma extensa rede, de um possível Samuel Bello, que encontra outros Samueis nesse dinamismo do que chamamos de vida. Sandra Corazza parece ter inspirado Bello e outros professores do grupo a pensar uma forma de escrever, uma forma alternativa de produzir os textos acadêmicos. E aí vem as orientações de teses e dissertações que se ocupam de uma estética diferenciada em termos acadêmicos da escrita. Samuel Bello, nascido no Peru e morador de Porto Alegre e professor do departamento de Educação da UFRGS e Orientador e... muitos possíveis.

— Isso também acontece com você, não? Durante os encontros, você por vezes fala da sua vida, pesquisa e escrita e como isso por muitas vezes vai se entrelaçando. Esses possíveis a que você se refere, que envolvem pesquisa e sua escrita, estariam também de alguma forma relacionados a outros âmbitos?

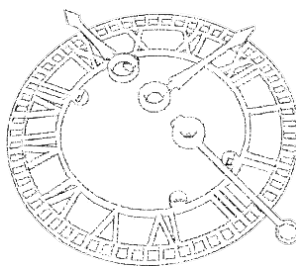
— Talvez sim. Podemos pensar o possível em dois aspectos. O primeiro como uma relação que se dá com o presente no próprio curso do fazer. Um traçado a partir de diferentes fios que se cruzam formando uma trama que possibilita diversos caminhos, aberturas para outros possíveis na confecção do texto ou da vida. O segundo relacionado a um futuro incerto que será estabelecido com outrem, produzindo outros possíveis em contato com um outro desconhecido. O próprio texto me parece ser um exemplo disso. No início, por mais que possamos pensar para onde ele irá, o resultado é outro. No próprio processo de escrita, surgem outros fios que se entrelaçam possibilitando outros caminhos. É fiado e desfiado a todo momento até formar uma trama, uma sequência de fatos narrados materializados em um corpo, que no caso é o próprio texto. O caminho se conjuga junto às marcas em um corpo que definem uma trajetória até que a finde. E é no final do processo onde já não cabe mais a si mesmo a modificação ou a possibilidade de outros caminhos. A morte. É ali que as possibilidades se encerram, que já não há outro caminho a seguir. Assim, o ponto final, que estipula o fim de um texto corresponde a sua morte. Dali já nenhum outro caminho poderá ser traçado, já não há mais presente. E é a partir da morte que nasce uma abertura de caminho para a relação com o outro. Aqui aparece o segundo

aspecto do possível, o inacabamento, em que o possível estabelece uma relação com o futuro.



— Você fala da morte e do fim de um texto. Então qual seria a relação com o futuro depois de morto?

— Podemos pensar a morte a partir de dois aspectos. O primeiro, a partir de um conceito biológico, é a “cessação de todos os processos biológicos e constitui uma irreversível perda de toda a unidade biológica”^{xxxiv}. A morte biológica representa o fim da vida, a impossibilidade do corpo de produzir os elementos necessários para a manutenção da vida. Nesse contexto, a morte se dá pelo esgotamento, pela irreversibilidade do processo. Nesse aspecto, a morte do texto se dá com a sua publicação. Já não há mais como retornar a ele. O segundo diz respeito à dobra da morte a partir do encantamento. Para algumas religiões de matrizes afro-ameríndias o “Caboclo é o termo que designa aqueles que dobraram a morte através do encanto”^{xxxv}. O texto caboclado, o texto encantado é aquele que consegue dobrar a morte. A morte ao qual deve ser dobrada é aquela que esgota o mundo. A produtividade de uma academia que mata suas produções, que ignora outras possibilidades de existir, de habitar aquele território. Um texto que já não respira, um texto desencantado. O caboclo transgride essa razão mundo neoliberal. Afirma um outro modo de operar no mundo. “Caboclo é aquilo que quiser ser, porque inventou a vida para além do desvio. Caboclo é o destruidor dos parâmetros da empresa de desencanto. É a magia que afirma a vida sob a civilidade de um mundo morto”^{xxxvi}. Um texto encantado permite vivenciar a escrita para além das normas ditas e não ditas da academia. Assim como “o contrário da vida não é a morte, mas o desencanto”^{xxxvii}. O contrário de uma produção encantada não é o seu fim, o seu término, mas a impossibilidade de compor junto a outros possíveis, é a incapacidade de dobrar a morte. Um texto encantado não se configura pela lógica neoliberal, mas sim transgride essa razão de mundo que também está posta na academia.



— Fale um pouco mais sobre essa questão da morte do texto, do encanto e da abertura de outros possíveis.

— Nesse contexto, a morte não diz mais respeito à irreversibilidade ou impossibilidade, mas à transcendência e à possibilidade de viver de outra maneira. Assim, o texto não finda ou se esgota com sua publicação, mas se torna uma abertura para outros possíveis em contato com o leitor. Aqui a morte se estabelece com o futuro incerto, com a possibilidade de novos encontros a partir do encanto, do texto encantado, aquele que dobrou a morte.

Podemos encontrar na academia, muito a partir das exigências cada vez maiores de produtividade, muitos textos que só são concebidos no aspecto biológico. Morrem, são registrados em cartório, para que outro possa nascer com urgência.



Já no segundo aspecto, a morte é parte de um processo da vida e não o seu fim. Os aspectos relacionados à morte dos textos são de dimensões éticas. Juntamente a isso a dimensão estética das produções estão diretamente ligadas ao ético, assim como o político, na tríade ético-estético-político da escrita.

Alinhada a essa estética está a produção de sentidos. A partir do momento que uma possível estética, que se difere do modelo de produções normalmente difundidos na academia, emerge como possibilidade de um outro fazer, como possibilidade de produzir outros sentidos que não são alcançados em outras teses e dissertações. Ao

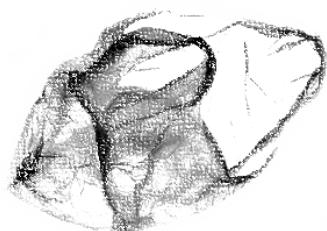
escrever um poema, ao escrever a dissertação a partir de uma história, uma narrativa, isso provoca uma produção de sentidos outros que não acontece em uma escrita possuidora do título de acadêmica.

Desta forma, um texto que se permite morrer não só biologicamente, mas que transcende para viver de uma outra maneira, permite o preenchimento do sentido e da significação por parte do leitor. Uma morte política, uma política de escrita, uma materialidade que permite o diálogo e construção de um outro junto ao leitor. A tese de Gilberto^{xxxviii}, orientada pelo Samuel Bello e intitulada “Pedagogia da Realidade e Educação Matemática: entre as docências escrava e nobre”, varia sua escrita entre textos em um formato mais acadêmico e textos em formato aforísticos. Ele poderia escrever o texto inteiro em um formato mais normalizado academicamente, mas os aforismos em concomitância com o autor no qual ele se propõe a escrever junto, Nietzsche, produzem significações outras. Não é uma questão apenas estética, mas a possibilidade de provocar algo diferente no leitor, o que me parece um compromisso ético com produções políticas. Assim como a obra de arte, que perdura não apenas pela sua beleza estética, mas pela capacidade de provocar afetos distintos em relação ao tempo. Uma obra de arte dobra a morte, transcende, se encanta, pois sua materialidade provoca uma leitura diferente de acordo com o tempo, uma renovação de sentidos, uma proliferação de sentidos. Um texto que dobre a morte compõe e promove outros a cada momento. Como um livro ou um filme que quando revisitado traz outros sentidos. São sensações outras, outros afetos quando nos permitimos estar de novo com aquele texto, com aquele filme.

— E você costuma revisitar esses textos, esses filmes, com frequência?

— Na maioria das vezes, sim. E a sensação na maioria das vezes é diferente.

Meu contato com o texto é na maioria das vezes diferente.



— Você já falou sobre a questão de ter vários eus e dos diferentes sentidos que são promovidos no reencontro. Como essa diversidade promove a proliferação desses sentidos? Ela também promove a diversidade de estilos?

— Bem interessante. É algo para pensar. Talvez seja na abertura para a diferença, para a possibilidade de outros possíveis. A diversidade de estilos promovendo a proliferação de significações. Está aí algo interessante a se pensar.



— Sim. Algo a ser elaborado. Tem algo que você lembra ou que te remeta a isso?

— A tese de Diego^{xxxix}, também orientada por Bello e intitulada “Aprendizagem da Diferença: signos e subjetivação nos estilhaços da representação”, me faz refletir um pouco sobre essa questão. Isso acontece especialmente em um texto em que Diego faz uma análise da conceituação do conceito de signo e aprendizagem segundo as escolas teóricas mais reconhecidas. Nos estilhaços da representação são produzidas imagens. Começando pelo que ele chama de “situações-retrato” produzidas pelas experiências junto à instituição escolar, tomando-as como aquilo que está na memória da vivência, que posteriormente são estilhaçadas para que não sejam um decalque da subjetivação. Por fim, esses estilhaços são reunidos formando fragmentos chamados Imagens. Para mim fica forte o caráter poético dessas imagens. E poesia não tem bordas, produzida como uma Imagem escrita dos acontecimentos, imagens fotografadas pela visão que assume todos os outros sentidos, guardada na memória, não como representação, mas como intensidade que se atualiza e se diferencia espaço-temporalmente. O que é produzido como imagem poderia ser dito de outra maneira, poderia ser fotografada por uma máquina fotográfica, mas não o é. Poderia ser escrita de uma outra maneira, mas na maneira como foi escrita, como foi descrita, a imagem se torna um signo preñado de intensidades para provocar outras significações, que poderia ser diferente caso a materialidade fosse outra, a forma produzida fosse outra.

— Muito interessante a forma como você está elaborando este assunto. Conte-me mais sobre isso.

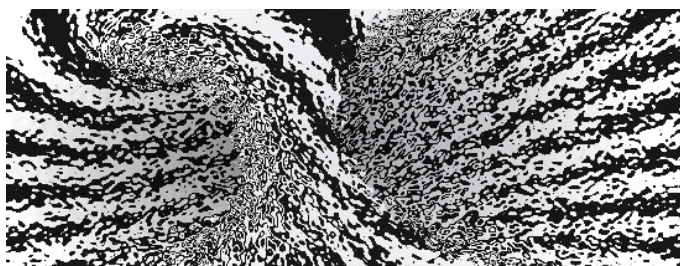
— Essa diversidade de estilos, de escritas, de escrituras, que podem trazer até mesmo outras questões, seja para área de inquérito, seja para outras áreas também. Nesse processo parecem acontecer desterritorializações e metamorfoses do conhecimento. Por exemplo, na própria Educação Matemática há um movimento de pensar a escrita acadêmica, de se preocupar com ela. Tanto pelo Grupo Travessia como no contato com o Bello, percebi que a potência talvez esteja nos novos encontros, inclusive nos encontros com outras áreas. Encontros que nos deslocam. Que nos levam a refletir sobre nossa própria área de atuação. Partindo da Etnomatemática e de suas discussões, se aventurando por outras leituras como Foucault, viajando na potencialidade das escritas com Deleuze. É na experiência com outros, na abertura para o fora, que se constitui um Bello.

— Novamente os encontros aparecendo na sua fala. Você se sente muito apegado a esses encontros, talvez até refém deles?

— Não diria refém, pois não sinto que me aprisionam. Pelo contrário, me abrem possibilidades. Creio, inclusive, que poderia falar em primeira pessoa do plural. É junto a eles que nos permitimos pensar, que nos permitimos criar, que nos permitimos viver. São esses encontros que promovem a abertura para novos possíveis. Por exemplo, a relação entre a matemática e a filosofia, os educadores matemáticos e a filosofia da diferença, vem fazendo com que as preocupações, éticas e estéticas e políticas e... da escrita na academia, se tornem mais presentes nas diferentes pesquisas. Os contatos com essas pesquisas potenciam (ins)pirações para a produção de outras escritas. Mesmo que a escrita não seja o tema direto da pesquisa, uma estética outra pode produzir uma produção outra de sentido.

No contato que tive com algumas pesquisas orientadas pelo professor Samuel Bello, percebi pesquisas comprometidas com um cuidado com a produção de uma escrita outra, diferenciada, em relação ao padrão acadêmico de produção. Não sei se já cheguei a comentar sobre a tese da Grace^{xl} intitulada “Reescrita de Si: a invenção de uma docência em matemática”, em que ela escreve o Vidário de Pendurela, uma escrita de vida, uma escrita de si, uma escrita de uma professora criada por Grace chamada Pendurela, que entre muitos penduricalhos, produz um diário, ou melhor, um Vidário. A escrita da tese é trabalhada em cima do diário, junto ao Vidário de Pendurela. Vidário criado a partir das notas de aula de Grace. Uma escrita conjurada junto a um texto ficcional, uma escrita das afetações de Grace e Pendurela.

Estando em um departamento de educação, Bello não trabalha apenas com orientandos oriundos de uma formação Matemática, mas muitos deles são. Sua própria formação vem da Matemática e da Educação Matemática, pesquisando tanto em seu mestrado quanto no doutorado sobre Etnomatemática. A Matemática faz parte do corpo-pesquisador, do corpo-Bello. Mesmo quando a Matemática pode não ser avistada a priori em alguma pesquisa que ele possa desenvolver, ela também está ali. Pois está na composição desse ser, o corpo-Bello, marcado com os efeitos da Matemática.



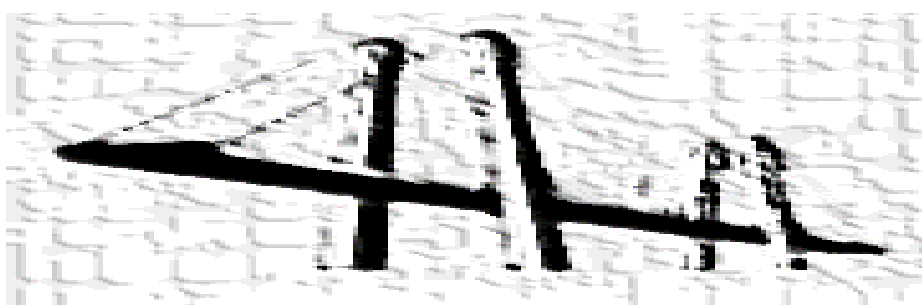
— E você consegue enxergar essas linhas de tensão, essas diferentes áreas que compõem o seu próprio ser, em sua vida? Elas também não estariam na sua escrita?

— Quando escrevo, meu eu educador matemático grita. Não no sentido de sobreposição de áreas, pois me parece que todas as vivências e leituras e formações e... fazem parte desse ser que se coloca a escrever. Mas me parece haver uma singularidade no campo da educação matemática, uma espécie de máscara, que talvez não tenha em outros campos, uma singularidade no educador matemático, que se difere de outros profissionais de outras áreas de formação. Não sei o que é e talvez descrevê-lo faça com que caia no campo da representação do objeto, cercando-o, ainda que não seja esta a intenção. Mas há algo, há uma certa familiaridade com objetos de caráter filosófico e uma capacidade criativa de mobilizar esses objetos.

Isso não se restringe à formação do educador matemático, uma vez outras áreas de formação e, claro, experiências de vida das mais diversas que não necessariamente aconteceram na escola ou na universidade, também auxiliam no desenvolvimento dessa criatividade. Talvez o diferencial esteja na capacidade de ser criativo sem perder a possibilidade de afetar. Talvez seja essa uma possível potência entre o encontro do educador matemático com a escrita. “Conseguir trazer ao mesmo tempo essa questão da variação criativa sem perder a consistência argumentativa, um entendimento do texto e uma transcrição do próprio texto filosófico.” Na tese de

Suelen^{xli}, intitulada “Docen^{ci}ção : do dual ao duplo da docência em Matemática”, é pensada e discutida a docência em Matemática. Suelen traz primeiramente uma apresentação do que viria a ser a filosofia de Platão e Aristóteles para depois trazer a ideia do duplo. Com Deleuze e a filosofia da diferença, a tese atualiza outra possível relação com a docência em Matemática, outra imagem, privada pela filosofia da representação. A abertura com a apresentação do que seria contraposto como escola filosófica e a apresentação dos múltiplos conceitos de docência, tem um monte de docência, docência sei lá o que, docência sei lá o que lá.

Os mais de 30 exemplos, mais precisamente 36, provocativamente grafados em números romanos, são utilizados por ela como quadros que contêm relações matemáticas, conceitos, gráficos que a ajudam a pensar a docenciação, a formação e professores, a docência. A matemática em composição com a filosofia a ajudam criar um outro possível. A consistência argumentativa durante o texto traz informações que fazem com que quando não trate mais de um certo assunto, como a formação do professor; ou seja, quando parece já não estar falando em formação, o leitor parece continuar vendo traços da formação. Ou seja, mesmo com a mudança do estilo de escrita, o leitor parecer saber do que se está se tratando, ainda que a nova estética traga outros significados possíveis. O texto não perde o objeto comum de discussão ou, como diria Sandra Corazza, a tese da tese.



— Então você considera que por sua formação diferir de outras, ela traz algo único? Você se considera único?

— Sempre há um diferencial, há um conjunto de fatores que compõem essa singularidade do ser. Ter outros encontros faz com que a produção textual seja única para cada um. Dizer que pode haver algo particular entre pessoas formadas em alguma área não quer dizer que os textos apresentem uma mesma estética, mas que

talvez possa haver uma particularidade entre eles. Ou melhor, há algo possível, em comum, quando nos colocamos a experimentar junto a esses encontros. No entanto, não é um comum igual, mas que se diferencia, afeito a singularidades próprias. Isso me parece acontecer, por exemplo, nos grupos de pesquisa. Cada texto com suas singularidades, mas há algo em comum entre eles, algo que não cabe aqui descrever, nem representar esse objeto. Talvez eu nem saiba o que é. Algo que talvez possa chamar de signo. Os encontros do grupo possibilitam outros encontros que transfiguram esse signo em diferentes textos. Em textos singulares. Cada encontro com sua potencialidade. O encontro com o Professor Samuel Bello, o encontro com o evento “II Encontro Deleuze e Educação e Matemática e...: Rachar as coisas, rachar as palavras” tendo o próprio Bello como um dos organizadores, que busca promover esses encontros. Um encontro que promove encontros. Encontros que possibilitam escritas únicas.

— Já não é de hoje que você vem tocando nesse assunto dos encontros? Hoje mesmo você já falou sobre isso. Parece algo importante. Poderia me contar mais sobre o que os encontros significam para você?

— Talvez a questão não seja o que significa para mim. Na verdade, essa questão do que significa pode ser uma preocupação para vocês, psicanalistas. Mas penso não ser para mim. Gostaria mais de falar de como esses encontros me afetam e possibilitam a criação e produção de algo que vamos chamar de texto. Por exemplo, podemos pensar nos encontros com a literatura e que pode essa literatura, no sentido de potência, quando em encontro com a produção de uma tese e dissertação ou ainda, em encontro com a Educação Matemática.

— Então, você enxerga a possibilidade desses encontros como potência. Você vinha falando tanto dos encontros dos diferentes eus que habitam em você como os diversos encontros com outros entes que possibilitaram essa sua produção de escrita e de mundo. Pode falar mais a respeito?

— Sim. Voltando rapidamente ao que estava falando. “Eu acho que a questão da literatura e da arte enquanto prática de escrita permitem que você também entenda que o termo por si só não tem um único significado, mas na sua composição, na sua relação com outros significantes ele pode produzir outras formas de entendimento, outras significações”^{xlii}. Não sabemos e nem dá para saber o que esses encontros irão produzir. Mas há um caso de um encontro entre matemáticos e escritores e outras coisas mais, que se colocam a experimentar junto à literatura. O grupo francês Oulipo,

formado por matemáticos e escritores, se arriscam a produzir uma literatura experimental a partir de uma estética específica. Partem da ideia de compor junto a “*contraintes*”, obstruções das quais irão desenvolver todo o texto a partir dela. Oulipo é um grupo “criado em 1960 pelo matemático François Le lionnais e pelo escritor, enciclopedista e matemático amador Raymond Queneau”^{xliii}. Oulipo é o acrônimo de “Ouvroir de Littérature Potentielle”, uma oficina de literatura potencial. Um grupo que se permite experimentar junto à literatura. Por exemplo, George Perec escreve o livro “La Disparition”, em português, “O sumiço”, um livro que narra um desaparecimento, em que já não se encontra palavras com a letra e, letra mais utilizada no francês. Ou mesmo em “A vida modo de usar”, do mesmo autor, em que regras matemáticas são utilizadas para a elaboração do texto. Poderia citar outros autores do grupo, como Jacques Roubaud, que escreve “Trinta e um ao cubo”, obra composta por trinta e um poemas de trinta e um versos cada, de trinta e uma sílabas para cada verso (31^3), ou em “*Cent mille milliards de poèmes*”, de Raymond Queneau, em que “possui diversas e potenciais formas combinatórias de leitura – na verdade, existem 10^{14} possibilidades de leitura do poema”^{xliv}.



“Uma *contrainte* pode ser entendida como uma restrição inicial imposta à escrita de um texto ou livro, sendo as mais básicas de caráter linguístico. Existem, porém, outras restrições artificiais que podem ser de caráter matemático [...]”^{xlv} Não vou chamar de *contrainte*, vou utilizar um termo em português. Como eu não falo francês, vou chamar de obstruções. Essas obstruções, apesar de limitar a escrita em um certo modelo, permite a criação de outras possibilidades de produzir um texto. Por vezes parece até engraçado pensar a liberdade da escrita iniciada a partir de uma restrição. Mas é junto a ela que pensamos a produção de outros sentidos. Uma restrição que propicia a criação. Um jogo de desafios que possibilitam uma diversidade de produções. A restrição aqui, diferentemente da norma, não é imposta a não ser pelo próprio autor. Não se trata aqui de uma limitação de um território, da demarcação de suas terras, onde os que estão dentro estão fadados ao cumprimento de suas leis. Mas sim, de uma desterritorialização a partir de um ponto em que é singular, porém possibilita outras possibilidades de criação quando reterritorializado. A restrição como um manual de regras de um jogo^{xlvi} coloca o participante a criar

estratégias para jogar esse jogo, para brincar. A escrita que permite ao autor brincar, jogar com suas regras.

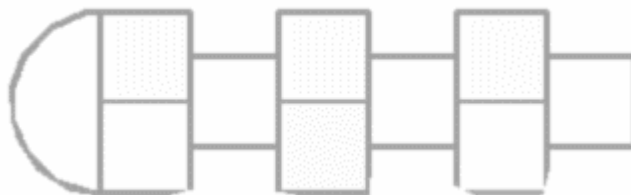
— Você falava de escrita e agora está falando de jogo. A escrita e o jogo têm algo em comum para você?

— Podemos traçar alguns paralelos entre a escrita e o jogo, ou até mesmo jogar com a escrita. Na produção de um texto acadêmico, o autor que se permite jogar com sua produção, conhece as regras daquele jogo, as leis daquele território. O que difere os jogadores são as estratégias utilizadas para jogar esse jogo, o jogo da produção de uma dissertação e tese. As estratégias são diferentes e singulares. Cada jogador define como quer jogar. Se não é proibido pelas regras, então podem ser utilizados. A escrita como jogo, o autor como jogador, definem uma primeira estratégia que pode ser modificada conforme o jogo vai ocorrendo, sem que esbarre em algumas restrições. A política da escrita se move junto à estética e à estratégia utilizada para jogar o jogo. Quando defino uma estratégia, não quer dizer que só utilizarei ela até o final, pois não sabemos os passos dos outros jogadores. Mas a estratégia mostra um caminho a seguir, um caminho antevisto para as próximas jogadas, uma sequência de escrita que possa seguir por diferentes caminhos.

— Você gosta de fazer essas composições, não? É o jogo e a escrita. A academia, a escrita e o território. A morte e a escrita. De onde vem isso?

— Não diria que é uma questão de origem, mas de uma entrada estratégica pelo meio. Talvez essa seja uma das minhas estratégias para jogar esse jogo. Uma estratégia que me possibilita caminhar nesse jogo, que me permite jogar. Cada jogo, cada jogador, vai utilizar uma estratégia diferente. Algumas mais criativas, outras mais restritas. Algumas já são pensadas antes do jogo começar, não importa os passos dos outros jogadores. Outras já são pensadas e modificadas de acordo com o decorrer do jogo. O que me faz refletir, algo que pensei aqui agora, é o deslumbre da estratégia em detrimento do objetivo do jogo. A estratégia sendo utilizada mais pelo prazer de utilizá-la do que em prol de um objetivo, que no caso do jogo poderia ser a obtenção de uma alta pontuação. Já aconteceu isso comigo. Já joguei algumas vezes o jogo só por jogar, assim como já utilizei estratégias mirabolantes sem um intuito específico. Talvez a questão seja trabalhar uma estratégia sem perder o seu objetivo, ter um propósito, um compromisso ético. Assim como no jogo, o autor, na escrita, deve tomar cuidado com um vislumbre apenas estético em que resulte na perda de um compromisso. A estratégia, como um direcionador para algo e não como a própria

direção. A estratégia no jogo não é revelada assim como a estética. Podemos olhar aquilo que nos é mostrado e compor com aquilo, mas não saberemos a estratégia do outro jogador. Da mesma forma, “um texto só é um texto se ele oculta ao primeiro olhar, ao primeiro encontro, a lei de sua composição e a regra de seu jogo. Um texto permanece, aliás, sempre imperceptível”^{xlvi}.



— Essa preocupação é uma das preocupações que você tem. Se tomarmos algumas semanas atrás, você falava da preocupação em não conseguir escrever, a preocupação com a estética. Agora a preocupação com o que me parece ser com compromissos dessa estética. Muitas preocupações, não?

— Mas são essas preocupações que me alimentam a escrever. Caso não tivesse essas preocupações, não sei se estaria me colocando a escrever. São as inquietações, as preocupações, as ocupações com um pensar sobre que me fazem escrever. Seria uma ilusão achar que as ideias não violentam o pensamento. É no contato com o fora, com essa violência do pensamento que nos colocamos a pensar sobre algo, no meu caso sobre a escrita. Poderia problematizar até mesmo a palavra escrita e a escritura. Por exemplo, em uma conversa com Bello, ele fala dessa diferença, tomando as palavras a partir do francês, língua oficial de muitos autores lidos por grupos que operam junto à filosofia da diferença. É nesse contato com os pensamentos que nos desafiam, que nos violentam, que as criações se tornam potentes.

— Interessante isso que você coloca aqui. É algo para se pensar. Vamos ficar por aqui por hoje.

^{xxxiii} A REDE DE PESQUISA ESCRILEITURAS DA DIFERENÇA EM FILOSOFIA-EDUCAÇÃO advém do Projeto Escrileituras, apoiado pela CAPES, Observatório da Educação (2011-2015), intitulado “Escrileituras: ler-escrever em meio à vida”; bem como dos Grupos de Pesquisa “DIF – Artistagens, Fabulações, Variações” (desde 2002) e do Grupo de Pesquisa “Escrileituras da Diferença em Filosofia-

Educação" (desde 2015), ambos vinculados ao PPGEDU/UFRGS e cadastrados no Diretório de Grupos do CNPq.

Link: <https://www.ufrgs.br/escrileiturasrede/sobre/>.

xxxiv Santos (1997).

xxxv (Simas; Rufino, 2019, p.5).

xxxvi (Simas; Rufino, 2019, p.6).

xxxvii (Simas; Rufino, 2019, p.3).

xxxviii Gilberto Silva dos Santos (2021).

xxxix Diego Souza Marques (2017).

xl Grace Da Ré Aurich (2017).

xli Suelen Assunção Santos (2015).

xlii Trecho da entrevista com Samuel Bello.

xliii (Fux, 2017, p.12).

xliv (Fux, 2017, p.27).

xlv (Fux, 2017, p.12).

xlvi À semelhança do xadrez, ou qualquer jogo, desde os brinquedos infantis até os espetáculos de palco, o texto literário constitui um jogo: possui regras próprias, variáveis de acordo com a noção de gênero, espécies e formas, que se impõem ao jogador, à pessoa que pretenda realizar os movimentos pressupostos pelo jogo. Tanto num como noutro tipo de jogo, a desobediência às normas significa inabilidade ou recusa de jogar; para aderir ao jogo, o jogador deve, antecipadamente, conhecer as regras que o governam, sob pena de não participar dos movimentos; qualquer transgressão, a que título for, violenta o jogo como tal (Moisés, 1952, p.53, *apud* Pereira, 2013, p.181).

xlvii (Derrida, 2005, p.7).

Quarta Sessão: Cronopiando

— Olá, boa noite.

— Boa noite! Como foi sua semana?

— Muitas coisas para pensar. Parece que cada vez mais os ciclos vão chegando ao fim. Uma hora as coisas precisam terminar, não dá para ser para sempre.

— O ciclo precisa terminar?

— Me parece que uma hora precisa chegar ao fim. Os tempos distintos, os prazos que devem ser cumpridos. Tudo encaminha para um término, um momento em que algo precisa acabar, para que possa nascer de outras formas.

— Como assim, nascer de outras formas?

— O fim para uns pode não ser o fim para outros. O final em um contexto não exprime um final em todos. Por exemplo, o término de uma escrita ao publicá-la faz com que ela possa renascer de outra forma, na relação com o leitor.

— Você vinha falando sobre a morte anteriormente, sobre uma morte que através do encanto vira outra coisa. É essa morte que você relaciona com o fim desse ciclo?

— Talvez sim. Não sabemos como ela será até que ela venha, até que o beijo dela nos leve consigo. Principalmente quando não depende de nós mesmos, outros fatores externos fazem com que ela nos surpreenda, como no caso da escrita acadêmica: os prazos. Caso contrário, poderíamos escolher pelo não fim, pela eternidade. Mas penso que, em algum momento, o fim precisa chegar, mesmo que inesperado, mesmo que não haja uma preparação clara para isso. Mas precisa chegar. Enquanto isso, nos últimos suspiros que nos restam, podemos tentar fazer com que seja potência.



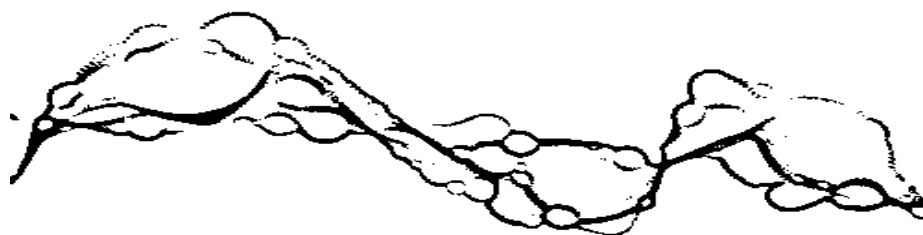
Mas como fazer com que seja potência? Como nos preparar para o fim? São questões que me vêm à cabeça e por vezes têm me deixado apreensivo.

— Esses obstáculos que você tenta colocar, não só de agora, não estariam te atrapalhando? Esses diversos pensamentos, não seriam uma forma de te deixar mais apreensivo, como você vem falando? De onde vem essa melancolia?

— E o que eu deveria fazer? Parar de pensar? Fugir da experiência do fora? Não sei se quero fugir desses pensamentos. Até porque são eles que dilaceram, que me movem, que me colocam a estar em constante contato com o outro. A fuga desses pensamentos me remete a um controle, ao binário, ao certo e ao errado. O que pode ser pensado e o que não deveria ser. Talvez um outro ciclo também deva ser rompido. Um ciclo que busca impor certos conceitos, que tenta a todo custo diagnosticar o indivíduo, fixando-o aqui ou ali.

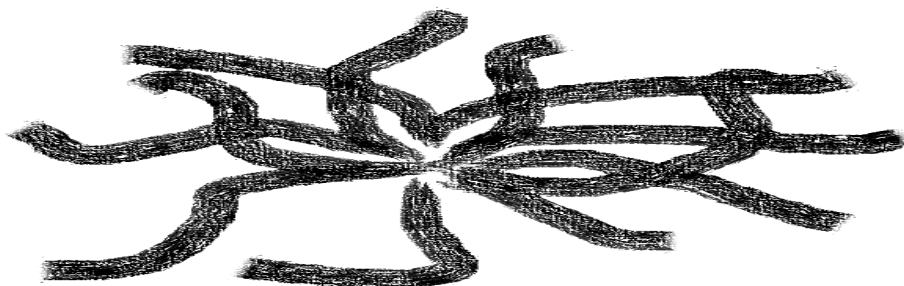
— O ciclo é algo que aparece bastante na sua fala. Consegue perceber de onde vem isso? Que ciclo seria esse?

— Posso falar de um deles: a entrega da escrita. Não sei ao certo quando se inicia, mas que ganha muito corpo na entrada para o programa de pós-graduação em que estudo e ainda mais corpo ao fazer parte do Coletivo Cronopies+^{xlvi}. Em algum momento já devo ter falado sobre esse coletivo do qual faço parte. Cronópios, Cronópi*s, Cronópies, Cronópies+...



Um coletivo em transformação, em constante mutação, de acordo com as pessoas que vão entrando e saindo do grupo, que produzem mudanças até mesmo no próprio nome do coletivo. As pesquisas desenvolvidas são alimentos para as diversas discussões que perpassam o grupo, que compõem junto à filosofia da diferença e outros campos e intensidades... Com filosofia e antropologia e literatura e pintura e... e educação e matemática e... Os diversos trabalhos, da filosofia da diferença à decolonialidade, dos múltiplos encontros, em uma aldeia indígena, em um

quilombo, em um acampamento ou assentamento do MST, em um coletivo de mulheres pretas, em uma aula de Matemática, na escola, no ensino de Análise...^{xlix} Múltiplos caminhos, uma diversidade de encontros, encontros com o desconhecido, encontros com o fora. Um deslocamento que produz, junto aos encontros, possibilidades múltiplas de ser e estar na academia e de produzir junto a ela. *Um coletivo plural*, que possui como orientador dos trabalhos do grupo o Roger, o pilar do grupo. Isso não é sinónimo de centralidade, apesar de institucionalmente o ser. Mas sim de continuidade. E é fácil perceber o coletivo a partir do momento que o conhece.



Mas ser orientado por ele não é pré-requisito para estar junto ao Cronópies+. O coletivo é de quem quer estar junto, seja na academia ou fora dela. O coletivo é de todos que ali estão e se dispõem a compor com o grupo. Cada discussão perpassa os trabalhos, em uma composição de múltiplas mãos, trazendo inspirações ou até mesmo pirações para a confecção de cada texto.

— Então estar em grupo te auxilia na escrita do trabalho?

— Penso assim como Deleuze quando se colocava a produzir história da filosofia. Falar de outros trabalhos do grupo também é falar do seu e pensar no seu próprio trabalho. São os encontros semanais que permitem outros encontros ou até mesmo desencontros. Uma frase, uma ideia que permite pensar o coletivo e as produções é “estar junto”. É na possibilidade do estar junto que o grupo vai ganhando potência. Essa frase não exprime somente a relação entre os entes do grupo, mas também a relação com a pesquisa e com as pessoas e os locais e as culturas e... das quais fazem parte a pesquisa. Não é de fora para dentro e nem de dentro para fora, mas é no entre, onde a pesquisa ganha corpo.

— Antes você estava falando do fim dos ciclos e o término da escrita vai de encontro ao fim de todo esse processo de pesquisa. Qual a sua relação entre toda a vivência e o fim desse ciclo?

— Não sei se isso é uma questão para mim. Não sei nem se entendi qual é a intenção da pergunta.

— Você diz muitos *não sei*. A todo momento apresenta poucas certezas.

— Mas não existiria potência no não saber? Tudo precisa ser exatamente como é? Certezas demais não poderiam colapsar em verdades que nada produzem, apenas se iludem tentando repetir um suposto mesmo?

— Uma das dificuldades na sua escrita ou na fase final de uma escrita acadêmica seria se desligar de todo o período da pesquisa?

— Não sei o que você quer que eu diga ou qual relação você quer fazer. Que a pesquisa é a mãe e é difícil sair do colo materno, por isso a dificuldade em finalizar escritas?



— Então o fim da pesquisa teria relação com o corte do cordão umbilical?

— Não é isso. Não se trata disso. Se trata do presente. Me parece que você quer criar uma espécie de domesticação do ser, uma neurotização do indivíduo. Mas deixa para lá.

— É importante colocar para fora, exteriorizar algumas questões, para que você possa se entender.

— Não sei muito bem por que eu precisaria me entender, mas tudo bem. É como se sua pergunta tentasse me fixar em algum lugar.

— São comuns esses picos de raiva?

— Só quando parecem querer me colocar em caixas. Agora sou o raivoso. Outras vezes sou o neurótico.

— Raivoso. Então você se considera raivoso ou neurótico?

— Eu não quero me considerar nada. Mas também posso o ser. Sou múltiplo.

— Você tem que pensar nisso. Não poderia essa raiva ser uma das causas da dificuldade em escrever?

— A raiva também pode produzir, quando afastada do ressentimento. A raiva pode movimentar escritas, potencializá-las, a raiva também pode ser política. A raiva pode iniciar processos.

— Hum... inícios. Fale um pouco do seu contato inicial com as produções do grupo.

— Interessante. A busca de uma origem que seja a causa de todo e qualquer sofrimento. Mas vamos lá. Quando começo a pesquisar sobre escritas outras na educação matemática, um dos primeiros contatos que tive foi com os textos do grupo. Na verdade, aconteceu assim que entrei no grupo. Na verdade, mesmo antes de entrar já havia tido contato com dois trabalhos do grupo.

— E o que você sentiu quando leu esses textos?

— Difícil falar de sentimento, ainda mais porque cada contato com uma escrita é diferente dependendo do momento, das circunstâncias e de diversos fatores que fazem com que a leitura seja outra. Não existe uma mesma leitura do mesmo texto. Cada leitura é uma outra leitura.

— Mas você estaria repetindo o texto?

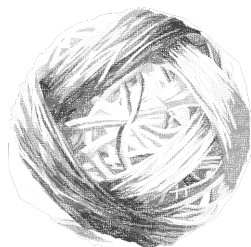
— Mas mesmo na repetição, seria outra coisa. É a diferença na repetição.

Mas eu poderia falar sobre alguns trabalhos e as escritas que também são parte da pesquisa, quando me coloco a olhar para escritas outras. Por exemplo, na dissertação “Ribeiras de vales: ...e experimentações e grafias e espaços e quilombolas e...”^l Diego Gondim em seu trabalho junto a uma comunidade quilombola do Vale do Ribeira, experimenta em cada página uma escrita outra. Dos borrões em resumo, rastros de uma pesquisa junto a intensidades de um campo vivenciado. Das linhas e fluxos do sumário que apresentam possibilidades diversas de entrada. Das múltiplas cores e grafias que refletem uma vivência intensa em um ambiente repleto de luta, cultura e história. Os apagamentos, as imagens, os recortes, os riscos, os borrões fazem parte de uma composição que permite possibilidades diversas de produzir junto a cada página. Um texto vivo e vibrante, um texto Diego, um texto quilombo.



Junto a ele, tive contato com “Indígenas, cosmovisão e ensino superior: [algumas] tensões”.^{li} Dissertação escrita por Jorge Orjuela-Bernal. A pesquisa gira em torno das linhas de tensões entre a cosmovisão indígena e o pensamento acadêmico, a partir de um grupo de estudantes indígenas da Universidade Federal de São Carlos.

A cada linha encontram-se palavras destacadas em diferentes formatos e cores. Palavras potentes, palavras vivas. Símbolos, mapas, imagens, linhas. A estética apresenta, contextualiza. Os elementos são a própria escrita, escrita de mundo. Escrita que transborda identidade cultural. Escrita que possibilita outros mundos.



— São escritas diferentes, com formatos diferentes e diversos, você se sente assim também?

— Ainda estamos falando de escrita, não? Mas, então, apesar de diferentes, há algo em comum entre elas. Todas são escritas menores.

— Então você procurou por escritas menores, que tivessem a ver com um seu menor, talvez com sua infância?

— Não, não tem relação com minha infância e meus pais.

— Seria um retorno à infância?

— Já disse que não tem a ver. Você parece insistir em algumas questões. Quando penso o menor, penso na escrita, mas não só isso.

— Então também tem a ver com a infância?

— Pare, por favor. Parece mais um problema seu do que meu, essa sua insistência em tentar me neurotizar. Tem a ver com muitas coisas, até com a infância. Mas não com a minha. No caso, quero pensar a escrita.

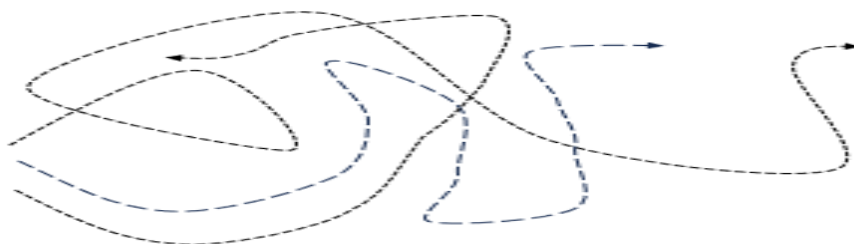
— Fale mais sobre. Todas elas são menores? O que isso quer dizer?

— Sim, todas as escritas que tive contato são escritas menores, se pensarmos a escrita acadêmica como uma escrita maior no âmbito da academia. Primeiramente quando falo que a escrita outra é uma escrita menor, não falo de um menor que seja inferior ao maior e nem de algo que esteja fora das normas acadêmicas, mas de uma escrita em uma escrita maior, com potências diferentes daquelas que já operam nesse território maior já de algum modo consagrado^{lii}. Uma escrita menor trabalha com os elementos de uma escrita maior, mas de outros modos não antevistos, produzindo um outro dentro da própria escrita acadêmica. E aí vem a primeira característica da escrita menor, seu forte grau de desterritorialização^{liii}. A escrita menor desterritorializa a escrita maior em relação às suas regras e rigor. Apresentando outras regras, que não

negam as da escrita maior, muitas vezes formatadas de acordo com a ABNT, e um outro rigor, que não mais o rigor normatizado na academia, um rigor de dimensões ética-estética-política^{liv}. Dessa forma, a segunda característica da escrita menor é que nela tudo é político^{lv}. Político enquanto dimensão do rigor pelo qual os textos são escritos, mas também é político enquanto tensiona as linhas de força dentro do espaço acadêmico, enquanto tensiona a própria escrita acadêmica. Ela é política enquanto todas as suas questões singulares são de caráter político. Isso não quer dizer que o texto fale diretamente sobre política. Mas agora a estética não é mais apenas o fundo para a apresentação de uma pesquisa ou ideia. Por isso não segue um modelo. A estética, ligada à política, é parte substancial de toda a pesquisa ou ideia. Não há como dissociá-la do conteúdo. Por último, a escrita menor tem caráter coletivo^{lvi}. Cada produção é uma possível afirmação de mundo dentro da academia. De um outro mundo, de outras possíveis academias.



E é junto a essa menoridade que a escrita pode se tornar potência junto à Educação Matemática. A desterritorialização abre mundos novos a serem explorados, ora junto ao campo do conhecimento, ora fissurando-o. Alimentados e alimentando a área, às vezes por rupturas que produzem outros nascedouros. A escrita menor, enquanto desterritorializada, permite novos olhares, novas possibilidades de produção. Pensar uma escrita outra é pensar em outros elementos que possam compor junto ao campo de pesquisa. Novos inquéritos, novas possíveis academias, novas possíveis educações matemáticas. Não só a Educação Matemática é alimentada por escritas outras, como o pensar matemático também alimenta a escrita. Ambos podem caminhar juntos potencializando um ao outro.



- Está tudo bem?
- Só pensando!
- E sobre o que está pensando?



- Talvez eu prefira ficar com esses pensamentos.
- Novamente prendendo para si.
- Tem coisas que não preciso falar. Os meus devaneios já falam por si. É um espaço de liberdade que talvez eu não queira que você participe?
- Os devaneios, as vozes, se eu não posso te ajudar com isso, como você pode controlá-las?
- Quem disse que quero controlá-las? Pelo contrário, acho que tenho que deixá-las habitar a mim e ao mundo. Mas por acaso, lembrei de mais um ciclo que está na hora de se fechar. Sabe, quando você me faz essas perguntas, me traz a clareza de que um fim de ciclo que quero assumir para me abrir para a multiplicidade, a fuga de uma prisão, para um outro pensar que desloca as certezas em prol de um ser único e castrado. Talvez esteja na hora de ouvir as vozes que habitam em mim e com elas vislumbrar outros mundos possíveis.
- E que ciclo seria esse?
- Você ainda não entendeu? Só pare, por favor! Já não consigo mais responder a essas perguntas que tentam me colocar em um lugar específico.
- O que é tão difícil de conseguir para você? De onde vem isso?
- Chega, esse sou eu! Acho melhor terminarmos por aqui. Adeus, neurotizações. Adeus ao analista. Doravante, prefiro e assumo ficar com as vozes que habitam em mim, a multiplicidade que aqui está. Povoem, ocupem, minhas queridas!

- Alguém por aqui?
- Oi! Boa noite!

- Tem ninguém, não.
- O que esse rapaz quer saber?
- Chegou o doidinho. Aquele que gosta de arte, que fala de escrita...
- Gostaria de saber uma coisa: vocês poderiam me ajudar?
- Claro! Pode perguntar.
- Pergunta logo, doidinho!
- Que pode uma escrita outra na Educação Matemática?
- Não sei!
- Uma outra estética?
- Como assim?

— Ah! Eu visualizo a estética como modo de criação. Dessa forma, outros modos de criação nos permitem outros modos de habitar o mundo ou habitá-lo de um modo diferente.

- O planeta terra?
- Acho que ele está falando do mundo acadêmico, por causa da escrita!

— Eu já visualizo a estética como outros modos de existência. Podemos pensar também em uma ética e política. A Ética que opera no estar junto e nos compromissos assumidos nesse estar junto. É da ordem da relação. E a política está ligada à transformação dos espaços.

- Que podem estas três dimensões junto à pergunta que você propõe?

— Podem se comprometer com o mundo, com a vida, afirmando-a em toda a sua potência!

- Continuo sem saber! De que vida você fala? Física?
- Vida como variação! Como potência de produzir diferença!
- Me sinto um analfabeto às vezes.

- Mas isso é necessariamente ruim? Às vezes ser analfabeto pode ser bom?

— Antes de responder à pergunta, gostaria de pensar a escrita. Se eu tenho um contato com uma escrita, por exemplo, e não consigo acessá-la, ela não me diz nada. Me sinto como um analfabeto em encontro com um texto. Na verdade, um desencontro. Não falo aqui de inteligência, mas de não ter acesso aos códigos que me permitam operar junto ao texto, junto à vida.

- Mas aí não seria um encontro desencontrado?
- Seria esse encontro um milagre?

— Encontro não precisa ser da ordem da sobreposição. Para que haja um encontro, precisa primeiramente haver um convite. Um aceite ou uma recusa são possibilidades de respostas ao convite.

— Opa, vamos lá! Eu aceito!

— O analfabeto só se vê analfabeto se há uma disposição inicial de estar com aquilo, de estar com a escrita. Mas isso pode sequer existir, caso não haja o primeiro encontro. Por exemplo, para uma comunidade apenas oralizada o texto se torna um desencontro em um primeiro momento. Aquilo não faz sentido. Caso surja uma certa disposição, um certo aceite em estar junto àquilo, aí sim é o primeiro passo para essa interação entre o leitor e o trabalho escrito.

— Ahh... então ele pode ler e não ter acesso aos signos, como um analfabeto. Por exemplo, se tiver uma imagem, ele pode não compreender a imagem. Como em um quadro abstrato.

— Ou pode operar com ela de outros modos não esperados, como quando vemos uma pintura que nos afeta e nem sabemos muito bem como.

— Começou esse negócio de arte!

— A arte por exemplo se dá nessa relação, no entre, uma relação do objeto com quem está em contato com ele.

— Uma escrita artística? Uma arte escrita?

— E nessa relação podemos ser analfabetos, como também podemos compor junto ao objeto, criar novos sentidos.

— Como em um jogo onde você teria múltiplos caminhos para seguir, né?

— Eu gosto de jogo!

— Podemos pensar a escrita acadêmica como um jogo. Há ali algumas regras que devem ser cumpridas para que, segundo elas, possa funcionar. Em um jogo pré-programado, como em jogos de computador, tem um ponto ali onde você pode explorar, mas há um limite. Nos jogos mesmos de mundo aberto, onde há diversas possibilidades e caminhos dentro jogo. Mas o jogo não é infinito. Por exemplo, se você tentar encontrar o fim do mapa do jogo, há uma programação que faz com que você não possa passar de um certo local. Um tubarão te engole caso esteja nadando ou o avião explode quando chega no fim. Há um espaço pré-determinado para que o jogador possa explorar. Um possível determinado.

— Como em um território, onde o estado delimita as fronteiras e o que pode entrar e sair daquele território, assim como quem pode.

— E o estado vai se certificar que você não saia, caso você esteja proibido de sair de lá.

— E quando a gente muda a regra do jogo, o que cria?

— Uma diversão nova?

— Mas há limites para esse novo jogo?

— O limite do compromisso com a vida?

— Em um jogo de cartas, podemos ignorar seu manual e criar regras novas.

Mas da mesma forma estaríamos limitados a utilizar as funcionalidades das cartas. Uma carta que pede ao jogador que compre mais duas cartas, continua tendo a mesma funcionalidade caso as regras gerais sejam modificadas. O valor simbólico da carta continua o mesmo. Ainda há regras, mas elas são deslocadas.

— E se mudarmos essa funcionalidade?

— Nunca se sabe a potência do corpo até que ele atue.

— Uma criança, por exemplo, poderia modificar o sentido da carta e inventar novas funcionalidades para tal.

— Uma analfabeta perante o jogo, talvez.

— Talvez se pensarmos em uma escrita outra, em outra estética, em modificar a regra do jogo, poderíamos trazer aforismos, metáforas, piadas, imagens, vídeos, poemas. Trazer modos outros de produzir, que vão além de certas amarras, limitações.

— Um jogo entre o autor e academia?

— Um jogo de negociações, onde vai se deslocando o início e o fim do mapa.

— Eu ainda prefiro as regras.

— Mas que regras? Regras simbólicas que vão se alimentando para sua própria manutenção?

— Podemos pensar a escrita canônica como um jogo, não? Que produz essa escrita?

— Uma escrita que só tem palavras.

— Uma escrita que é um fundo branco.

— Não generalize!

— Uma escrita que é normatizada.

— Uma escrita morta.

— Uma escrita já pré-estabelecida.

— Não generalize, não ressinta!

— É uma questão de possibilidade, de potencialidade e não de apagamento para destruição.

— Mas há apagamentos potentes, quando produzem variação, deslocamentos.

— Se a gente assume que outras escritas podem ser possíveis, ou seja, outros jogos são possíveis no escrever, que outros mundos podem ser afirmados, produzidos?

— Aí, muita informação! Preciso de terapia.

— Poderia a escrita ser um processo terapêutico?

— Em que sentido?

— Olhar para as próprias questões, olhar para os próprios traumas.

— Neurótico!

— Por exemplo, uma pesquisa que trabalhe com questões relacionadas ao desmatamento da Amazônia, conflitos de terra, violência, genocídio indígena. Como a escrita pode potencializar a pesquisa e ser potencializada por ela, sem cair em uma neurotização?

— Uma questão ética, política e estética.

— Talvez seja um processo terapêutico de mundo.

— Um mundo futuro ou um mundo passado?

— Se pensarmos a escrita canônica, ela tem muito a ver com uma representação de um mundo passado.

— E se pensarmos a terapia, não como a representação de um passado, mas a produção de um futuro?

— Produção de outros mundos.

— Produção de outros possíveis.

— Afirmação de vidas.

— Não é uma questão de se entender, mas de produzir um outro corpo para aquele mundo que ali está, uma escrita da ordem do acontecimento.

— Uma outra escrita.

— Que corpos uma escrita outra pode produzir?

— Mais perguntas?

— Não sei! Tantas possibilidades.

— Em relação à escrita, gostaria de pensar na relação entre o envolvimento e o desenvolvimento. Na pandemia, por exemplo, o que protegeu muitas aldeias e

quilombos foi o envolvimento desses grupos frente ao desenvolvimento. Estarem muito envolvidos fez com que eles não morressem.

— Mas que desenvolvimento?

— Pensar em coisas que melhorem nossas vidas, que a tornassem mais funcional.

— Gosto de pensar na funcionalidade das coisas!

— Eu não gosto. Funcionalidade pode nos prender na repetição de uma mesma estrutura já em desenvolvimento.

— Volta e meia se espera algo em relação ao desenvolvimento, sempre temos que corresponder ao desenvolvimento. Mas que desenvolvimento? A quem interessa um certo desenvolvimento? Em uma sociedade neoliberal, a quem o desenvolvimento visa atender?

— Nossa, incrível! Poderíamos fazer uma tese sobre a sobrevivência frente à pandemia.

— Essa é a questão! Já foi! Por que deveríamos olhar para isso cientificamente?

— Para que possamos nos preparar para caso aconteça novamente?

— Mas se acontecer novamente, seria da mesma forma? Já aconteceu. E, caso haja outra pandemia, será de outra forma, porque já não é mais o mesmo.

— Como em uma aula. A aula nunca será a mesma, o conteúdo pode se repetir, o espaço pode ser o mesmo, mas a aula nunca será a mesma. É sempre diferente. O tempo passa, os alunos são outros, o envolvimento é outro. Cada processo é único, não há como repeti-lo. Se dá em uma situação específica, em um tempo específico. Já não é mais aquilo que se passou e não tem como ser. Por mais preparação que houver, vai se dar de uma outra maneira.

— Na escrita podemos pensar no desprendimento desse desenvolvimento, em função do envolvimento.

— A potência do pensamento frente à disciplina.

— E se nos desprendermos da necessidade de corresponder? E passarmos mais a prestar atenção, estar presente?

— Isso é arte?

— Não precisa ser necessariamente arte!

— Isso é ciência?

— Também não precisa ser necessariamente ciência. Mas sim um processo que está mutuamente relacionado.

- Não é sobre não estar presente, mas estar presente radicalmente.
- Ética-estética-política.
- Acontecimento!
- E como fazer isso?
- Não existe um método para fazer isso. É necessário o envolvimento com o que existe e pede passagem.
- Sempre foi um problema ter que corresponder aos outros. Por isso a escrita muitas vezes pode se dar com dificuldade.
- Será que o que escrevi faz sentido? Será que será aceito? Será que será?
- Corresponder ao outro? De novo com isso?
- Quem será que lerá a minha escrita, o meu texto, a minha tese, a minha dissertação?
- O leitor, ora!
- Que leitor?
- Que mundos são possíveis em uma escrita que busca corresponder? Corresponder aos órgãos de fomento, às grandes premiações, aos resultados práticos, aos programas de pós-graduação, aos grupos de pesquisa. Que escrita busca corresponder? Como se dá uma escrita que pensa em corresponder os anseios do outro?
- Penso que na tentativa exacerbada de corresponder, a escrita já possa nascer morta. Corresponder a algo que já está posto, corresponder a um resultado já deslumbrado, corresponder a um objetivo já traçado anteriormente.
- Uma escrita tecnicista!
- Sim, uma escrita que já está fechada, uma escrita que não dialoga com o por vir.
- Para quem escrever?
- Isso não quer dizer que a escrita não tenha uma intencionalidade, mas sim que ela vai se dando durante o próprio processo de escrita. A estética também vai sendo tecida conforme o próprio processo de pesquisa e escrita, nem antes e nem depois, mas durante.
- Igual à música, né? A música não existe quando ela acaba, ela existe só enquanto é executada. No próprio momento de sua execução. Ao ler uma partitura, podemos pensar a música. Ela está ali em potência. Mas não é a música, pois ela ainda não foi executada.

- Ela pode ser executada infinitas vezes quanto pode ser lida.
- O pensamento da escrita não é a escrita. A leitura e a composição com a escrita não é a escrita.
- Você fala de uma escrita materializada, né?
- Isso! Ela só será escrita durante o processo. Só se tornará um texto durante o próprio processo de escrita. Já não se sabe mais aonde quer chegar. A escrita vai se dando nesse processo de construção e reconstrução, escrita e leitura.
- Então escrita e leitura estão necessariamente ligadas?
- Escrileitura!
- Um processo vivo de criação e habitação de mundo. As palavras são modificadas. As ideias são transformadas.
- Já não se sabe mais aonde quer chegar.
- Cada palavra é posta e repensada nesse processo de ida e vinda. Cada ideia transmutada.
- É na prática que a escrita vai se dando, vai sendo tecida.
- No processo.
- Não é a materialização de um pensamento, pois ela transforma o pensamento, assim como é transformada por ele. Caso contrário, a escrita já nascerá morta.
- Ela se dá na relação.
- Falando em relação, o texto só existe na relação entre o autor e o leitor? Que pode um texto estar produzindo se ele não é lido?
- O texto é feito para ser lido?
- Uma vez, fizeram uma pergunta para um músico, se a música era feita para o ouvinte ou se a música era feita para o músico. Quem tem que gostar da música é o músico que a executa ou o potencial público que a escuta. De forma categórica, o músico diz que o primeiro ouvinte da música é o próprio músico que a executa, pois é especialmente a pessoa que está mais perto.
- Então, o primeiro leitor de um texto é necessariamente o escritor?
- Quem escreve é sempre o primeiro leitor de sua própria produção, porque ele está lendo instantaneamente, assim que ele escreve, assim que ele digita, assim que ele rascunha, rabisca. Cada uma das letras, cada um dos espaços que ele produz. Ele é o primeiro leitor daquilo mesmo que ele produz.

— A escrita e a leitura são inseparáveis na produção de um texto, seja ele acadêmico ou não. Seja uma escrita normatizada, canônica, ou uma escrita outra.

— O que se coloca em disputa não é a escrita em si. Uma escrita normatizada ou uma escrita outra são produzidas nesse processo de escrita e leitura.

— Então, talvez, possamos voltar para a pergunta: “para quem escrevemos”?

— O músico executa a música para si. Deve executá-la para si.

— E o autor? Ou melhor, pensando diretamente na academia. O autor escreve para defender uma dissertação ou tese?

— Se pensarmos, primeiramente, na tese como um dos passos para a aquisição de um título acadêmico, para quem escreveríamos?

— Depois de si, os próximos leitores seriam o orientador. Em alguns casos, o grupo de pesquisa e, por fim, a banca.

— Sim, escrevemos para defender. Mas não é só isso. Escrevemos, também, para a aquisição de um título, como parte desse processo. Mas há outros fatores mais relevantes para pensarmos a quem escrevemos. Ao pensarmos somente na escrita como uma etapa para a conclusão, estamos trabalhando diante de um caráter tecnicista da escrita, em que uma escrita possuiria como objetivo a aprovação.

— O aluno que aprende a escrever uma resposta de acordo com os critérios de avaliação do professor.

— Que texto é esse que visa somente à aprovação? Que produz esse tipo de texto? Que mundos são produzidos por esses textos?

— Um mundo passado? Um mundo tecnicista?

— Uma escrita normatizada é, por muitas vezes, pensada a priori. Visa responder às exigências de um mundo acadêmico posto. De uma academia que, como parte do sistema neoliberal vigente, visa à produtividade. Em um programa de pós-graduação que está sujeito às avaliações de órgãos educacionais, seriam as teses e dissertações parte desse sistema produtivista? Que mede o grau de qualidade de uma escrita acadêmica, o número de citações? Não obstante, surgem os modismos acadêmicos, textos e pesquisas que embarcam em assuntos com alta possibilidade de publicação. A escrita se coloca nesse lugar da prestação de contas, um produto que se coloca à disposição do mercado.

— Escrita produto. Escrita produtividade.

— Uma escrita outra não é muito diferente, não é? Ela também passa por esse processo de aprovação.

— Talvez não seja só isso!

— Talvez a aprovação seja outra. Para que uma escrita como uma tese e dissertação sejam aprovadas, precisam passar pela aprovação de uma banca, logo estão sujeitas às regras da academia. Mas quais regras são explícitas e quais são implícitas? Quais regras realmente devem ser seguidas e quais vivem em um imaginário coletivo? Quais regras, símbolos, não estão explícitas, mas reforçam um certo mundo, uma certa comunidade?

— Para jogar esse jogo, deve-se entender suas regras, para que passe pela fresta. Pelo espacinho entre as obrigаторiedades.

— É a malandragem em seu estado puro, cumpadi.

— Transgressores! Isso é coisa do Diabo!

— That's just the way it is. Things will never be the same. That's just the way it is.

— Ooh, Yeah.

— Escritas outras poderiam operar como escritas diabólicas?

— Deus me livre!

— Vamos pensar no Diabo da representação bíblica. Uma representação diabólica, mas que é angelical. Lúcifer. Vindo da luz! Um anjo caído. Qual é a punição para a desobediência? Que escritas se fazem desobedientes?

— É que eles têm medo do novo, a chama que acende o farol. Seremos deus e o diabo na terra do sol.

— Mas aqui não estaríamos novamente voltando para uma dicotomia: o bem e o mal, o justo e o injusto, certo e errado, o normatizado e o outro?

— Falar de um outro não é trabalhar na dicotomia do bem e do mal, até porque o outro não opera no singular, é sempre plural. São outros. Cada modo único. Não é uma vida afirmada no outro, são vidas se afirmando. O outro engloba uma multiplicidade de escritas, uma multiplicidade de possíveis. São transgressivas no próprio ato de criação, na ruptura entre dois caminhos, pois há uma infinidade deles.

— Há de se ter um cuidado com a transgressão para não cair no ressentimento. A transgressão é como fogo: queima, deixa marca. Em um primeiro instante um vislumbre, uma dança entre azul, vermelho e amarelo, podendo seguir um ritmo ou dançar em passos assíncronos. Em um momento, o controle. Qualquer descuido pode fazer com que esse fogo se alastre. Fogo que queima, que pode destruir.

— Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus. Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas. — O mundo é isso — revelou —. Um montão de gente, um mar de fogueirinhas. Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar e, quem chegar perto, pega fogo.

— Mas isso seria ruim?

— Depende. Que vidas estão afirmando? Que espaços esse fogo se coloca a queimar? Aliás, fogos. Nem sempre o incêndio virá de uma única faísca. Pode causar uma destruição total, pode fugir do controle. Não há desterritorialização controlada. Nenhuma queima respeita o espaço. Não há espaço delimitado por ela, o menos que haja um controle em um certo momento. A menos que seja reterritorializada. Esse pode ser um dos perigos de uma escrita fogo. Uma escrita que destrói, ressentida, não deixa rastros. Já não nasce nada dali. Mas não tem como saber qual fogo esgota o espaço e qual produz novos mundos. Para que não esgote, há de haver um compromisso na queima. Um compromisso que faça sentido para o território. E, aí, as queimas podem gerar um novo mundo, um novo território, ou podem apenas fazer a manutenção do território já posto. O processo ancestral de queima da vegetação de um certo espaço para o cultivo de alimento, muito utilizado por indígenas da Amazônia. Há um compromisso na destruição dessa vegetação, um compromisso diferente do utilizado por latifundiários. Um está relacionado à subsistência do coletivo, o outro relacionado à individualização do capital. Um cria um novo mundo, o outro destrói para a manutenção do mundo. A capitalização não se dá pela fissura, mas por um compromisso com o território já existente.

— A revolução para a manutenção do poder.

— Estamos falando da história do Brasil? Achei que fosse sobre escritas outras.

— A questão é: quais são os compromissos?

— Éticos.

— Quais formas de vida?

— Estético.

— Em nome de quais nascedouros?

— Político.

— A aleatoriedade, o descontrole do fogo, pode ser qualquer coisa, pode gerar qualquer coisa. Por isso a importância da tríade ética-estética-política da escrita.

— Vale tudo, mas não vale qualquer coisa.

— Mas e a experimentação, uma escrita outra em experimentação? Os testes? Não poderia dar errado?

— O experimentar é comprometido. Por exemplo, eu poderia tirar minha roupa e começar a dançar aqui.

— Faz isso não, por favor!

— Seria uma experimentação. Mas quais seriam seus compromissos? Que vida afirma? Quais são os nascedouros? É uma aposta, um tiro no escuro. Talvez apenas destrua, sem que haja uma reconstrução. Mas não há como saber de antemão se irá fissurar ou não.

— Cada escrita, um compromisso. Cada pesquisa, um compromisso.

— E, caso tente copiar, fazer da mesma forma?

— Teria a mesma potência? Não dá para saber. Mas deve haver um compromisso, deve haver vidas e nascedouros.

— Oi! Não me perca de vista! Que pode uma escrita outra na educação matemática?

— Talvez possa uma educação matemática outra, uma educação matemática que não se ponha como salvadora, mas comprometida. Uma educação matemática que opere junto aos seus compromissos, junto à tríade ética-estética-política. Uma escrita que povoa, uma escrita que afirma vidas pode produzir novas educações matemáticas, novas academias, novas possibilidades de habitar esses territórios. Novas aberturas e delimitações de fronteiras.

— Acho que o tempo está acabando, já não há mais tempo.

— Para escrever, precisa de tempo? A escrita demanda uma série de elementos. Mas que tempo é esse? A escrita termina quando termina o prazo?

— O fim da escrita é sua morte? Aliás, onde termina uma escrita, se ela se produz junto a leituras e está comprometida com a vida?

— E a leitura, também precisa de tempo? Para se entregar às dispersões precisa de tempo?

— São outros tempos. Em um outro tempo nem a possibilidade de escrever ou de ler uma escrita outra seriam possíveis. A escrita se dá no tempo, seja ele o tempo dos prazos, seja ele o tempo histórico, seja ele outros tempos. Uma coisa é certa: uma hora esse tempo acaba e, assim, a escrita, possibilitando o nascimento de outras escritas, de outros mundos, de outras academias, de outros.

— Não concluindo, mas concluindo...

xlvi <cronopiando.org>.

xlx Um estudo com mulheres pretxs que assumiram empoderar-se por meio da tecnologia. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Indígenas, Cosmovisão e Ensino Superior: [algumas] tensões. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Histórias de uma pesquisa(dora) em uma escola do campo com professores que lecionam Matemática. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Manifestos Quilombolas; Desta Terra, Nesta Terra, Para Esta Terra. 2021. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Rigor sem órgãos: em meio a relações discursivas, (R)Ex(S)istências possíveis. 2020. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Encontros e fluxos numa escola: educadora matemática em potência de criação, fratura e resistência. 2018. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

ⁱ GONDIM, D. M. Ribeiras de Vales... e experimentações e grafias e espaços e quilombolas e... Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (UNESP), Rio Claro, 2018.

ⁱⁱ ORJUELA-BERNAL, J. Indígenas, Cosmovisão e Ensino Superior [algumas] tensões. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2018.

ⁱⁱⁱ Uma literatura menor não pertence a uma língua menor, mas, antes, à língua que uma minoria constrói numa língua maior (Deleuze; Guatarri, 1997, p.38).

ⁱⁱⁱⁱ E a primeira característica é que a língua, de qualquer modo, é afetada por um forte coeficiente de desterritorialização (Deleuze; Guatarri, 1997, p.38).

^{liv} (Rolnik, 1993, p.245).

^{lv} A segunda característica das literaturas menores é que nelas tudo é político (Deleuze; Guatarri, 1997, p.39).

^{lvi} A terceira característica é que tudo toma um valor coletivo. Precisamente porque o talento não é, na verdade, muito abundante numa literatura menor; as condições não são dadas numa enunciação individualizada, pertencente a este ou aquele mestre, separável da enunciação coletiva (Deleuze; Guatarri, 1997, p.38).

Obscure Error

 **Larissa Zeggio** → Balzac • 5 anos atrás
*uma Faculdade...

^ | v • Responder • Compartilhar

João Kennedy • 5 anos atrás

Não entendi nada...isso não é matéria de cunho científico, ou social, literário, desprezível.

^ | v • Responder • Compartilhar



Figura 1 – A Persistência da Memória. Salvador Dali (1931).

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Persist%C3%Aancia_da_Mem%C3%B3ria



O que é?

O que é escrita?

O que é escrita acadêmica?

O que é escrita acadêmica outra?

O que é escrita acadêmica outra em educação?

**O que é escrita acadêmica outra em
educação matemática?**

**Que pode uma escrita acadêmica outra em
educação matemática?**





Figura 2 – The monster inside me. Brandon Stewart.

Fonte: <https://www.atramentstudios.com/gallery?pgid=jwx2czbv-359b5a92-a5a6-4c7e-9716-5f52dd1fd1da>







O desequilibrista

Já não sei onde estou, me sinto entre **dois mundos, em uma linha tênue entre** ficção e realidade, nas bordas do **proibido e permitido, da subversão e da** normatização. A cada novo **passo a corda balança, dificultando o equilíbrio.** Mas isso já era **de se esperar: um desequilibrado se aventurando em um** desafio **que** **requer concentração e equilíbrio.** Sinto a corda balançar mais forte, como em **um movimento pendular.** Já não sei mais onde cairei, a corda já não está mais **onde havia estado.** Em alguns momentos tudo parece **ser real, em outros parece** **ficção.** Isso vai variando a cada **balanço.** Dou mais um **passo.** Agora já me sinto **um pouco mais seguro nesse** balançar, não sei se me **acostumei com o ritmo ou se** **o desequilíbrio me** mantém na linha. Qual o perigo de **cair em algum dos lados?** Dou mais um **passo.** Cada vez parece estar mais distante **do fim.** Preciso chegar **ao fim?** Há um fim? Se não há um fim, onde a corda está **presa?** Dou mais um **passo.** Minhas pernas estão pesadas. A esperança talvez **seja o que ainda me** mantenha aqui. Outro passo. Já não sei mais há quanto tempo **estou por aqui.** Às vezes 1 ano parece pouco tempo. Varia da realidade para a ficção. **Mais um passo.** Olho para trás e vejo vestígios do que já percorri. O primeiro passo já está distante. Ainda enxergo o início. Mesmo sem lembrar o que me fez chegar até aqui. As coisas mudam no processo. A cada passada me sinto **outro.** As passadas parecem as mesmas, mas algo parece ter mudado. **Mais um passo.** A **repetição do balançar** não **me faz** mais **distinguir os** espaços, **os mundos.** Parecem um **só.** O dual. Outro passo.



KEYWORDS: Formation. Body. Education. Art. Schizoanalysis.

TUPI OR NOT TUPI,
THAT IS THE
QUESTION

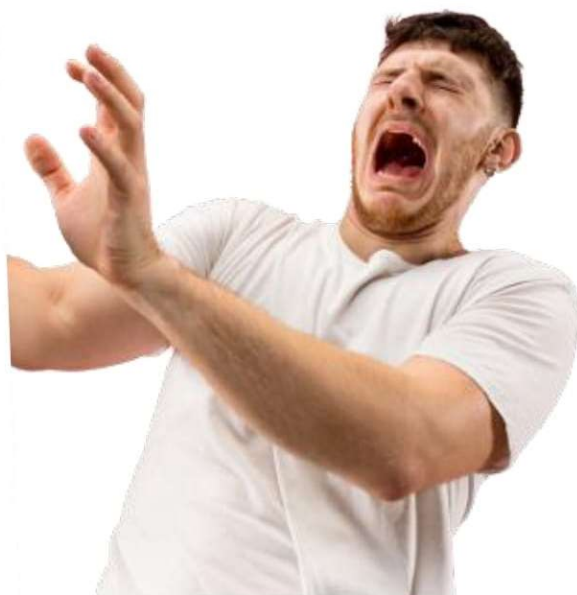




Figura 3 – Obra de Alexandre Rola, Encontro (2017).

Fonte: <https://www.alexandreroia.com/galleries/gallery-1/4946322-42558-photo-16>.







Figura 4 – Banksy, Soldier throwing flowers.

Fonte: <https://www.guiadasartes.com.br/banksy/biografia>.



Ô, minha cara A. Writing.

*P*assei os últimos dias pensando muito em ti. Queria lhe escrever, mas tive receio. Passei horas procurando as palavras certas, que pudessem traduzir o que venho sentindo. Ledo engano. Espero que compreendas o que tenho a escrever. Gostaria que tivesse aqui agora, mas não sei se conseguiria dizer algo junto a ti. Foram alguns anos, não? muitos não tão bons quanto gostaríamos. Ainda me recordo da primeira vez que te avistei. Tão inteligente. Seu corpo bem estruturado me encantou à primeira vista. Seu andar tímido não traduzia a complexidade das palavras que saíam de ti.

Parecíamos distintos, talvez seja isso que tenha me encantado. Lhe perdi de vista naquela noite. Algum tempo se passou até que pude te reencontrar. Continuava a mesma. Suas linhas dotadas de regularidade diziam muito sobre ti. Seu olhar era desafiador. Pouco a vi fugindo das regras. Centrada em seus afazeres, não admitia desvios. As vezes tagarela, em outras, dizia muito pouco. Parecia que apenas contemplava a si mesmo. Talvez isso tudo me encantasse em nosso primeiro encontro. Decidimos nos unir. E aí as coisas mudaram não é mesmo? Já não tinha voz, falava por ti, apenas da maneira que lhe agradasse. Palavras por muitas vezes vazias mas que lhe trazia conforto. Gostaria de saber se você se importava com o que eu tinha a dizer ou se sua questão estava relacionada a forma como eu falava. Quando tinha algo a dizer você me talhava. Quantas vezes você realmente parou para me escutar? Ainda lembro daquele famigerado dia em que tentastes podar minhas frases. Ai, minha cara Writing, tantas vezes fugi de ti, procurando na ausência maneiras de me aproximar de suas perdas, de suas faltas. Se lhe evitava não era por me sentir mudo, queria eu me sentir assim, mas era por ser muito falante, por falar por ti, mesmo que os outros não compreendessem. Ouvi dizer que o mesmo já aconteceu com outros.

Uma máquina de enquadrar sujeitos. E cá estou eu novamente. Ainda quero estar contigo. Perdi as contas de quantas vezes tentamos nos conciliar. Talvez não seja perfeito o suficiente para ti, mas acredito que possamos conviver juntos, pois o que tenho a te dizer ninguém dirá da mesma forma. E sei que pode mudar, que pode me aceitar como sou. Mesmo que não fale como você ou haja da mesma forma, ainda espero ocupar um espaço em sua vida. E assim podemos gerar outros, que não serão iguais a mim e a ti, mas que ocuparão um espaço em sua casa, ou melhor, em nossa casa. Espero que possa considerar essas palavras aqui como estão, pois não conseguiria dizer de outra forma. E que desta vez me aceite como sou.

Espero sua resposta.

Seu amado,

Brief





Figura 5 – Capa da Revista de Antropofagia. 1928-1929.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_antropof%C3%A1gico.



JORNAL NACIONAL

Obra de Banksy se autodestrói após ser leiloada por 1 milhão de libras

Em um leilão, em Londres, plateia viu a famosa imagem de Banksy 'A Menina com o Balão' virar tirinhas. Intenção era criticar a mercantilização da arte de rua.



POP & ARTE

Obra autodestruída de Banksy é vendida por 18,6 milhões de libras, um recorde para o artista

Valor em reais corresponde a cerca de R\$ 140 milhões e é entre quatro e seis vezes mais alto do que o preço pago na primeira venda por colecionador anônimo em 2018.



Como é que se escreve?¹

Quando não estou escrevendo, eu simplesmente não sei como se escreve. E se não soasse infantil e falsa a pergunta das mais sinceras, eu escolheria um amigo escritor e lhe perguntaria: como é que se escreve? Por que, realmente, como é que se escreve? Que é que se diz? E como dizer? E como é que se começa? E que é que se faz com o papel em branco nos defrontando tranquilo? Sei que a resposta, por mais que intrigue, é a única: escrevendo. Sou a pessoa que mais se surpreende de escrever. E ainda não me habituei a que me chamem de escritora. Porque, fora das horas em que escrevo, não sei absolutamente escrever. Será que escrever não é um ofício? Não há aprendizagem, então? O que é? Só me considerarei escritora no dia em que eu disser: sei como se escreve.



¹ Texto de Clarice Lispector encontrado no livro “A descoberta do mundo” (Lispector, 1999, p.156-157).

Querido diário,

Hoje começarei a participar de um curso de extensão. Faz um tempo que espero por um curso que fala sobre escrita acadêmica, mas o que criaria junto a um curso que se propõe a escrever academicamente? Estou um pouco nervoso, não sei o que encontrar. O curso de extensão em questão parece ser em escrita que não seja acadêmica, mas que o é, pois se dá na academia, que provoca a escrita acadêmica, sendo também ela acadêmica. Mas é aquela escrita lá, aquela que totaliza uma acadêmica. Será que dará certo? O que faria em um curso de extensão em escrita outra, aquela que não é acadêmica, mesmo se dando na academia? Olhar para teses e dissertações que escapam a uma norma acadêmica de produção? Isso é acadêmico? As teses e dissertações são produzidas na academia, então deve ser acadêmico. E olhando para essas teses e dissertações que escapam de uma escrita acadêmica mesmo sendo elas acadêmicas, o que faríamos? Produziríamos algo junto a esses textos que não são e são escritas acadêmicas? E desses textos que contam histórias, que afirmam vidas, que vidas, que histórias? Não sei se tenho coragem de me expor a escrever errado, tenho problemas com o português como você deve saber. E se eu começar a escrever de forma acadêmica em um curso que problematiza a escrita acadêmica? Acho que não vão me aceitar. A questão é que eu quero muito participar! Mas não sei como se daria uma escrita não acadêmica, mas que se fez na academia. Não sei se poderia escrever de qualquer forma. Inclusive, poderia uma escrita não acadêmica se fazer sem ser escrita, mesmo dentro da academia? Poderia uma escrita ser cantada, filmada? Estou falando daquela escrita que não é acadêmica, mas se faz na academia. Mas o que faremos com os textos, tentar explicá-los? Não queria isso não. Acho que devem criar algo a partir deles. Mas tem algo que ainda me pergunto. Como se daria um curso de escrita não acadêmica que também é acadêmica, mas que escapa da escrita acadêmica? Apresentar possibilidades de escritas não acadêmicas na academia, mesmo sendo elas acadêmicas? Seria essa dissertação então como um curso de extensão sobre escrita outra que são acadêmicas, mas não como aquela outra acadêmica lá? Restaria ao leitor produzir junto a essa dissertação que também dialoga com teses e dissertações que são acadêmicas mesmo escapando da escrita acadêmica? Gostei, estou ansioso para participar.



Convite a uma pesquisadora em travessia

Em prantos corria...

Não sabia onde estava e nem o motivo que o levara a correr. Nem tinha tempo e motivo para pensar nisso. Se alguém o visse, juraria que estava sendo atacado ou perseguido. Mas não havia ninguém além dele.

Adentrava a mata, na qual o silêncio era contrastado com sons de um galope ocasionado pelo encontro da adrenalina de uma fuga com as raízes de árvores que não mais seriam ocultadas pelo solo. As folhas eram afiadas como navalhas e pareciam querer extrair um corante vermelho desse tal pau-brasil em movimento.

Ele já havia pensado em retroceder, mas o medo de parar e a possibilidade de um retorno não pareciam opções válidas. Era preferível encarar aquele labirinto natural, mesmo sem um objetivo específico.

Betinho desfrutava os prazeres e as dificuldades do início da vida adulta. Filho de refugiados de guerra, sua infância havia sido marcada por mudanças e recomeços a cada povoado ao qual seus familiares se deslocavam em busca de novas oportunidades. Havia uma frustração por parte de Betinho e um desejo de fincar raízes profundas em um local, mas logo essa ideia se dissipou de sua mente na esperança de conhecer novas pessoas, principalmente se elas gostassem de jogar amarelinha. Quando a família resolveu se estabelecer na aldeia para a qual fugira, havia sido por impossibilidade de prosseguir viajando. Um acidente acabou sendo o causador de um desejo longo de pertencimento. Então veio a adolescência e o desejo de se estabelecer em algum local acabou sendo sua maior repulsa. Não se adequava aos padrões. Não se encaixava naquele local. Uma peça de quebra-cabeça perdida em um jogo que não era o seu. Sentia-se como um estranho e a cidade assim também o via. A intensidade do desejo que tivera na infância em ali estar, se transformou em repulsa na adolescência, porém sem as novas pessoas e o jogo da amarelinha para lhe distrair. Não havia mais forças para estar lá.

Betinho sentiu um beliscão no calcanhar. Não sabia o que havia tocado. Ao procurar, se deparou com um animal de pele branca e fofa, olhos grandes e claros, além de orelhas tão longas que pareciam não combinar com o resto do corpo, uma desproporcionalidade encantadora aos seus olhos.

O animal parecia inofensivo, porém o jovem era ameaçado todas as vezes que buscava uma aproximação. Mesmo um curto movimento já se tornava suficiente para uma reação da pequena criatura. O jovem não sabia como reagir. Não queria machucá-lo, mas também não poderia deixar que ele o machucasse.

Os dois se olharam durante um tempo, analisando um ao outro. Pareciam estar em um filme de ação, onde os personagens ficam parados, o tempo desacelera e a câmera gira, mas sem as frases de efeito. O animal entendia as angústias do menino, conseguia ver em seus olhos desesperados um pedido de socorro.

Em um piscar de olhos, somente a natureza passou a ser vista por Betinho, não mais havia outro ser em sua frente. Pela primeira vez, o menino não fugia e pôde observar o local em que estava. Assustado, mesmo que quisesse não conseguiria se mexer. Estava escuro, mesmo as árvores apresentando entradas das quais poderiam ser iluminadas naturalmente. As estrelas assumiam o papel de emaranhar-se pelas calvícies da mata, funcionando como uma candeia a alumiar o caminho de Betinho. Não via respostas nas estrelas, nem sabia lê-las. Na verdade, nem conseguia perceber a presença de tais astros.

Uma vez, seu pai havia falado sobre as estrelas e as percepções que alguns têm delas.

— Para aqueles que viajam, são guias. Para um artista, inspiração. Para alguns outros, apenas pontos luminosos no céu.

Betinho não havia dado tanta importância a essas palavras na época. Mas agora não conseguia parar de pensar nas potencialidades das estrelas, fluindo para uma inquietação em descobrir sua relação com ela.

— Que queres de mim? Que sou pra ti?

Um outro barulho emanava da mata. Aos seus ouvidos, soava como uma música, de uma melodia simples, porém encantadora. Serena, lhe trazia tranquilidade. Um encanto.

— Hiin in in. Hiin in in. Hiin in in

Curioso como só ele, Betinho resolve ir de encontro à toada. Não lhe era difícil perceber a direção visto que não havia outro som que não esse. Até mesmo o vento deixou de soprar, dando um descanso às plantas, para que ambos pudessem apreciar aquela linda voz. Após alguns novos embates com as folhas, Betinho avista uma moça. Ela encontrava-se agachada, como alguém que procura um objeto perdido.

Ao perceber uma outra presença e reclinar seu rosto em direção ao jovem, suas feições puderam ser observadas por Betinho. A moça era detentora de um sorriso tão estonteante que mesmo surpreendido e amedrontado, o jovem também se percebeu sorrindo. Seus cabelos negros e encaracolados lhe traziam uma tranquilidade que há muito tempo não sentia.

Já ouvira falar de uma moça que morava na floresta, com hábitos estranhos e que se comportava diferentemente da população da cidade. Poucos eram os que não haviam ouvido falar dela. Inclusive, lendas eram contadas a seu respeito. Não sabiam nem mesmo se ela realmente existira. Alguns a chamavam de bruxa, moça da floresta e até mesmo de protetora. O conto que Betinho havia escutado falava sobre a pequena Dara, uma menina que havia se afastado da cidade por falsas acusações. Não se sabia muito bem qual o tipo, mas elas acabaram obrigando-a a buscar um outro modo de habitar aquele espaço. A dor do isolamento teria sido tão grande que, por vingança, carregava jovens para a praia e lá os afogava. Seu objetivo principal, segundo as lendas, seria o de desestruturar a cidade, causando dor e desestabilização a seus moradores.

Betinho aceitara de prontidão o convite para acompanhá-la de volta a sua casa. Nada nela lhe causava medo. Acompanhá-la-ia onde quer que ela fosse, mesmo que lhe custasse novas marcas em seu corpo. No caminho, tentou observar se havia algum

arranhão no corpo da moça, mas não percebeu nada. Parecia que as folhas não lhe causavam dor.

A casa estava situada entre a mata e a praia. A porta de entrada observava as diferentes espécies vegetais, enquanto a maior parte de sua área repousava em contato com a areia. Betinho nem mesmo teve a oportunidade de conhecer o seu interior. O caminho pelo qual a moça seguia era outro.

Ao chegar à praia, a moça se direcionou para uma árvore específica que era facilmente vista de longe, tamanha a sua largura. Solitária, não havia nada perto que fizesse desviar o olhar. Betinho jamais havia visto algo parecido com aquilo que estava disposto em sua frente. Despontava tanto uma estranheza pelo enlaçar de seus troncos e galhos quanto um encantamento por sua unicidade e seu esplendor. Algo diferente nela lhe causava medo, mas também conforto. Ao se aproximar, avistou uma cruz vermelha pintada no tronco da árvore que logo lhe causou curiosidade, parecia um aviso para que se afastasse.

Parecia haver uma conexão entre a moça e a árvore, ou pelo menos uma certa sintonia. Já estava familiarizada com aquele outro ser. Sem pestanejar, ela se aproximou da árvore e de lá retirou 4 galhos. A cada incisão, ouviam-se gritos, risadas, choros e logo em seguida um silêncio profundo, como em um apagão de energia que rompe o som que sai de um rádio. Eram galhos diferentes, de cores distintas, uns mais curvados, outros com bifurcações que formavam novos galhos, cada um com suas peculiaridades. Não pareciam ser galhos nascidos dessa árvore, mas que compartilhavam a seiva que os alimentava. Como em um enxerto. Para alguns era uma aberração, para outros, possibilidade de produzir novos afetos.

Durante o processo, Betinho, assustado com os sons gerados pelo estalar do primeiro galho, voltou a sentir as feridas que haviam sido abertas durante o correr sem rumo pela mata. Elas o machucavam como alguns o faziam na aldeia. Antes mesmo que pudesse gritar de dor, ouviu o estalar de outro galho. A partir de então, a voz de Betinho passou a reverberar em uníssono com as vozes que emanavam da árvore. Agora, as vozes também eram suas, como se incorporassem as emoções de cada graveto, compondo um coral de ruídos.

O jovem, atordoado com a situação, escorou-se no tronco da árvore e deslizou lentamente até tocar o chão. Buscava um apoio que o ajudasse a sustentar seu próprio corpo. Já sentado, começou a sentir um formigamento que evoluía para uma queimadura nas partes do corpo que haviam tido contato com a árvore. A moça, ao perceber a reação de Betinho, se aproximou e lhe deu de comer uma fruta que acabara de retirar daquele monumento natural.

A árvore, em alguns de seus galhos, possuía um fruto parecido com uma maçã, de um sabor doce na mordida e picante ao engolir, evoluindo para uma ardência na boca e irritação na garganta, até o ponto de sentir falta de ar e cegueira. Em contrapartida, mesmo não conseguindo respirar, Betinho pôde perceber que as marcas e feridas que ganhara pelo caminho estavam em processo acelerado de cicatrização.

Observando o estado do jovem, a moça abriu uma garrafa que carregara consigo e pediu para que o menino tomasse o líquido que ali estava. Na primeira golada, sentiu um aroma parecido ao da fruta que acabara de comer. A cada golada seguinte, sua visão ia retornando e não mais sentia falta de ar.

Possuidora de um semblante sereno, a moça se curvou em direção a Betinho e lhe entregou os 4 galhos, um de cada vez. O recebimento por parte do jovem era tido como um convite para uma conversa, não uma que buscasse uma explicação sobre a natureza de cada um dos galhos, mas que se encaminhasse para uma experiência vívida, as afetações e os sentimentos que este encontro poderia provocar, as potências e possibilidades de ser e estar naquele espaço.

Nunca mais Betinho foi visto. Alguns dizem que se tornou galho da mancenilheira, outros que havia se tornado um andarilho. Há até quem pense que foi afogado por Dara. Mas não importa o que realmente tenha acontecido com Betinho, pois no fim conseguiu, mesmo que de uma outra forma, ser parte da cidade e ali habitar.



A Espera e a Esperança

TIC-TAC-TIC-TAC.

— Alguém está batendo à porta. Talvez seja o tempo.

— Boa noite! Espero não estar incomodando.

— Nossa, que surpresa você por aqui. Obrigada pela presença, ela é preciosa nos tempos em que vivemos. O que a traz a minha casa?

— Desculpa a demora, vim assim que pude. Me perdoe por fazê-la esperar. Minha vida anda corrida, por isso serei breve. Tivemos uma perda. Não sei como dar a notícia, mas o tempo se foi.

— Espera! Mas o que aconteceu?

— Já era de se esperar que algo assim pudesse acontecer. O tempo tinha seus acordos, alguns que o mantinham vivo, outros que o sufocavam. E em um desses acordos, o tempo se viu sem saída. Ao que tudo indica houve um encontro entre o tempo e o prazo. A partir daí já não se via mais tempo. Talvez tenha sido morto pelo prazo. Mas ainda não o encontraram e após esse encontro talvez não o encontrem mais.

— Mas não é melhor esperar? Podemos encontrá-lo em algum lugar. Talvez esteja perdido.

— Não há como encontrá-lo. Não há (,) Esperança. Eu esperei por ele, por algum resquício do tempo. Mas já estava perdido. Podemos esperar mais um pouco, mas acho que é irreversível.

— Por favor, vamos esperar! Ele pode ainda estar em algum lugar, perdido por aí.

— Como esperar quando não há mais tempo? Não prolongue seu sofrimento. Espero que entenda que em qualquer ocasião ele cumpriu seu papel. A sua passagem por aqui durou o que tinha que durar. Tudo o que temos também é fruto dele. Seu legado não foi perdido e está registrado. O que passou, passou. É de minha natureza esperar, mas até para a espera tem um fim. O que você espera quando resolve esperar?

— Não sei! Que o tempo volte?

— Talvez seja o momento de deixá-lo ir, onde quer que ele esteja. Espero que o que tenha feito até aqui seja uma porta de abertura para novos tempos. Para novas configurações de tempo, que viverão de outros modos, diferentes daquele que conhecemos.



CONTOS DOS ORIXÁS

²Na narrativa de ifá se relata o dia em que Iku, a Morte, resolveu matar todas as pessoas de um povoado antes do tempo previsto. Para isso, Iku montou armadilhas e atraiu as pessoas até elas.

Desesperados, os homens e as mulheres não conseguiram deter Iku de forma alguma. Todo dia alguém caminhava em direção as suas armadilhas. Sem saber como agir, os mais velhos resolveram perguntar a Orunmilá que sabia consultar o oráculo de Ifá, sobre como deter Iku.

Orunmilá consultou o oráculo e disse que apenas os Ibejis seriam capazes de deter Iku. Muitos se assustaram com a resposta do sábio. Os Ibejis eram os filhos gêmeos de Oxum; crianças terrivelmente levadas. Não paravam de brincar, correr, fazer travessuras. Como poderiam deter a morte? Acontece que Orunmilá não errava; os adultos foram então pedir aos Ibejis que eles parassem a morte. As crianças aceitaram a tarefa com a condição de, caso afastassem Iku, receber presentes, doces sortidos e carurus. E ninguém mais poderia mandá-las parar de brincar. O acordo foi feito.

Os Ibejis foram para o caminho em que Iku fazia suas vítimas, seguidos também pelo irmão mais novo, chamado Idowu, maneira como os iorubás nomeiam o

primeiro filho que vem depois dos gêmeos. Aqui no Brasil, Idowu virou Doum, irmãozinho de Damião e Cosme.

Acontece que os Ibejis tinham um tamnbor enfeitiçado. E foi com o tambor que um dos gêmeos entrou no caminho onde Iku armara sua armadilhas. O outro, bem escondido, seguia o irmão de perto. Idowu, muito curioso, ia mais atrás.

Quando Iku ouvir o tambor, achou tão bonito que resolveu não matar o menino que tocava. A morte começou a dançar, cantar e bater palmas. Mal sabia Iku que o tambor encantado enfeitiçava os corpos, que não conseguiam mais parar de bailar.

Iku dançava tanto que não percebeu que os gêmeos trocavam de lugar, para que a música continuasse sem parar. Iku se sentiu esgotado, mas não conseguiu parar de dançar. Em certa altura, implorou para que o menino parasse de tocar o tambor.

Os Ibejis, então, propuseram um acordo. Se Iku retirasse todas as armadilhas do caminho, eles parariam de bater o tambor. Iku aceitou a proposta e jurou que só levaria alguém quando fosse realmente a hora. Desta maneira, os Ibejis derrotaram a Morte, salvaram o povoado, receberam doces, brinquedos e carurus e passaram a ser reconhecidos como grandes orixás.

² (Simas; Rufino, 2019, p. 43-44).



IKÚ E OS IBÉJÌ

Hugo Canto

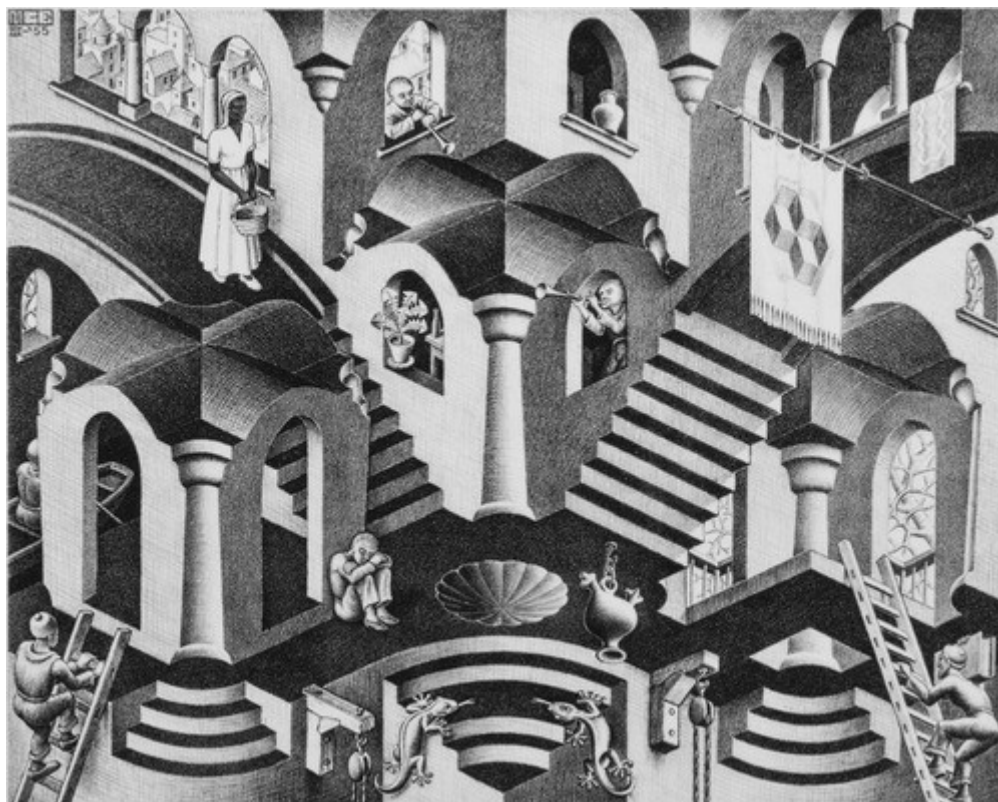


Figura 6 – Côncavo e Convexo. M. S. Escher. Litografia (1955).

Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Convex_and_Concave#/media/File:Convex_and_Concave.JPG.



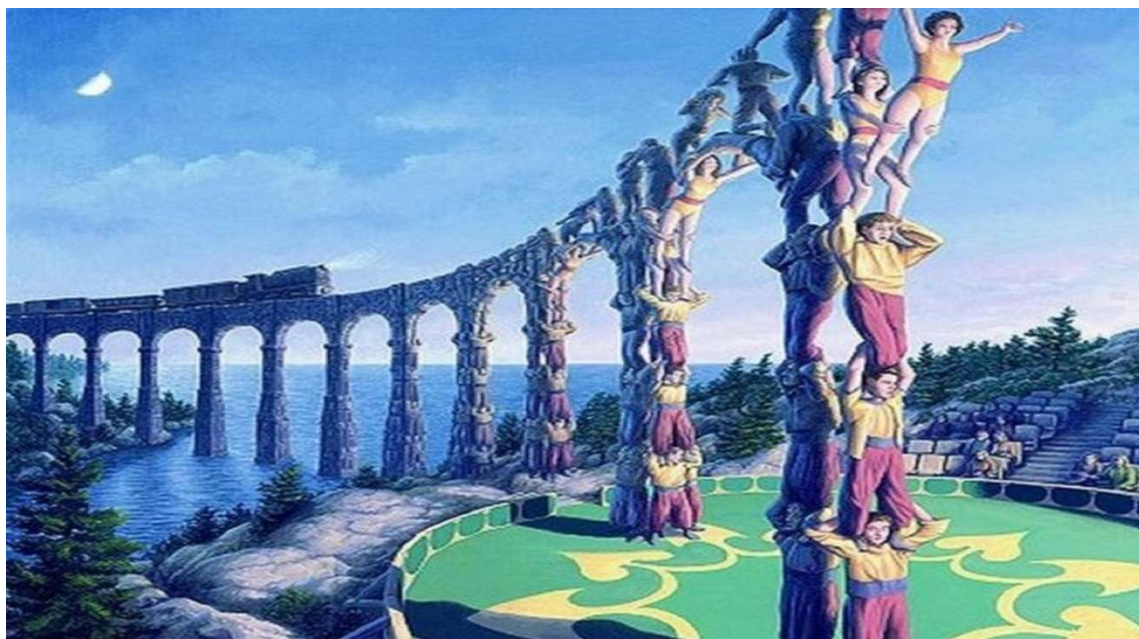


Figura 7 – Engenharia acrobática. Rob Gonsalves (2008).

Fonte: <https://www.megacurioso.com.br/ilusao-de-optica/98152-17-ilusoes-de-optica-em-pinturas-que-vao-enganar-o-seu-cerebro.htm>.





VAMOS JOGAR?

Regras de “Vamos jogar?”

- 1- Cada jogador deve escrever um texto de no máximo 10 linhas.
- 2- A primeira frase deve ser iniciada pela primeira letra do seu nome.
- 3- As frases seguintes devem ser iniciadas por “L+2”, sendo “L” a letra que inicia a frase anterior.
- 4- As frases não podem ser iniciadas por vogais, caso a primeira letra do nome seja iniciada por uma vogal ou “L+2” pare em uma vogal, utilize a próxima letra do alfabeto.
- 5- O número máximo de palavras em uma frase deve ser igual a metade da idade do jogador. Caso a idade do jogador seja um número ímpar, somar mais uma unidade à idade do jogador.
- 6- O primeiro e o último verbo de cada frase devem ser sinônimos.
- 7- A pontuação: “.”, “!”, “?”, deve ser utilizada pelo menos uma vez, cada uma.
- 8- Divirta-se!



6!

- 1- Os carros já cruzavam as avenidas da cidade. Nem o despertador e nem os barulhos da buzina a fizeram acordar. Já havia passado da hora. O primeiro olho é aberto e o segundo tenta acompanhar. Durante o processo, a cabeceira da cama é golpeada por um movimento involuntário na tentativa de Cris se espreguiçar. Não foi fácil pular da cama, não havia dormido muito bem na noite passada. Nada muito diferente dos últimos dias dessa semana.
- 2- Acordar, escovar os dentes, abrir a porta da geladeira procurando algo que não a fizesse sair de casa. A luz iluminando um vazio que a agitação de sua vida lhe proporcionava. O relógio digital marcava 6h. Mais uma vez atrasada, mais uma vez precisaria correr. O ritual diário não deixava escolhas, mesmo que quisesse escapar dele.
- 3- Procurava um lugar que pudesse ter um descanso, um minuto de paz. A falta de tempo fazia com que já não se aventurasse em conhecer um outro local. Talvez a culpa não fosse só do tempo. A luta que mantinha para manter sua vida em ordem não a permitia pensar em algo diferente. Mas há sempre um dia em que a vida toma outros rumos e Cris resolveu se aventurar e conhecer um outro local para se alimentar. Um grunhido na barriga e um calor incessante logo mostra que não foi a melhor das ideias.
- 4- Já não restava mais tanto tempo. Um semáforo separava Cris de seu próximo encontro. Cada segundo a deixava mais apreensiva. No fechar do sinal, em uma maratona contra o tempo, desfila na faixa de pedestre como se estivesse participando de uma competição de marcha atlética.
Uma batalha entre as duas pernas, os dois pés, para descobrir quem chegaria primeiro. Trocando de liderança a cada passada, finalmente cruza a linha de chegada.
- 5- Um encontro mais que aguardado. Acreditava que o doutor pudesse de alguma forma ajudá-la. Talvez algum medicamento que colocasse um ponto final em sua agonia ou estivesse buscando neles alguma esperança para sair desse estado. Não podia mais esperar. Queria uma solução prática para dar fim a sua dor.
- 6- Mais um dia no ciclo diário do que chamam de vida. Cris desliga o fogo ao barulho da sinfonia produzida pela água em ebulição. Não importa como seria seu dia, sempre acabava se entregando ao vapor que saia da xícara. A cada gole, a sensação de que no próximo dia tudo ficaria bem, de que aliviaria sua dor.



Selo Digital n°:



Para conferir a procedência deste documento efetue a leitura do QR Code impresso ou acesse o endereço eletrônico



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS



CERTIDÃO DE ÓBITO

VIDAS EM DIVÃ: UM ENCONTRO ÉTICO-ESTÉTICO-POLÍTICO DE ESCRITAS EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

MATRÍCULA

9999999.99.99.9999.9.99999.999.99999999-99

3 sessões

98 pág.

PPGEM- PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

FILIAÇÃO E RESIDÊNCIA

JOÃO ROBERTO BETA CASAL
CORTIÇO E REUNIÕES DO GRUPO DE PESQUISA E ...

DATA E HORA DE FALECIMENTO

DIA

MÊS

ANO

LOCAL DE FALECIMENTO

UNESP (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA " JULIO DE MESQUITA FILHO") – CAMPUS RIO CLARO

CAUSA DA MORTE

TEMPO

DECLARANTE

CRONÓPIES+

NOME E NÚMERO DE DOCUMENTO DO MÉDICO QUE ATESTOU O ÓBITO

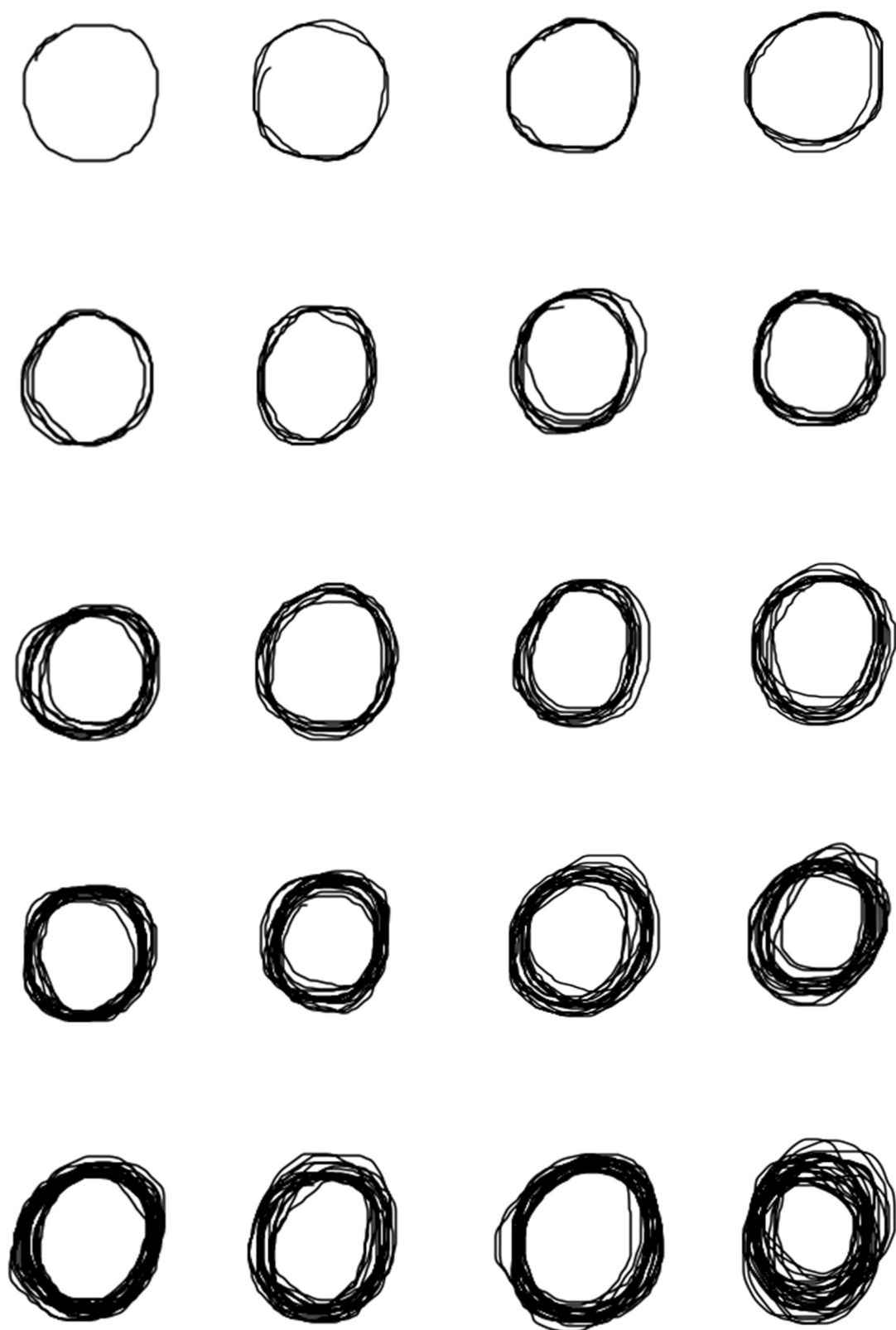
DOUTOR ROGER MIARKA

AVERBAÇÕES/ANOTAÇÕES A ACRESCER

ANOTAÇÕES DE CADASTRO

Conferido por:





³Enquanto o beijo dela não vem...

Corro a 100 por hora. A hora é agora. Bora fazer história.

O poeta está no limite entre céu e inferno, lutando para ser eterno...

Caneta sangra no caderno.

Rebeldia é vida, submissão é morte.

Mortos vivos nas ruas, zumbis que seguem ordem

Latino-américa de veias abertas, sempre alerta.

Só uma coisa na nossa vida é certa:

Sei que não quero encontrar

Ela parada em algum lugar

Pronta pra me seduzir, me enganar, me levar.

Nunca aprendi a dançar,

Mas no que depender de mim nossa valsa vai atrasar, sei lá.

Todo minuto é último e único e que meu tempo de júbilo,

Seja maior que o meu tempo de tumulto.

Vida longa, morte digna, mínimo que peço

A quem estiver no comando dos arquitetos do universo.

Corro demais só pra te ver, meu bem.

Temos nosso próprio tempo e o ceifeiro também.

Antes do beijo do Além, *to pique kurt cobain*

Acelera igual Mad Max pela terra de ninguém.

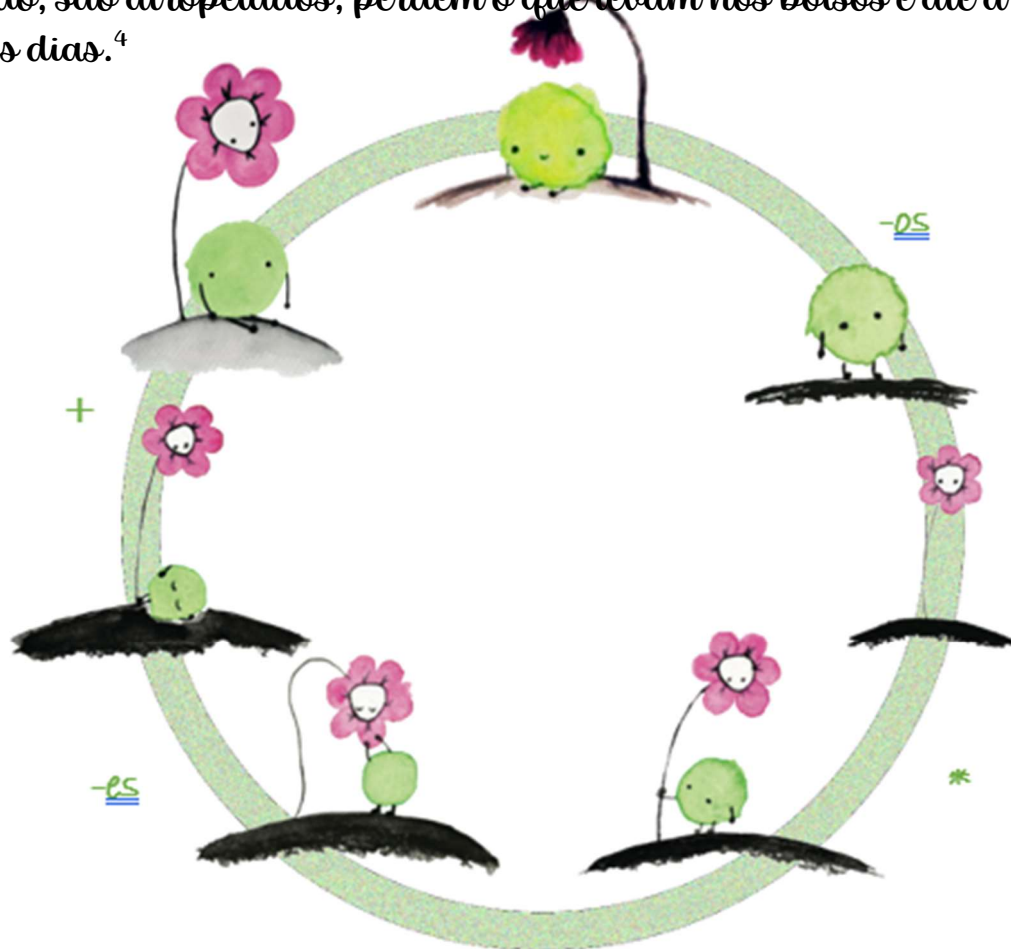


³Trecho da música beijo da morte do grupo cartel MCs.





*A força dos cronópios é a poesia. Eles cantam, como as cigarras, indiferentes ao prosaísmo do cotidiano; e quando cantam, esquecem tudo, são atropelados, perdem o que levam nos bolsos e até a conta dos dias.*⁴



O Coletivo Cronopies+ – um grupo de pesquisa, de estudo, de extensão, de amigos... – tem buscado operar com a Filosofia da Diferença em suas investigações em Educação Matemática, entendendo que, assim, pode promover a diferença como produtora de conhecimento. Nessa perspectiva, a Arte e a Educação Matemática não são um fim em si mesmas, mas meios para lidar com as urgências das comunidades com que trabalham em pesquisas intervencionistas. Juntos, esses campos são operados pela possibilidade de, nessa composição, criar modos inventivos e com potência de produção junto a elementos ainda pouco mobilizados na pesquisa. Nesse rastro, nossas pesquisas têm se atentado a grupos em situação de vulnerabilidade social, apropriando-se de elementos da Arte para criar uma política narrativa única para cada trabalho.⁵



⁴ (Cortazar, [s.d.], p.5).

⁵ Retirado de: [cronopiando.org.](https://www.behance.net/gallery/3691889/Cronopio-y-Flor) Imagens retiradas de: <https://www.flickr.com/photos/magdiland/4394415500/in/set-72157623524076648>.

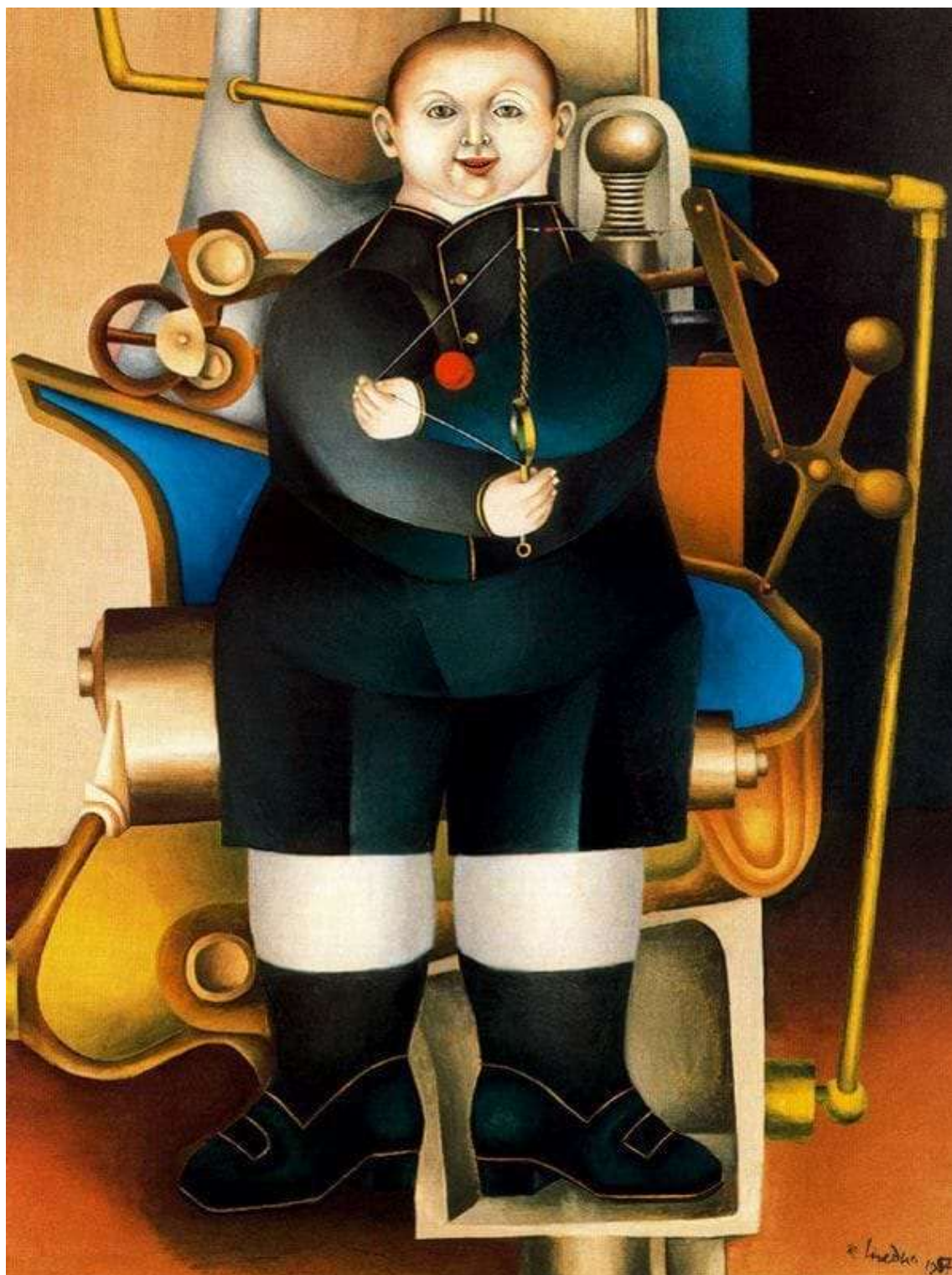


Figura 8 – Boy with Machine, Richard Lindner (1954).

Fonte: <http://milenaolesinska.blogspot.com/2016/02/richard-lindner.htm>.



[illegible][illegible]

Colaptes auratus de Andrade e Tello (2013, p.

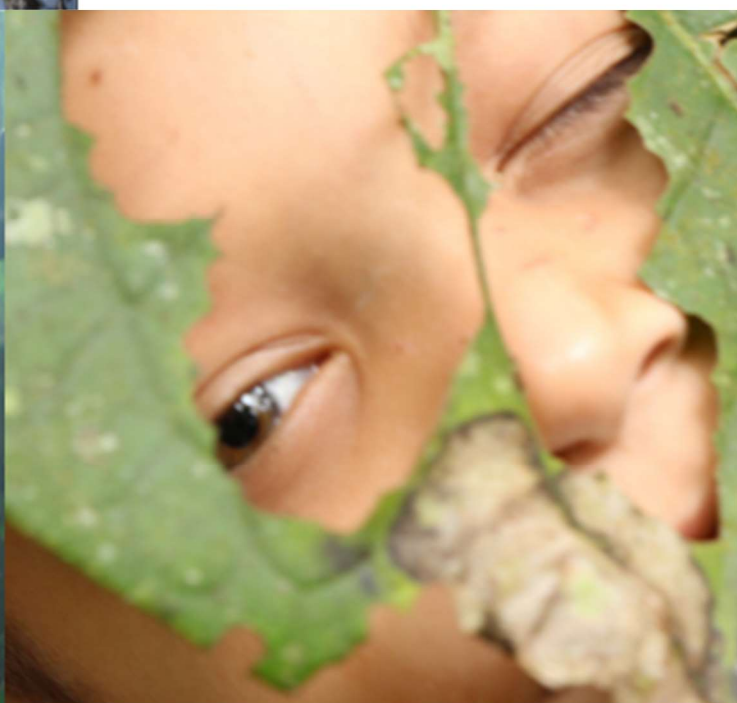
que tracei **traçarei**
produzir uma **versões** de
lugar, de um espaço **um tempo**
Diferença é a **especificidade** que emba-
lura em uma **superfície** até e entrada
em "tempos das dimensões", as
formas de expressão pito-
resca, técnica, não é a
apropriação, e nunca é
sim de apropriação. A **signifi-**
cação tempo **URB** e espaço
das construções (para) e
dentro serviços com processos
de desvalorização Operar uma
cidade menor **BIENNALE**
criar uma teoria espacial com
experimentação de um lugar
uma dissertação ambulante, um
lugar-espaço-tempo

[illegible][illegible][illegible][illegible]

103

2002a, p. 40.

121



Vale do Ribeira de Iguape – SP, São Paulo, MPV, 1998.

NIL-IZSCOR, Friedrich. *Assim falou Zarathustra*. Tradução: Paulo César de Souza. Editora Companhia das Letras, 2011.

NUNES, Cláudia. *Contos das 3 irmãs*. Disponível em: <http://www.3casas.com.br/contos-de-3-casas/>. Acesso em: 12 fev. 2015.

OLIVEIRA, J.R. Werneck. *Metáfora de, Gráfico e espaço, educar ou educar para a globalização*. In: Pro-Princípios, Campinas, v. 20, n. 4, 2008. Disponível em: <http://www.proprincipios.org.br/revista-pro-principios/revista-pro-principios-2008/oliveira-jr-werneck-metaphora-de-grafico-e-espaço-educar-ou-educar-para-a-globalização/>. Acesso em: 16 fev. 2015. <http://dx.doi.org/10.13063/2153-9328.2008000000002>.

OLIVEIRA, J.R. Werneck. *Metáfora de. A educação nublada dos mapas*. Revista Geográfica América Central, [s.l.], v. 2, n. 47, July 2012. ISSN 2215-613X. Disponível em: <http://www.geogeo.org/revista-geografica-america-central-2012-47/>. Acesso em: 20 out. 2017.

PANSON, Eduardo. KASTUP, Virginia. ESCÓSSIA. *Lilium da torção: Pistas do método de cartografia: conceitos, interpretação e produção da subjetividade*. Porto Alegre: Salina, 2010.

PEREIRA, Renato. *Kavverli Kavverli*. Cadernos de Subjetividade: Nôcleos da Pesquisa em Subjetividade, PLCSF. Dezembro, 2010.

QUEILHADOS DO RIBEIRA. *Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira*. 2011. Disponível em: <http://www.queilhos.com.br/queilhos/>. Acesso em: 15 jan. 2015.

RAMOS, Grazianna. *Linhas tortas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

RANCHERI, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. 2. ed. Tradução da Mônica Costa Netto. São Paulo: EPO, experimental edit., Editora 34, 2009.

ROJNIK, Sueli. *Cartografia existencial: transformações contemporâneas do desenho*. 2. ed. Porto Alegre: Salina, 2014.

ROJNIK, Sueli. *Pratimologia, corpo e devir: uma perspectiva filosófica-poética no trabalho acadêmico*. Cadernos de Subjetividade: Nôcleos da Pesquisa em Subjetividade, 2010. Programa de Estudos Pós-Graduados em Subjetividade Clínica da PUCSP. São Paulo, v. 1, n. 2, 2010.

ROJNIK, Sueli. *Pratimologia*. Disponível em: <http://www.pratimologia.com.br/Pratimologia/>. Acesso em: 16 fev. 2015.

RUSHIDE, Sônia. *Os versos santinhos*. Tradução de Manuel Durán. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTOS, Katia M. *Cartografia e subjetividade: Agradecimentos*.

[illegible][illegible]

AS ~~ALFAS~~ DOS FLUXOS SÃO MIS-
GÊNTOS, COMPOSTOS DE PELES, UN-
TIFICADOS, MAS TAMBÉM LINHAS DE
SONS, ruidos...



para o desdobramento [redacted] DAFC
na maioria sobre um plano [redacted] as fil
de Santos Colocar um problema para esta apresentação, con
base em dados estatísticos, **assim**, um aspecto a ser
como se fosse a que está sobre a sua da capa, **em b**
do fundo e que vem sendo de se

UM QUELOMBO FECHADO
SOBRE ELLE MESMO. Entrar pelo
convite é conectar-se com os
modos como esta pesquisa se
conectou com o MANDIRA.
Uma conexão que produz um
modo de visitar um lugar.
A ENTRADA PELA CONITE PERMITE A
EXPERIMENTAÇÃO DE UM ESPÇO-TEMPO
QUE PRODUZ UM CONHECIMENTO, UM
CONHECER... e, ao tempo e ao mesmo
tempo

Que **espaço da experiência** e que **experiência do espaço** esta entrada pelo convite produz-se escrita de uma desconhecida?



DOI CANTON

**... para sua abren-
tura de vales?**

[illegible][illegible]

Tal exercício é decorrente da minha participação – por vários anos em alguns espaços e processos educacionais com populações indígenas e em condições de subdesenvolvimento social em meu país, na Colômbia, durante os quais, muitos questionamentos sobre os mecanismos de minha própria agitação de não saber e instinto no que meu corpo consegue a abstrair-se. Como movimento completamente não ocupado, não travado.

Por exemplo, no momento de fazer o projeto de estrada foi necessário no percurso sobre o lugar mais indicado para assentar os *anchaetes*, com o qual marcamos logo que não havia um lugar certo para tal fim, pois, independentemente do lugar escolhido com eles, o realmente importante é o

Elaboradas em projetos educacionais no **Colégio**
 Interamericano pertencentes ao **setor**
 associado ao **ministério da administração** estatal.
 Antes **gostei**, **encontrava** **algumas** **indicações** **obscuras**
 mas **quero** **os** **projetos** **desenvolvidos** **de** **leitor** **que**
 são **abertos** **de** **consequência** **os** **conhecimentos** **especializados**
definitivos **para** **le** **e** **colaborar** **nos** **seus** **planos** **de** **estudo**,
 sabendo **que** **fazem** **parte** **do** **patrimônio** **científico** **das**
 diversas **comunidades** **que** **constituem** **no** **nosso** **País** **de**
 acordo, **no** **seu** **a** **plano** **de** **estudo** **e** **a** **realização** **de** **se** **os**

Distinguem-se, igualmente, **álgebra** nas formas como a **Álgebra** Intermediária e a **Extramatemática** nas **casas**. No Ceará, por exemplo, a necessidade de incorporar os saberes, conhecimentos e práticas da comunidade **vaqueiro** com a

Os dirigentes de competições locais defendem que as regras atuais, como o Ministério da Educação Nacional *o* *recomenda*, se devem seguir, desde que sejam como sempre das competições.

Trabalhos, ou seja, que nos levem a alcançar o estado de toda

a escola, as particularidades e os valores de ensino de matemática, mudando completamente a direção do currículo e a qualidade de conhecimentos que a criança adquire.¹²

Ou seja, trata-se de uma **análise sintática** (matemática) que **analisar** parte das estruturas definidas sintaticamente e **promover transformações** que são **transformações de nível** que acontece no próprio enunciado, "um enunciado original" que

perante que os salteiros (trabalhadores) sejam utilizados em áreas ruins e situações, e não sejam procurados para a construção correta de um pouco melhores no campo construído.¹

Die weitere
Entwicklung

Programma di lavoro

Consegna il tuo **fundraiser** in 10 minuti alla
conferenza e avrai la possibilità di presentarlo.

Rechtsanwalt, Steuer- u. Wirtschaftsprüfer, für
Kaufverträge, Mietverträge, Erbschaften, etc.

do CO₂. **Green New** e **Just e Equilibrado**, uma parte de seu acordando e concordando com o Parlamento. Por sua parte, Estuarte

interior, com uma sala de estar ampla, cozinha equipada com todos os utensílios necessários, banheiro com chuveiro e WC, quarto com cama de casal e armário, sala de jantar com mesa e cadeiras, e uma varanda com vista para o jardim. O imóvel está em excelente estado de conservação e é ideal para quem busca um lar confortável e seguro. Não perca esta oportunidade! Contate-nos agora mesmo para mais informações e agendar uma visita guiada.

[illegible]

uma mensagem. O que farei se não conseguir fazer um grupo de trabalho? Que alternativas tenho? O que o trabalho proporciona? Como contribuir a propósito? Como se sente ao compartilhar assuntos com seus associados e o de sua organização?

procurador-geral que tem autoridade para se pronunciar a respeito de uma espécie de crime federal que se aplica às autoridades do país, como um agente de segurança pública ou um chefe de polícia.

...a cultura que ele chama "cultura de
...de diversidade".

... como sempre, a dificuldade maior era a de explicar, não a de coordenar, pois mesmo em momentos, as "baterias" de um **plano comum**?

... e, portanto, a ideia de que a educação é uma tarefa que se realiza no cotidiano da vida, e não apenas no espaço da escola, é uma ideia que se torna essencial para a compreensão da educação como um processo contínuo e em constante transformação.



De suas histórias de vida, pessoas
passou a medir salares. Não houve certeza de que
seus nomes significam sua origem política, dos seus interesses
dos de origem, mas em sua obra, passamos a conhecer a realidade da vida
e a riqueza dos tempos, em sua vida pessoal e as marcas da história
do Sul, e nos fazemos a ideia que a história nos vem distinguindo os fatos do sul, e
conhecemos os acontecimentos da vida, de maneira

[illegible]

Tas transformações pessoais são parte do **enriquecimento** do **homem moderno**, de um **hombrão** do mundo **contemporâneo**, de um indivíduo que desenvolveu métodos próprios para lidar com a complexidade da vida.

de modo **completo** em se tornar – em termos de maior carga processual, segundo sua natureza e grau de complexidade – “aprendizado” devido à carga onírica decorrente da carga de afeto por função de pensamento, por vezes e forças secundárias tornam-se fundamentais em seu processo, envolvendo pequenas lutas a cada passo.

Por exemplo, inicialmente tentamos organizar alguns **workshops** que nos foram **úteis** para desenvolver as atividades de modelagem de forma que as demais atividades que tínhamos não se tornassem obrigatórias, mas desde a primeira tentativa – que tinha um caráter mais de conversação por não ter um roteiro fixo

certas peripetias e momentos dramáticos que não necessariamente estão se agitando em seu **Net 11** do dia a dia, com o qual em algumas ocasiões **trabalha** estudantes, **ensina** e, em outras, só participamos de encontros **de** **dois** estudantes.

Contudo, vale lembrar que a complexidade só é a qual se configura tal **entendimento** não indica necessariamente que **melhor** em que se **encontra** fatores isolados, mas se forma como **espécies** **encontradas** em cada um deles. Assim, encontra após encontrar, foi se perdendo um certo espaço em que cada um deles, no caso, foi se **perdendo** uma espécie de

de **consciência** em **breve** e **resumo** que tem que a ideia que se registra na primeira das primeiras vezes, se tem não se deu um tratamento, se mesmo não fôr.



Da criação à criatura

Roger

Da filosofia, a diferença em olhar o mundo à sua maneira. Da matemática, a fita que encontra em si resistência. Um feiticeiro que encanta aqueles que cantam a vida. No olhar, uma particularidade: enxergar o que outros não veem, visualizar além da superfície. A própria Medusa, paralisando aqueles que a olham, transformando em troféus os que ousam acompanhá-la. Se encontrá-la, corra! Ou poderá ser enfeitado, petrificado. Mas o que esperar de uma criatura verde e úmida? Que ela possa festejar a vida? Que ela jogue amarelinha com Cortazar? Das aventuras com Mía Couto às técnicas de movimentos estratégicos, ninguém sabe ao certo onde estará, ao menos que ele queira encontrá-lo. Deleuziando pelos cantos, decanta a vida, encanta mundos. Feitos que por si só já o fazem gigante. Mas tudo se torna pequeno quando comparado a seu coração.





Operantes metodológicos ou encontros vagabundos

AMARIS-RUIDIAZ, Paola Judith. **Encontros e fluxos numa escola:** educadora matemática em potência de criação, fratura e resistência. 2018. 179f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/155962>. Acesso em: 28 ago. 2023.

AMARIS-RUIDIAZ, Paola Judith.; MIARKA, Roger. Escrita-corpo-experiência e literatura: que pode o escrever (na pesquisa) [em educação matemática]? **Alexandria:** Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, Florianópolis, v. 11, n. 3, p. 13-31, dez. 2018.

AURICH, Grace Da Ré. **Reescrita de Si:** a Invenção de uma Docência em matemática. 2017. 152f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

CARVALHO, Fabrício Da Silva Teixeira. **EDUCAÇÃOARTEPROFESSORARTISTA.** 2015. 499f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/5602>. Acesso em: 23 ago. 2023.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica.** Tradução de Peter Pál Pelbart; São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka:** por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia, v. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença.** 2. ed. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1995. Coleção Debates.

DERRIDA, Jacques. **A Farmácia de Platão.** São Paulo: Iluminuras, 2005.

DINALI, Wescley. **Pesquisar em educação:** um passeio estéticoanarcoesquizonoisepunk. 2020. 222f Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/11797>. Acesso em: 23 ago. 2023.

DORE, Lucas Esteves. **que diz o muro da escola?** Aprendizagens e deslizamentos e matemática. 2018. 82f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de

Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. Disponível em:
<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/9330>. Acesso em: 23 ago. 2023.

FERNANDES, Filipe Santos; GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Metodologia de Pesquisa em Educação Matemática: éticas e políticas na inserção de novos sujeitos, cenários e conhecimentos. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 14, n. 34, p. 1-16, abr. 2021.

FUX, Jacques. **Literatura e Matemática**: Jorge Luís Borges, George Perec e o OULIPO. São Paulo: Perspectiva, 2017.

GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. **Revista Educação e Realidade**, EDUFGRS, v. 27, n. 2, p. 169-178, jul./dez. 2002.

GOMES, Danilo Olímpio. **Rigor sem órgãos**: em meio a relações discursivas, (r)ex(s)istências possíveis. 2020. 205f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2020. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/192603>. Acesso em: 28 ago. 2023.

GONDIM, Diego de Matos. **Ribeiras de Vales... e experimentações e grafias e espaços e quilombolas e...** 2018. 143f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho" (UNESP), Rio Claro, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152579>. Acesso em: 28 ago. 2023.

GONDIM, Diego de Matos. **Manifestos Quilombolas**: Desta Terra, Nesta Terra, Para Esta Terra. 2021. 309f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2021. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/215015>. Acesso em: 28 ago. 2023.

GONDIM, Diego de Matos; MIARKA, Roger. A Constituição de um Plano de Intensidades: aprender e matemática e diferença e escrita-avalanche e... **Perspectivas da Educação Matemática**, v.9, n.22, p.115 - 131, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/3359>. Acesso em: 28 ago. 2023.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. In: CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice (org.). **Uma escrita acadêmica outra**: Ensaaios, experiências e invenções. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

LISPECTOR, Clarice. Como é que se escreve, In: LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 156-157.

LOPES, Ronilce Maira Garcia. **Histórias de uma pesquisa(dora) em uma escola do campo com professores que lecionam Matemática**. 2016. 143f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro,

2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/141480>. Acesso em: 28 ago. 2023.

MARQUES, Diego Souza. **Aprendizagem da diferença: signos e subjetivação nos estilhaços da representação**. 2017. 192f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MENDES, Tarcísio Moreira. **Uma formação esquizita. uma educação bricoleur: processo ético e estético e político e econômico**. 2015. 229f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/231>. Acesso em: 23 ago. 2023.

MIARKA, Roger. A Insubordinação Criativa na Educação Matemática: da adjetivação à verbalização. *In*: LOPES, C. E.; GRANDO, R. C. (Orgs.). **Subversão Responsável e Formação de Professores**. 127ed. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2022, v. 1, p. 109-109.

MIARKA, Roger. Sobre parafusos, miséria e Educação Matemática: discussões metodológicas na composição de Educação Matemática com filosofia da diferença. *In*: BICUDO, M. A. V.; COSTA, A. P. (Orgs.). **Leituras em Pesquisa Qualitativa**. São Paulo: Livraria da Física - Unesp, 2019, p. 165-179.

MIARKA, Roger; AMARIS-RUIDIAZ, Paola Judith; ORJUELA-BERNAL, Jorge Isidro; GONDIM, Diego de Matos. O que pode a apropriação de elementos artísticos na pesquisa em Educação Matemática? *In*: SILVA, R. R. S. (Org.). **Artes em Educação Matemática**. Porto Alegre: Editora Fi, 2019, v. 1, p. 121-140.

MIARKA, Roger; SILVA, Marcio Antonio da Geni. a Pesquisa em [E]ducação [M]atemática e o Zepelim. **Perspectivas da Educação Matemática**, Mato Grosso do Sul, v. 10, n. 24, p.752-767, 2017.

MIZOGUCHI, Danichi Hausen. As navalhas da Urgência: as políticas da escrita e a destruição do mundo. *In*. MIZOGUCHI, D. H.; Barros, M. E. B de (org.) **Políticas de escrita em pesquisas nas ciências humanas**. Niterói: Eduff, 2021.

OLIVEIRA, Marta Elaine de. **Aprender enquanto travessia: entre banalidades e formações e matemáticas e línguas e peles e escritas... uma vida**. Tese (Doutorado em Educação). 2018. 216f, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/6747>. Acesso em: 23 ago. 2023.

ORJUELA-BERNAL, Jorge Isidro. **Indígenas, Cosmovisão e Ensino Superior [algumas] tensões**. 2018. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/154217>. Acesso em: 28 ago. 2023.

PEREIRA, Vinícius Carvalho. A contrainte como jogo retórico na poética do OULIPO. **Matraga**, v. 20, n. 33, p. 174-193, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/19778/14262>. Acesso em: 20 ago. 2023.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do Sensível**: estética e política. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo; Editora 34, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **Política da Escrita**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017. 256p.

RIBEIRO, Marcos Vinícius Amaral. **Superfície-tátil**: corpo, gesto e formação. 2018. 153f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10479>. Acesso em: 23 ago. 2023.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-251, set./fev. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/cadernossubjetividade/issue/view/1964>. Acesso em: 28 ago. 2023.

SANTOS, Gilberto Silva dos. **Pedagogia da Realidade e Educação Matemática**: entre as docências escrava e nobre. 2021. 207f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências), Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/224586>. Acesso em: 23 ago. 2023.

SANTOS, Maria Celeste Cordeiro Leite dos. Conceito médico-forense de morte. **Revista da Faculdade de Direito**, Universidade De São Paulo, v. 92, p. 341-380, 1997.

SANTOS, Suelen Assunção. **Docenci/ção**: do dual ao duplo da docência em matemática. 2015. 196f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SILVA, Aline Aparecida da. **Aprendizagens em uma sala de aula de matemática**. 2016. 80f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/2235/1/alineaparecidadasilva.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2023.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Flecha no Tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SUÁREZ, Jeimy Marcela Cortés. **Um estudo com mulheres pretxs que assumiram empoderar-se por meio da tecnologia**. 2020. 148f. Dissertação